





Le ne fay rien
sans

Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

AS MINAS DE PRATA.

III.

AS MINAS DE PRATA

CONTINUAÇÃO DO GUARANY

POR

J. DE AL.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO
Rua do Rosario n. 84.

1862.

I.

EM QUE SE TRAVA CONHECIMENTO COM DOIS MOÇOS DE BÓAS PRENDAS.

Raiava o anno de 1609.

A primeira manhã de janeiro esfolhando a luz serena pelo horisonte puro e diaphano, dourava o cabeça dos montes que cingem a linda Bahia do Salvador, e desenhava sobre o matiz de opala e purpura o soberbo panorâma da antiga capital do Brasil.¹

A cidade nascenté ainda, mas louçã e gentil, elevando aos ares as grimpas de suas torres, olhando o mar que se alisava a seus pés como uma alcatifa de velludo, era então, pelo direito da belleza e pela razão da primogenitura, a rainha do imperio selvagem que dormia ainda no seio das virgens florestas.

A natureza preparara no grupo de outeiros apinhados um throno de relva sobre o qual a linda cidade dominava o oceano, sorrindo ao nauta que da extrema do horisonte a saudava com um olhar amigo, para dar-lhe o bom dia si chegava, e enviar-lhe o ultimo adeos quando se partia.

Despertando com os primeiros raios da alvorada, a população bahiana recobrava a actividade depois do repouso. As casas se abriam para receber o ar e a luz da manhã ; a pouco e pouco os mil rumores do dia, que são a voz das cidades, iam enchendo o espaço antes occupado pelo silencio e pelas trevas.

Os mestiraes e villãos já percorriam as ruas, não com a calma e regularidade de homens que vão ao trabalho, ou ao cumprimento da obrigação diaria ; mas com a agitação doce e a soffreguidão jovial de quem busca o prazer, e corre apoz uma alegre esperança.

Vestidos com maior apuro do que punham nos trajos domingueiros, homens e mulheres saudavam-se entre si com tal amabilidade desejando mutuamente as boas sahidias e estreas de anno ; apertavam as mãos com tamanha effusão, que percebia-se na cordialidade geral a doce influencia de um motivo qualquer de regosijo publico.

Com effeito, não era a festa do *anno bom* a causa unica da jovial expansão ; outra havia. Aquelle

dia estava marcado para os festejos com que a Bahia desejava solemnizar a chegada do novo Governador geral do Estado do Brasil, D. Diogo de Menezes e Siqueira, que depois de haver permanecido um anno na Capitania de Pernambuco para dispôr sobre cousas da administração, apôrtara finalmente á capital no dia 17 de Dezembro de 1608.

Não havia exemplo de semelhantes demonstrações em uma cidade onde os Governadores de El-rei, revestidos de poderes absolutos, eram recebidos com desconfiança, e muitas vezes despedidos com alegria. Mas D. Diogo de Menezes, depois conde da Ericeira, e um dos abalisados varões que governaram o Estado do Brasil, merecia pelo seu nobre character e pelos seus talentos superiores uma demonstração especial da parte dos bahianos.

Comtudo, essa unica circumstancia não bastara para excitar na classe rica o desejo de receber o novo governador com festas publicas, si o interesse, primeira lei das acções humanas, não inspirasse o mesmo pensamento, como um habil expediente de politica colonial.

Durante o tempo que se demorára em Pernambuco, D. Diogo de Menezes tinha revelado a sua força de vontade; e mostrara o firme proposito de repellir a intervenção que o bispo D. Constan-

tino Barradas e a companhia de Jesus exerciam anteriormente sobre o governo temporal.

Justamente n'essa epocha os senhores de engenho, que formavam a classe nobre e rica da Bahia, sustentavam contra os jesuitas a grande questão da servidão dos indios; e comprehendiam a vantagem de ter do seu lado um homem como D. Diogo de Menezes, cujo voto authorisado devia pesar nas decisões do Conselho da India, e no animo de El-rei D. Philippe 3.^o

Por isso, chegado que foi o governador, se cotisaram para fazer-lhe uma recepção brilhante. Em quatorze dias estavam concluidos todos os preparativos e aprestos necessarios para solemnisar com a entrada do anno os beneficios do novo governo.

O programma do festejo primava pela variedade e boa escolha. Sem fallar da missa cantada seguida de *Te-Deum*, devia correr-se á tarde no Terreiro do Collegio uma lusida cavallhada depois da qual se dariam jogos, torneios e alcanzias; á noite haveria dansas pelas ruas e arcos de luminarias feitos de palmeiras e festões de flôres na Praça do Governador.

Não era preciso tanto para excitar a imaginação viva das moças e moços bahianos; e fazer girar como corruptios todas as comadres devotas e mexeriqueiras, que a metropole brasileira naquelle tempo abrigava no seu seio.

A Bahia não passava então de uma pequena cidade com uma população de mil e quinhentas almas; mas seus habitantes eram abastados e gostavam do luxo; havia muitos colonos ricos de fazendas de raiz, peças de prata e ouro, jaezes de cavallo e alfaias de casa; alguns tinham o melhor de cinco mil cruzados de renda, e diz Gabriel Soares, «tratavam suas pessoas mui honradamente com muitos cavallos, creados e escravos.

Essas fortunas que actualmente seriam insignificantes, eram naquelle tempo avultadas; a facilidade com que se adquiriam e o genio natural da população inclinada ao fausto e á prodigalidade alimentavam na Bahia e Pernambuco um luxo superior ao de Lisboa; e entretinham o gosto pelas festas e divertimentos.

Assim, não é de admirar que a capital do Brasil despertasse na quinta-feira 1º de Janeiro de 1609 possuida do alvoroço agradável que produz uma esperança prestes á realizar-se, e precede a satisfação de um desejo affagado de nossa alma.

As seis horas o sino pequeno da Sé, tangido rapidamente, soltou os alegres repiques, que pelo som argentino parecem as vozes travessas dos anjos do Senhor, chamando os fieis; os echos vibrando no ar foram apressar as palpações de muito coração que os esperava com impaciencia.

Quasi ao mesmo tempo o carrilhão do Collegio

dos jesuitas retroando pelo espaço acompanhava o canto matutino da torre episcopal com as suas notas graves, sombrias e plangentes, que unindo-se aos repiques das outras igrejas, formavam o concerto magestoso com que a religião da luz e da verdade, saúda o nascimento do dia.

Apenas a primeira badalada do sino repercutio nos ares e a larga portada da Sé abriu de par em par, o grupo de velhas beatas, que tinham amanhecido no adro da igreja, envoltas em longas mantilhas de rebuço, esgueirou-se pela teia das naves e foi tomar lugar no cruzeiro.

Em pouco as lageas do vasto pavimento se foram cobrindo daquellas trouxas negras ou pardas de seda e burel; que nem longes tinham de vulto humano; da massa informe elevou-se um susurro, á principio imperceptivel, que ia crescendo; como si um enxame de vespas esvoaçasse pelo ambito da igreja.

Nesse momento invadio o altar uma corporação, que hoje tem perdido muito da sua primitiva importancia social, mas que, no seculo XVII representava um papel distincto em todas as carolices e galhofas da epocha; vinte meninos do coro, mettidos em sacos de lã vermelha, espalharam-se pelo corpo da igreja armados do competente acendedor.

Foi um reboliço: os rapazes travessos rindo

como perdidos pisavam de proposito os vestidos das velhas devotas, que se conchegavam resmo-neando uma ladainha de imprecações; a mocidade imprudente não respeitava a velhice; os animos se exacerbavam, o sangue fervia; afinal, esgotado de parte a parte o rosario das injurias consagradas pelo estylo, os dous campos lançaram-se mutuamente o ultimo e o mais terrivel dos insultos.

Os rapazes soltaram a palavra infamante de *barata*, á que as velhas retorquiram com o epitheto não menos affrontosó de *formigão*; e depois disso como não havia despique possível de tão grande provocação, á não serem as vias de facto que o respeito do lugar impedia, cada uma das duas hostes inimigas retrahio-se e voltou silenciosamente ás suas occupações.

Era tempo; porque a igreja enchia-se de fieis; e no adro viam-se já as cadeirinhas e palanquins que traziam á missa as donas e filhas dos ricos senhores da Bahia.

Tinham parado na calçada dois moços, ambos na flor da idade, ambos elegantes e bem parecidos, mas tão dissemelhantes no trajar, como no molde da belleza varonil.

O mais velho, que teria vinte annos, era moreno. A phisionomia franca e aberta, as côres frescas e rosadas, o porte firme e direito sobre uma estatura regular, mostravam compleição vigorosa;

mas sua expressão ressumbrava tanta graça, o sorriso que lhe brincava nos labios era tão faceiro, havia tal donaire nos seus movimentos; que a força muscular desaparecia sob a flor da feliz organização, como a robustez do tronco sob a virente folha.

Vestia gibão de gorgorão côr de pérola guardado na orla por delgado fio d'ouro com que eram igualmente tecidos os passamanos; e calção de velludo turquí debruado nas costuras por fino cairel de prata. Torçal de seda escarlata suspendia-lhe ao flanco esquerdo o florete; o bonete de velludo azul com um broche de rubi cingia os aneis dos cabellos negros; a meia côr de pinhão debuxava a perna bem contornada, e o sapato raso com espora afilada calçava um pé fino e aristocrático.

Naquelle tempo em que a profusão de côres vivas e de bordados era o toque da lotçania, não se encontraria de certo um cavalheiro trajado com mais gentileza e primor; a riqueza apenas se mostrava para não offuscar o bom gosto na combinação artistica das lindas côres, nem o esmero do corte e piques das roupas.

Tambem na Bahia não havia moço casquilho como Christovão de Garcia de Avila, senhor de uma fortuna passante de cincoenta mil crusados, e descendente de uma das familias nobres que ti-

nham vindo do Reino com Thomé de Sousa, em 1549.

Nesse momento, voltado para a Praça do Governador, elle enfiava o olhar pelo rua que desembocava no largo da Sé, e pela qual esperava ver despontar alguma cousa, que visivelmente o interessava.

O outro moço contava apenas dezoito annos. Trajava tudo negro, de simplicidade extrema, e as de exquisita elegancia. Um aljofar isolado brilhava na touca de velludo preto; as preguihas da mais fina lençaria de alvas deslumbravam; a espora ligeira que mordida o salto do borzeguim e a cruz da espada eram de aço, mas tão bem polido que scintilava como custosas pedrarias.

O setim negro das vestes dava muito realce á sua bella cabeça erguida com meneio altivo, e á alvura rosada de sua tez. Os grandes olhos pardos tinham os raios profundos e reflexivos que desfere a intelligencia nos momentos de repouso; o labio superior, coberto pelo buço de seda que pungia, arqueava graciosamente com expressão grave; era tambem de alta estatura, e tinha como seu companheiro o talhe esbelto, a mão e o pé de supremo esmero.

Mas o que especialmente o caracterisava, era uma sombra imperceptivel, que as vezes deslizando pela fronte alta e intelligente, carregava ligeira-

mente as linhas do perfil e imprimia-lhe na physionomia o cunho da vontade tenaz; nestes momentos sentia-se que a razão calma, firme, inflexível dominaria se fosse preciso as expansões da mocidade. •

Os dous cavalheiros continuavam uma conversa, que haviam começado quando se encontraram no adro da igreja.

— Perdes o teu tempo : dizia Christovão de Avila, sem tirar os olhos do seu alvo predilecto.

— Não sei em que melhor o possa empregar do que em praticar com um amigo ; respondeu o cavalheiro sorrindo.

{ — Mal vaes com disfarces que d'algo não servem, que de mostrar a verdade. Digo que perdes o teu tempo, quando teimas que entre tantas damas gentis não haja uma por quem desejes esta tarde tirar uma argolinha, ou correr um passe d'armas.

— E para ti ha alguma ? perguntou o outro desviando de si a allusão.

— Bem sabes que sim. Não sou de segredos ; tão santa cousa é o amor que Deos nos poz n'alma, que não me peja de traze-lo no rosto e á face de todos.

— Assim deve ser para quem é nobre e rico, e não teme repulsa ; mas outros ha que não tem di-

reito de erguer a vista, embora mais alto que ella tragam o coração.

As ultimas palavras foram pronunciadas com ligeiro assomo de orgulho offendido, que foi immediatamente suffocado, e esvaeceu no sorriso melancolico.

— A' fé que não te comprehendo. Tão nobre és, como os melhores e rico ; porque a ninguem, mais que a ti, devem pertencer as terras que teu avô Diogo Alvares conquistou ao gentio para El-rei, de quem as houvemos nós e nossos paes.

O moço ia replicar, quando uma cadeirinha de cupola dourada, que vinha das bandas do Terreiro do Collegio, carregada por dous negros moços vestidos á mouresca, com argaus de lã escura, excitou vivamente a sua attenção.

Christovão simulou não perceber o estremecimento de prazer que teve seu companheiro, e se voltou sorrindo.

II

COMO RESAVAM DUAS BEATINHAS BAHIANAS DO SÉCULO XVII.

Apenas a cadeirinha parou no adro da igreja, as cortinas de damascô verde franjadas abriram-se, e a ponta do escarpim de velludo que escondia um pé de menina pousou de leve na calçada, como a aza de uma gaivota quando roça a flor d'aguã no vôo rapido.

Um homem-de meia idade e compleição robusta, que acompanhava a cadeirinha estendeu o braço para receber a mão afilada e transparente que apenas tocou o velludo da manga, como si receiasse magoar-se ao contacto da mácia pellucia.

Logo assomou o vulto delicado de uma moça vestida com o faceiro e gracioso traje das andaluzas; vasquina de seda preta bastante curta para

mostrar a nascente da perna divina, e veo bastante longo para occultar o rosto e o seio, deixando apenas ver a côr de leite e a luz de dous olhos, que brilhavam mais que os diamantes do collar.

O cavalheiro que trajava vestes pretas tirou o gorro e corando inclinou-se, quando a moça passava diante delle para entrar na igreja. Recebeu em troca um olhar rapido e profundo, desses que vem do intimo e se desprendem como chispas d'alma.

— Bem certo é o anexim ; o mal e o bem á face vem, disse Christovão gracejando.

— Nem sempre !

— Segredos são escravos rebeldes, que mais amiude se tornam senhores ; por mais fundos que os tragas elles sobem á tona quando mal pensas ; si lhes cerras os labios fallam pelos olhos.

— Aos olhos de um amigo.

— De todos. Mais val não os ter ; e com isso dou-me ás maravilhas.

— Si tivesses de lutar com a fortuna que é inconstante e com os homens que são máos, respondeu o moço gravemente, terias outro fallar, Christovão.

— Digo-te que não.

— Tu vês o mundo como bom e jovial companheiro, de quem não has mister occultar os teus sonhos de prazer ; aquelles que tem nelle mu ini-

nigo, esses nunca lhe esconderão de mais a sua alma.

Nisto, um mancebo que trazia com certo garbo vaidoso as luzidas galas de suas roupas de velludo e seda cramesi, approximou-se e cortejou risinho os dous moços.

— Trajaes de negro em um dia como este, Sr. Estacio Corrêa? disse ellé com volubilidade.

— Trago luto por meu pae, e por minha mãe; respondeu o cavalheiro com certo vexame.

— Vae para quatro annos que morreu uma, e o outro deixou-vos no berço. Não cuidei que levasseis a piedade tão longe.

— Desavisado fui, Sr. D. Fernando de Athayde, em não consultar vosso calendario para saber que tempo duraria o meu sentimento; quando vier a estampa a vossa pragmatica regularei por ella o meu traje. Até lá á cada um o seu gosto e o seu modo de viver.

Estacio acompanhou o dito com um sorriso de ironia.

— Peza-me que vos enfadasse tãc innocente reparo; não foi mais que simples curiosidade. Ouvi dizer algures que pretendieis abraçar a vida ecclesiastica e entrar na companhia de Jesus, razão porque conjecturei que a gravidade do futuro estado vos obrigava já a trazer vestes sombrias.

Uma faisca scintillou no olhar de Estacio; pa-

receu-lhe que a desculpa de Fernando occultava uma zombaria ; mas a expressão de bonomia que vio no semblante do moço conteve a palavra provocadora que os labios iam soltar.

— Enganbu-vos quem tal disse ; respondeo friamente.

— Oh ! Ahi chega D. Elvira de Paiva e sua mãe ! Já não me admira de ver-vos tão apurado, Sr. Christovão de Avila !

Esta exclamação jovial, partio dos labios de um cavalheiro que se acercara do grupo ; era homem que orçava pelos vinte e oito annos ; de mediana estatura e com certo desplante militar no porte arrogante ; o rosto cuja alvura primitiva, desaparecera sob os raios do sol tropical que lhe queimara a tez , apresentava a phisionomia hespanhola, a que dava realce o bigode retorcido e a pera afilada.

O gibão e as calças de tufos eram amarellas golpeadas sobre veludo preto ; uma capa negra dobrada de seda da mesma côr das roupas cahia-lhe sobre o hombro esquerdo, mostrando no canto as armas de Hespanha bordadas a retroz, o que indicava que o cavalheiro pertencia á milicia ; tinha um chapéo de feltro branco, e meias botas de couro alourado com rendas no canhão.

Christovão que durante a conversa se distrahiria em seguir com os olhos uma liteira que

passava pela frente da Santa Casa da Misericórdia, voltou-se para o cavalheiro sorrindo :

— Achais que empregue mal o meu cuidado Sr. alferes ? perguntou o moço com affabilidade..

— Por Deus ! que não. Tão formosa dama não pisou ainda esta terra de gentio. Aposto cincoenta cruzados em um lanço de dados, que não me mostram, nem mais airosa, nem mais prendada?

— Esqueceis vossa irmã, D. José ! retrucou Fernando de Athayde.

— Oh ! Não vos tinha visto, Dom Paladino ! exclamou o alferes rindo ; mas si com isso vos offendi estou prompto a aceitar-vos requesta.

Dizendo estas palavras D. José apertou amistosamente a mão de Fernando; e cortejou com um modo frio e soberbo a Estacio, que empallidecera ouvindo as ultimas frases.

A liteira tinha parado ; vinham nella duas senhoras.

Uma teria quarenta annos de idade ; bella ruina em que o tempo , deixando impressa a sua passagem, respeitára a obra primitiva da natureza. Os cabellos haviam embranquecido, a tez perdera os toques rosados e murchara ao fogo do sangue que a escaldava outr'ora ; o frescor dos traços desapparecera com o sopro ardente dos prazeres ; mas aquelle busto descorado debuxava ainda sob a mascara da velhice prematura as formas

de um bello typo da raça judaica,— Judith ou Magdalena.

A bocca, embora desmaiada na flôr dos labios, dizia quanta paixão e quanto amor devia ter ella desfolhado nas caricias lascivas, nos sorrisos seductores e nas palavras ardentes, que semeara pelo caminho da vida : o seio branco, como o marmore de um tumulo, frio como elle., servia de urna ás cinzas do coração que outr'ora o fizera arfar com os impetos de desejos irrestiveis ; os olhos, esses brilhavam como nos dias da juventude, e pareciam o clarão da chamma interna que consumira lentamente a seiva d'aquelle corpo, como o oleo de uma alampada.

Ao seu aspecto, advinhava-se que essa mulher devia ter amado muito na sua vida, e abandonado ao prazer uma alma ardente e insaciavel. Agora, que a belleza fugira, e os sentidos se acalmavam, tinha ella necessidade ainda de algum sentimento profundo e vehemente que desse expansão á actividade da natureza creada para a paixão.

Esse sentimento era a religião ; todas as faculdade que outr'ora o amor absorvera, voltavam-se para a nova preocupação, e se entregavam a ella com o mesmo ardor e o mesmo affan : a mulher apaixonada e voluptuosa se transformara na devota fanatica ; em face de Deos, como diante dos homens, foi sempre a mesma ; foi o verbo das

almas cujo destino na terra se resume em uma só palavra—*amar* : —sublime encarnação do anjo feito mulher.

A moça que a acompanhava era a sua imagem ; mas perfumada pela mocidade, illuminada pelós raios da vida que desponta, colorida pelos reflexos do sangue tepido e puro que circula sob a cutis transparente, animada pela doce confiança que naquella idade abre os limpidos horizontes da existencia e solta o vóo a imaginação ávida.

O mesmo fogo da paixão, a mesma voluptuosidade do prazer, que deixara uma sombra das suas erupções no rosto envelhecido da mãe, brilhava nos olhos pretos e fulgidos, no sorriso languido e no requebro gracioso da filha ; mas a innocencia e a pureza d'alma vendavam ainda essas irradiações com a expressão modesta e ingenua, que as tornava mais perigosas.

D. Luiza de Paiva e sua filha desceram do palanquim, e recebendo as saudações dos cavalheiros que estavam parados no adro, dirigiram-se á capella, mór onde se achavam as almofadas de veludo roxo, que então as damas faziam conduzir á igreja por pagens escravos.

Chegando na porta que abria da sacristia para a capella, Elvira lançou um olhar em volta do pavimento já quasi inteiramente occupado pelas damas, e vio a sua almofada collocada no centro

ao pé de uma menina que tinha o véo descido; a mesma que a poucos instantes tanto havia excitado a attenção de Estacio Corrêa.

Immediatamente a moça, rocegando a vasquina preta, deu um passo para tomar o seu lugar :

— Fiquemos alli : disse D. Luiza mostrando o estrado.

— Tenho a minha almofada perto de Inezita ; respondeu Elvira voltando-se.

— Bem ; não te esqueças !...

— Oh ! não ; tenho-a de cór ; disse a moça com um sorriso malicioso.

E atravessando por entre as outras damas, foi ajoelhar-se ao lado de Inezita, que embebida na sua oração tinha os olhos baixos e as palpebras descidas.

— Por quem roga a minha santinha com tanta devoção ? perguntou Elvira baixinho.

A menina sobresaltando-se corou atravez do véo ; depois sorrio á sua amiga.

— Vieste tão tarde ! disse ella em tom de queixa.

— E' que não tinha alguém que me esperasse com seu olhar todo melancolico.

— Cala-te ; estão nos olhando ; balbuciou a moça.

— Si nos olhão, menina, é que nos querem : respondeu a amiga sorrindo.

Estacio e Christovão tinham entrado a pouco ;

collocados junto á grade que divide a capella do corpo da igreja, não perdiam nem um dos movimentos das duas meninas.

— Tua mãe?... perguntou Inezita.

— Não a vês na frente, bem proxima ao altar? Della não ha susto, continuou a moça gracejando; em quanto não desfiar a ultima conta do rosario, e não recitar todas as orações do livro domínical, não dá por cousa alguma.

— Pois desce o veo, não te voltes e podemos conversar em quanto não principia a missa; pensarão vendo-nos fallar, que dizemos nossas resas.

— Sonsinha que és!... exclamou Elvira com um sorriso. Não queres que me volte para não ver onde vão presos esses olhos.

— Vão á Deus.

— A Deus no céo, e a elle na terra.

— Minha tentação, queres socegar?

— Não me deixeis cahir em tentação, continuou Elvira com ar de malicia e fingindo que orava.

— Com as palavras sagradas não se brinca!... E' peccado! disse Inezita tornando-se seria.

— A quem o dizes? A mim que sei todas as rezas! Minha mãe tem tido o cuidado de m'as ensinar; ainda hoje sabes a penitencia que me deu? De recitar uma ladainha maior do que a Rua dos Mercadores.

— E foi isto que te demorou?

— Não Inezita ; respondeu a moça perdendo de repente o seu 'ar faceiro e entristecendo, foi cousa seria.

— O que ?

— Chorei toda a noite.

— Elle te...

— Elle não : mas por' causa delle. Minha mãe não quer ir hoje á festa.

— Se eu pedir-lhe ?...

— E' escusado ; quando lhe mettem alguma cousa de religião na cabeça ; não ha volta ; disseram-lhe que não está bem á uma dama devota ver folguedos do mundo.

— E' tu perdes tão lindas cousas ?

— Hão de estar galantes as corridas, não é verdade ? Depois me contarás ?

— Sem faltar nada. Mas ninguem dirá, ao verte tão prasenteira ; que hajas chorado toda a noite.

— Que queres ? Quando cheguei esqueci tudo, para só me lembrar que estava perto de ti.

— De ti !... disse Inezita inclinando impereceptivelmente a cabeça para o lado da grade, sem ter-guer os olhos.

Elvira reparou no movimento da amiga, e quiz tirar a sua desforra.

— Bem sei, respondeu ella trãvessamente, que estar perto de uma é estar perto do outro ; a som-bra acompanha o corpo.

— Vamos resar, menina ; acudio Inezita meio enfadada.

— Vamos. Tu sabes as *obras de misericordia* ?

— Que pergunta !

— Não as sabes, não ; porque ellas mandam consolar os afflictos ; e ali está uma alma penando por tua causa, a espera de um só olhar.

Inezita, corou, inclinando ainda mais a frente ; porém os cilios de seda, que roçavam as faces sé er-gueram e cerraram logo, deixando côar um olhar doce e avelludado, que foi tremulando embeber-se nos olhos de Estacio.

— Agora sim, cumpriste a tua devoção !

— Elvira !... Cuidas que eu tambem não reparo no que fazes ?

As duas meninas continuaram o alegre colloquio, cujo matiz gracioso não se pôde desenhar ; porque ha gestos feiticeiros e inflexões harmoniosas, que só os labios e a gentileza de uma mulher sabem dar ás palavras mais simples.

Naquelle tempo, como hoje, como sempre, duas moças amigas que se encontravam, tinham tanto que diser entre si ; os corações estavam tão cheios de segredos e confidencias ; que as boquinhas rosadas não descançavam, emquanto não destillavam todo o mel que havia nos favos delicados do coração, toda a fragrancia que respiravam as rosas d'alma em botão.

A mulher é sempre mulher ; mudam os uzos, as modas, os costumes e as linguas ; mudam os tempos e com elles os homens ; porém o anjo fragil e delicado que Deus prendeo á terra é a phenix moral, que renovando-se em todos os seculos e em todas as idades, remoça a humanidade , e a purifica.

Assim, quem ouvisse aquellas duas beatinhas dos começos do seculo desesete, conversando tão travessa e profanamente sob a apparencia do mais profundo recolhimento , esquecendo o traço e o lugar, julgaria escutar as fallas de duas moças dos nossos dias trocando no seu jardim as confidencias de uma vespera de baile.

D. Luiza ás vezes lançava sobre a filha uma vista rapida e severa, que retirava satisfeita para fital-a de novo no resplendor das imagens ; de facto Elvira e Inezita com o veio baixo, as mãos crusadas, as fronte inclinadas e os labios a moverem frouxamente, tinham um tal ar de compunção, que ninguem suspeitaria o mais leve peccadilho.

Entretanto ellas ainda fallavam de mil cousas ; não tinham dito nem metade da mutua confissão.

III.

ONDE MESTRE BARTOLOMEU REVELLA OS SEUS
DOTES PARA A SOLFA CANTADA.

A igreja estava apinhada.

O corpo sepultado em meia obscuridade servia de moldura ao retabulo da capella, a qual scintillava com a luz dos cirios e os reflexos metallicos das alfaias e gálões que cobriam os altares.

No centro da esphera luminosa, nublada pela fumaça do incenso, que exhalava da caçoula de prata lentamente embalçada pelo turiferario, destacava a cruz negra do martyrio, de onde a imagem do Christo dominava a multidão curvada e respeitosa.

Eram sete horas e meia quando soaram os atabales do terço postado no largo.

Chegava o governador D. Diogo de Menezes,

conduzido debaixo de pallio pelos juizes e vereadores do conselho, e acompanhado pelo alcaide-mór Alvaro de Carvalho, pelo provedor da fazenda o desembargador Balthazar Ferraz, pelas justiças ordinarias, escrivão dos contos e mais gente do serviço de El-Rei.

O cabido sahio fóra a recebe-lo com as etiquetas do formulario, e o conduzio ao setial collocado do lado do evangelho ; no mesmo plano estava o assento forrado de damasco branco dos officiaes da camara : vinham depois o ouvidor, alcaide, provedor e mais empregados.

Do outro lado via-se a poltrona episcopal, vaga pela ausencia de D. Constantino Barradas que se achava de visita na capitania de Pernambuco, seguiam-se as dignidades da Sé, e o côro dos conegos; no fim havia um banco de velludo roxo que devia ser occupado pelo provincial dos jesuitas á direita do dom abbade de S. Bento, e do guardião dos franciscanos.

D. Diogo de Menezes era um verdadeiro fidalgo: achava-se então no vigor da idade, no periodo de transicção dos quarenta para os cincoenta annos, em que os homens daquella tempera chegavam ao perfeito desenvolvimento de sua organização, e adquiriam a robusta virilidade, que illustrou a historia de tantos feitos brilhantes.

O nobre parecer esclarecido por um espirito su-

perior era o documento do passado honroso, e o prenuncio da carreira illustre que ainda tinha á percorrer: a severidade não excluia a affabilidade das maneiras e a polidez do trato, que caracterisavam o fino cavalheiro..

Homem do governo, escravo do dever, para quem a lei era uma religião, e a honra um culto; conhecia-se contudo que elle comprehendia, e talvez mesmo sentisse, o enthusiasmo heroico e cavalheresco, que illuminara as lendas e os rimances da media idade, e que então apenas lançava os frouxos clarões da luz que bruxulea ao extinguir-se.

Apenas o governador, fazendo uma cortezia geral, sentou-se na cadeira alcatifada, ouvio-se o temperado de garganta sonoro e classico do mestre de capella, que do alto do seu throno dirigia a orchestra: quasi immediatamente a larga tira de papel pautado, tangida pelo braço robusto, assentou no respaldo da grade do côro a palmada estridente e simbolica.

Fra é signal para começar a missa cantada; a primeira pancada do compasso que abria o solfejo de um grosso *in-follio* collocado sobre uma estante; o som da trombeta do general transmittindo ao seu exercito a ordem de começar o ataque.

Os meninos do coro tomaram o seu lugar: uma exigua figura, coberta de longa capa de raxa preta,

sahio do esvão da torre, e dirigio-se lenta e compassadamente para o teclado do orgão sobre o qual estava aberto um velho alfarrabio das solfas do Pe. Manoel Mendes.

A cor livida, os olhos profundos e cingidos de uma orla de bistre, as faces encovadas, davam áquelle semblante um aspecto triste e lugubre; os cabellos grisalhos e revoltos cahiam sobre a testa vasta e proeminente; o habito do estudo lhe acurvara o corpo emmagrecido, diminuindo apparentemente a estatura rachitica, que pouco excedia de tres pés.

Tal era o licenciado Vaz Caminha, o mais sabio lettrado da cidade do Salvador, que apezar das suas elocubrações forenses e da gravidade do officio, fazia ao mestre de capella a mercê de tocar orgão na Sé, por occasião de grandes festividades, mediante a esportula de um tostão de prata e o jantar na mesa do Sr. bispo, quando este se achava na Bahia.

O discipulo de Bartholo e Scoto endireitou a tripeça, sentou-se traçando as perninhas em forma de cruz grega, e apoiando o queixo sobre o polegar da mão esquerda, sestró que lhe era familiar, esperou o segundo signal.

— Sua senhoria acaba de chegar, disse o mestre de capella. Podemos dar começo, si vos praz, Sr. licenciado.

— Por mim não se espere, mestre Bartolomeu.

— Atenção! exclamou o chefe da orchestra, voltando-se para os meninos do coro. Atacai o *ut* com presteza, *subitò*, compasso quaternario.

• E erguendo a braço herculeo, e volvendo uma ultima vista em torno, assentou com o rolo de musica um segundo estako, que foi o preludio da mais tremenda algazarra que se tenha ouvido em templo christão.

Os gritos agudos e esganiçados dos meninos do coro, impellidos com toda a força dos pulmões, feriam o ouvido com o estridulo metalico do canto da uiraponga e no meio do alarido troava, mugia a voz de baixo profundo do mestre Bartolomeu, que com uma só nota enchia o vasto ambito da cathedral.

O monstruoso concerto durou cinco minutos em formidavel *crescendò*; depois baixando de tono em tono, reboando pelas altas abobadas, expirou como o trovão que rebenta ao longe pelas nuvens, ou como o oceano encapellado quando geme sob a refrega do vento.

No entretanto o deão, que officiaava na ausencia do bispo, revestido dos guisamentos sacerdotaes, subia ao altar acompanhado dos dous acolytos; e o cantochão desafinado dos conegos respondia dig-namente ao desafío musical da orchestra.

Então o mestre da capella, que a guisa de al-

guns cantores modernos desempenhava ao mesmo tempo dous papeis, o de baixo e o de contralto, cerrando as largas queixadas expellio pelo nariz uma voz de tiple, fanhosa e rachada, que metteria inveja ao mais alentado ennucho da Capella Sextina; era um *alegro* predileto do grande solfista.

Assim, apenas terminou, ainda com as bochechas inflamadas e o suor a correr-lhe pela touta, voltou-se para Vaz Caminha, que feria as teclas com a mesma gravidade que teria, si estivesse consultando um texto do *Corpus juris*, ou arrasoando um aggravo para a casa da supplicação.

— Que dizeis deste solo, Sr. licenciado? E' solfa deste voasso servo.

— *Optimè!* respondeu o lettrado cortezmente. ¶ Era a vigéssima vez que o Sr. Batolomeu cantava aquelle trecho e terminava pela pergunta referida, á qual o advogado com a regularidade dos homens sisudos e pensadores respondia pelo mesmo adverbio.

A' ponto que isto se passava no coro e a missa cantada proseguia, muitos sentimentos diversos e bem extranhos á cerimonia sagrada se agitavam nos actores principaes da scena.

D. Diogo de Menezes vendo a cadeira do provincial dos jezuitas vaga, sorrira de um modo significativo; comprehendera que a ausencia não motiyada, no dia em que se celebrava a sua chegada,

era um primeiro manifesto de guerra que lhe lançavam os aliados do bispo D. Constantino.

Embora fosse toda mental e intima a reflexão, o fidalgo ergueu a cabeça com uma expressão de energia como si accettesse o desafio e se preparasse para a luta; depois lembrando-se onde estava, inclinou diante de Deus a fronte que trazia sempre alta em face dos homens.

Mais longe as duas meninas, logo que começara o sacrificio haviam cessado a conversa, e emudecido no santo respeito que lhes inspirava o sublime misterio da religião christã; mas o espirito de Elvira, rebelde e tenaz, voltava ás suas preocupações, apesar de todos os esforços que ella fazia para afasta-lo de taes idéas, e traze-lo á oração que os labios balbuciavam authomaticamente.

A moça lembrava-se das festas que deviam ter logar á tarde, festas que a haviam feito sonhar tantas horas, e que iam se passar sem que ella as gozasse; sua imaginação revoava por todas aquellas imagens brilhantes, e esquecia a realidade para viver ainda alguns instantes de esperança; mas a illusão desvanecia-se breve, e tornava ainda a mais pungente a decepção.

As vezes na sua colera infantil, a innocente fazia protestos de querer mal á sua mãe por causa da crueldade com que a condemnava á solidão no

momento em que todos folgavam e riam; eram impetos passageiros como as faúlhas que saltão das chammas e se apagam no ar.

Por fim acabava pedindo á Virgem perdão para o máo pensamento que tivera; e resignando-se á sua desventura, enfiava por entre o veo um olhar longo e apaixonado, que penetrava até o coração de Christovão, e voltava mais sereno e consolado.

Inezita, essa estava inteiramente absorvida pela oração; o espirito de Deus a dominava; e só de espaço a espaço, nos momentos em que a alma sahindo da meditação lembra-se que tem um-corpo; a tímida menina sentia-se viver pela recordação do logar onde estava e da proximidade de Estacio; então sem ver, advinhava que o olhar do moço a envolvia em um raio de amor, e estremecia com a sensação de um gozo inexprimivel.

Mas o que ella não podia advinhar era a angustia que confrangia a alma do moço, ajoelhado junto á grade e tão pallido, que o oval de seu rosto illuminado por uma restia de sol, destacava entre ás roupas negras como um relevo de alabastro em medalha de ebano.

Estacio descobrira a alguns passos delle D. Fernando de Athayde, que não tirava os olhos da menina; tanto bastou para que uma suspeita cruel entrasse em sua alma; lembrou-se que talvez o

olhar de Inezita fosse dirigido ao seu rival, e desejou até que ella não erguesse mais a vista, nem se voltasse do seu lado.

O moço era pobre e modesto; aquelles que como elle amaram um dia, comprehenderão o martyrio que sentio pensando que D. Fernando de Athayde nobre e rico podia depor aos pés de sua esposa um bello nome e soberbas prendas, em quanto que elle apenas tinha um coração leal a offerecer.

A festa proseguia ; o coro e o cantochão continuavam alternando, quando foi ouvido na porta da igreja um ligeiro rumor causado por muitas pessoas, que voltavam o rosto para ver alguma couza que se estava passando fora.

O objecto que excitava tanto a curiosidade, á ponto de distrair assim a attenção do officio divino, era um navio de alto porte que encoberto pelas sombras da noite se avisinhara de terra, e aos raios do sol nascente apparecia á entrada do porto com as velas enfunadas pela fresca viração da manhã.

Nesse tempo ainda não se tinha desmoronado o taboleiro que ficava em frente da Sé, á pique da montanha, com uma vista soberba para o mar ; por isso daquella posição distinguia-se já perfeitamente o navio que velejava demandando o porto, e o casco, e a mastreação, e a bandeira hespanhola a fluctuar na popa. A não escassear o vento era

natural que em menos de duas horas estivesse fundado.

A noticia transmittio-se rapidamente. Ha uma especie de corrente electrica nas grandes massas de povo ; dous minutos depois de ouvir-se o rumor na porta da igreja ninguem já ignorava que uma fragata hespanhola procedente do reino, se achava á barra.

Este facto que hoje não tem muita importancia pela sua frequencia, naquelle tempo de raras e difficéis communições entre o Brasil e a metropole, era um acontecimento do maior interesse. Para os governadores e empregados no serviço real queria dizer a solução de altas questões da administração do novo estado ; para o povo exprimia talvez o defferimento aos pedidos das camaras sobre redução de impostos, extincção dos estancos e servidão dos indios ; para os mercadores de grosso trato significava o recebimento de cabedaes ou dê generos de trafego ; para os particulares era talvez o provimento da mercê que haviam requerido, ou a reforma da sentença de que tinham aggravado : para as mulheres, além da parte que tomavam no que dizia respeito á seus pais, irmãos e maridos, havia a curiosidade, sentimento poderoso em todas as filhas de Eva.

Já se vê pois, que desde o governador D. Diogo de Menezes até a ultima das beatas escondida em

algun canto, todas as pessoas que se achavam na igreja desejaram intimamente ver acabada a missa; os conegos accordando psalmeavam o cantochão como si cantassem um soslaio; o licenciado apres-sara o compaço, o deão saltara por engano uma pagina do missal; as velhas correram duas con-tas por cada padre-nosso.

No meio da geral preocupação só ficaram ex-tranhos, Elvira e Inezita que continuavam as suas orações; Christovão, Estacio e D. Fernando, para os quaes o mundo se resumia nas duas meninas; D. Luiza de Paiva, immovel no seu extasis reli-gioso; finalmente o mestre de capella, que ape-zar dos conegos, do salto da pagina, do toque do orgão, apesar de tudo, solfejava um andante com imperturbavel sangue frio, sem engolir uma nota, sem falhar uma pausa.

IV.

NO QUAL VEM Á LUME UM PAPEL VELHO.

A cerimonia religiosa terminou por volta de oito e meia.

Em pouco tempo a multidão deixou a igreja quasi solitaria e foi apinhar-se á beira do terreiro, para ver a fragata que distava do porto cerca de um tiro de canhão.

Elvira e sua amiga dirigiram-se a pia de marmore branco collocada a porta, como de costume ; a alguma distancia seguiam D. Luiza de Paiva conversando com o pai de Inezita, D. Francisco de Aguilar, nobre castelhana, senhor do engenho de *Paripe*, homem principal, como se dizia naquelle tempo.

Alto, robusto, ainda verde e bem conservado D. Francisco era o verdadeiro typo do *hidalgo*

andaluz. Orgulhoso do seu sangue, da sua patria e dos seus cãbedaes, ativo no trato dos que julgava inferiores, seco nas maneiras, tinha comtudo a verdadeira nobreza, que a educação e o habito podem apurar, mas não é o privilegio dos brazões, pois a dá o coração : sabia ser grande e generoso quando os prejuizos de fidalguia não se oppunhão aos impulsos de sua alma.

Elvira e Inezita apressando o passo chegaram á pia, onde os dois moços já as esperavam ; mas D. Fernando -aproximava-se no mesmo momento, e tomando agua na palma offereceu-a cortezmente ás duas meninas.

Inezita hesitou, mas timida como era, não teve animo de recusar : embebendo a pontinha dos dedos alvos e delicados ia leval-os á frente, quando vio o olhar de Estacio ; a pobre menina estremeceo e sem saber o que fazia, deixou cahir o braço desfallecido.

Quanto a Elvira, mais animosa, voltou-se para Christovão, que encorajando-se com esse movimento adiantou-se, e apresentou-lhe a mão onde brincavam algumas gottas d'agua; depois de benser-se, a menina humedeceo de novo os dedos e com um movimento rapido lançou de longe um borrifo d'agua na frente do moço.

— Para que sejaes esta tarde bem feliz, disse ella enrubecendo.

— Basta que desejeis para que o seja : respondeu o moço não se contendo de alegria e felicidade. Que o vosso olhar me acompanhe

— O olhar, não, que é impossível ; o pensamento, sim ; respondeu Elvira com uma expressão melancolica.

— Porque ? Lá não estareis ? perguntou o moço em sobresalto.

— Não ; minha mãe . . .

A aproximação de D. Luisa e Aguilar cortou a conversa ; as duas meninas sahiram da igreja, Elvira satisfeita porque ao menos consolara Christovão da sua ausencia, Inezita zangada contra ella mesma porque não tivera coragem de recusar o offerecimento de Fernando, e contra Estacio porque depois do seu movimento em vez de apresentar-lhe a mão se voltara triste e desaparecera ; de modo que ella foi obrigada para benzer-se a molhar os dedos na pia.

Quanto a Athayde, como todos os homens que tem plena confiança na sua riqueza, não percebera nem a indecisão da menina e o movimento que produziu o olhar de Estacio, nem o disfarce com que Inezita molhara de novo os dedos na pia. Radiante sob o gibão de veludo cramesi acompanhou o fidalgo castelhano ;

No adro e por occasião de despedir-se, Inezita voltou-se para D. Francisco :

— Meu pai, instae com D. Luisa para que leve esta tarde Elvira ás festas do Terreiro do Collegio.

— Teu pedido tem mais valia do que o meu ; mas si o queres...

— Impossivel, Sr. D. Francisco. Fiz voto de não assistir a festas profanas ; e quebrar um voto, disse-me o padre Luiz Figueira, é incorrer em excommunhão *latae sententiae*.

O castelhano, ouvindo o texto, voltou-se e trocou um sorriso com Fernando.

— Mas, acudio Inezita, Elvira que não fez voto podia ir comigo !

— Não está bem a uma menina apparecer em lugares de folia sem sua mãe, minha filha. E' prova de descomedimento, que não assenta em donzella recatada.

O tom severo destas palavras, mais de reprehensão que de resposta, desconcertou Inezita, que não soube o que replicar ; despedio-se de sua amiga, e entrou na cadeirinha lançando um olhar a furto em busca de Estacio.

Este, depois que desaparecera, tomando pelo corredor lateral, encostara-se a portada de onde observára toda a scena anterior, e seguira com os olhos até dobrar o canto a cadeirinha, cujas cortinas ao longe lhe pareciam entreabertas por uma mãozinha mimososa.

Era o tempo que o palanquim de D. Luiza sumia-se tambem, e Christovão sahia da igreja. Estacio foi-lhe ao encontro.

— Julgava-te longe : disse Christovão ; vi-te sahir pouco ha.

— Mas não tive a força de ir-me embora fosse o melhor ; respondeu o moço com um sorriso triste.

— Que te aconteeo ?

— Nada. Dize-me ; tens desejo de primar esta tarde sobre todos, para merecer o olhar della, não é verdade ?

— Acertaste, menos em um ponto, Estacio ; desejo vencer nos torneios e jogos porque ella lá não estará, e assim farei que não tenham outras, o que só merece a mais bella.

— E contas ganhar todos os preços ? perguntou Estacio com intenção.

— Todos os que não quizeres.

— E porque não os outros ?

— Porque nem quero medir-me comtigo, nem que o quizesse, o poderia com vantagem.

— Não digas isso !

— Não o diria a outro, ainda que sentisse a sua espada na gorja ; digo-o, a ti com a mão no coração.

— Pois ouve ; acudio Estacio ; tambem á mim repugna-me roubar um premio que te póde

pertencer; toma-os todos, mas cede-me uma só cousa.

— O que, Estacio ?

— Cede-me o teu lugar na primeira corrida ?

— O meu lugar !... Mas diriam que tive medo !

— Não receies tal ; a confusão da partida impedirá ver ; demais não lucras na troca. D. José de Aguilar é dos mais aguerridos campeões que entrarão em liça.

— Ah ! comprehendo ; não te queres bater com o irmão de D. Inézita.

— E' um dos motivos ; o outro saberás depois.

— Pois está dito ; mas por isso não te deixes vencer por minha causa. Lembra-te que tambem te olham. Adeos ; vou-me com pressa.

— Em pouco irei ter contigo.

Os dous moços apertaram as mãos ; e separaram-se tomando direcção opposta.

Estacio, que seguia para as bandas de Santo Antonio, encontrou á alguns passos Vaz Caminha, que atravessava gravemente o largo com a cabeça baixa, e entregue á funda meditação.

Logo que terminára a missa, o licenciado recebera do mestre de capella a sua moeda de prata ; mergulhando-a na comprida bolsa presa ao ilhoz do calção, esgueirou-se pela escadinha do côro, e foi acompanhando a chusma de curiosos ver o navio que entrava na barra.

Depois de alguns minutos de observação, começando que em menos de uma hora não se poderia haver noticia do reino, resolveu ir confortar o estômago, e nesta intenção louvavel dirigia-se ao modesto tugurio, quando foi encontrado por Estacio.

— Bom dia, mestre ; disse o moço quando o velhinho passava. Tão embebido ides em vossas reflexões, que não vedes os amigos ?

O licenciado ergueu a cabeça de chofre, e os olhos pequeninos pestanejaram com vivacidade jovial :

— Bem apparecido, pequeno ! Ha bons quatro dias que não vos ponho olhos. Bem diz o ditado : « que para os moços são as festas e para os velhos as crestas. »

— Me levaes á mal, que tome parte nos brincos e jogos de cavalheiros ?

— Ao contrario, filho. Lograe a vossa mocidade, que perto vem o tempo dos cuidados ; e bem aziago é quando não se tem nos máos dias uma boa lembrança para consolar o espirito.

— Acho-vos hoje mais triste que de costume, mestre ; alguma cousa vos amofina ?

— E' proprio da velhice ; quando a idade é muita e a saude pouca, sobram os enfados e mingoam as esperanças. Mas não semeemos flores em cinzas, que não brotam ; dizei-me antes si

estaes contente e satisfeito, si contaes que ninguem vos dispute hoje na galhardia e boas manhas?

— Farei o que em mim estiver; e ajudando Deos, espero dar-vos algum prazer.

— E as vossas roupas estão ao vosso agrado? Ajustam-vos bem? São de fino estofado? perguntou o velho com terna sollicitude.

— Ricas não podem ser, bem o sabeis; mas também não desmerecem em um cavalheiro: tallhou-as o melhor algibebe da cidade, mestre Cosme.

— Ainda bem; dais-me com isso mais gosto do que pensaes; porem, acrescentou o licenciado fitando o olhar no semblante do moço, alguma cousa ainda vos resta para dizer-me?

— O que, mestre?

— Aquellas galas devem ter sido bem apreçadas, e do pouco que tenho sempre ha para vos não deixar á mercê de fanqueiros e algibebes.

Estacio apertou com effusão a mão secca e mirrada do velho, cuja offerta delicada e generosa lhe tocara o coração.

— Obrigado, mestre; vós me lembrastes que de feito me faltava referir-vos alguma cousa, que esta manhã tinha em mente, e passou-me na missa; mas não é o que pensais. Graças á minha mãe que me deixou um saquitel com algumas do-

dras, poucas é verdade, pude enroupar-me; sem isso não o faria; pobre como sou gasto do meu, não uzo do alheio. São vossas lições.

— Que bem aproveitaram; mas não é alheio, filho, o que pertence áquelles que nos amam; por que esse está como deposito em outras mãos, e para ser nosso basta querermos.

— Outra vez obrigado, mestre; felizmente não careço despir-vos do vosso necessario para satisfazer caprichos de rapaz.

— Assim não has precisão de nada?

— Dos vossos conselhos, muita; e tanto que, si me daes licença, vou recorrer a elles.

— E' verdade; o caso que tinheis em mente?

— Delle mesmo é que vos quero fallar.

— Estamos á soleira, melhor é entrarmos.

— Como vos parecer.

Conversando, Estacio e Vaz Caminha tinham tomado por detraz da Sé; seguindo por uma rua estreita e solitaria, quebraram em um beco apenas guarnecido por algumas habitações, que se destacavam á espaços entre as linhas de cercas cobertas de melão de S. Caetano.

O beco descia em ladeira, e formava no centro uma especie de valla por onde corriam as aguas da chuva; junto das cercas serpejavam dois trilhos que serviam de caminho, e iam dar á entrada das casas, para as quaes se subia por dois ou tres de-

grãos feitos de tijolo. Um monturo, que servia de despejo ás casinhas da vizinhança, ardia lentamente fazendo uma grande fumaceira.

A casa do licenciado era a segunda ; pouca differença tinha das outras. Baixa, com duas gelosias e uma porta, paredes caiadas de branco e beiradas sahidas, o edificio dava uma verdadeira idéa da architectura do tempo. Ao lado esquerdo via-se o quintal coberto de hortelãa e beldros, com umas touças de bananeiras ; encostado ao oitão um galinheiro, e uma especie de horto onde cresciam alguns pés de arruda, mangericão e perpetuas.

Um velhinha com saia de ganga amarella e manta escura de rebuço, que lhe cobria a cabeça como um capuz de freira, de volta da missa entrara no poleiro, e fizera uma revolução ; as frangas cacarejavam, os galos batiam as azas, os pintos pipillavam ; quando felizmente para o povo galinaceo o licenciado chegou á casa.

Apesar de serem nove horas do dia, a porta exterior estava feixada, como se uzava então, que não se tinha inventado a policia, e cada um era obrigado a velar na sua segurança individual ; Vaz Caminha chegou-se ao canto da casa, e erguendo-se nas pontas dos pés para ver porsobre a cerca do quintal, chamou a sua caseira.

— Eucheria ! Abride, filha !

A velhinha correu tanto quanto o permittiam as suas pernas curtas e tropegas ; dahi a um momento o licenciado entrava no seu cartorio acompanhado por Estacio.

Duas altas estantes de livros, um telonio cheio de autos e papeis, um bufete e alguns tamboretas rasos, eram os moveis que ornavam o gabinete, onde a luz filtrava amortecida pelos vidros das janelas, cobertas da mesma poeira classica que jazia sobre os grandes *infollios*, e das veneraveis teias de aranha suspensas ao tecto.

— A vossa collação ahi está sobre o bufete, Sr. licenciado. Si não precisaes de mim vou-me aos pintainhos, que estão morrendo do mal triste.

— Ide, filha ; eu cá me aviarei.

— Jesus ! exclamou a caseira voltando á correr com as mãos na cabeça.

— Heim !... Já pela manhã vos começam a apparecer as almas do outro mundo ? disse Vaz Caminha para a velha.

— Que Deos, Nosso Senhor, nos livre e guarde ! Ai ! só de fallar já estou tremendo, minha Virgem Santissima ! Mas vai, Sr. licenciado, que por um triz não me escorrega ainda hoje de vos dizer !... E tres dias ha que o trago mesmo aqui na ponta da lingua ! Quando digo que estou já com esta cabeça varri-la, não querem acreditar ! Pois é assim !

—No fim das contas, o que ha Eucheria? Dizei-o de uma feita.

— E' o vosso vinho, que está por um dedal. Daquelles dous odrès que se encheram pela Assumpção, um encarquilhou que nem, com o devido respeito, o rochete do Sr. Deão: o outro que ali tendes, bem escorruptichado, muito dará, si der um mcio pichel.

— Bem, filha: havemos de prover ao necessario. Ide com Deus.

Vaz Caminha tirou o seu barrete, e arrastou dous moxos para junto do bufete, onde se via sobre o mantem de algodão grosso, porém de alvura deslumbrante, uma escudela com tres ovos escal-fados, uma cestinha com bananas passadas, uma regueifa de pão e um pichel de estanho polido como prata.

— Sentai-vos, pequeno, e refazei-vos com o que ha; não chega para regalo, mas basta para quebrar o jejum.

— Não tenho fome, mestre; almoçai vós, eu esperarei.

— Porque?... os ouvidos nada tem com o estomago; si quereis, fallai, que vos presto attenção, e si não fazei como vos aprouver.

Durante isto, o licenciado sentava-se ao bufete e arregaçando as mangas, escorria no cangirão o resto de vinho do odre pendurado por detraz de uma

das estantes, e começava o seu parco almoço ; Estacio de pé encostado ao telonio deixava que elle satisfizesse o apetite para começar.

—Então? disse Vaz Caminha erguendo os olhos.

— A cousa é simples, replicou Estacio ; hontem pedi á tia o cofre que me deixou minha mãe quando falleceu, para tirar algumas dobras guardadas n'uma bolsa, e deparei por acaso com um papel do qual nunca tive noticia, e cujo sentido talvez me possaes explicar.

— De qual papel fallais ?

— De uma carta escripta a minha mãe ha cerca de quatro annos, e que ainda se achava sellada ; disse o moço tirando do seio do gibão um papel dobrado e já amarelento.

— Lêde essa carta.

Estacio desdobrou o papel e leu :

« *A' D. Clara Dias Correia.—Pdra em minhas mãos um papel de mór valia que pertenceu a vosso fallecido marido Roberio Dias ; como seja demais precioso para sujeita-lo a perda na remessa, mandareis have-lo por pessoa de confiança.—Em S. Sebastião, aos 28 de Setembro de 1604.—D. Diogo de Mariz.* »

Vaz Caminha perturbou-se de tal maneira ao ouvir as primeiras palavras, que levou a naca de pão ao nariz, e ficou de boca aberta sem poder proferir uma palavra.

V.

QUEM ERA O LICENCIADO VAZ CAMINHA , ALIAS DOUTOR DE CAPELLO.

Vaz Caminha era natural da villa de Arroyollos, de Portugal, e descendente de uma familia de aldeãos, para quem o mundo não existia além do estreito horisonte em que se debuchava o campanario da igreja parochial.

O futuro legista estava pois condemnado á vegetar nos labores campestres, si a natureza desherdando-o da robustez e vigor proverbial na familia, não o houvesse predestinado para uma vida espiritual e meditativa: nascera de sete mezes e mostrára desde logo que pouco desenvolvimento teria sua organização açanhada.

Os pais sentiam um profundo anôjo olhando aquelle menino rachitico e debil, que tiritando de

frio e encolhido á um canto acompanhava com a vista, nas longas tardes de inverno, os brincos de dois rapagões fortes e de côres rosadas que saltavam no eivado da granja.

A mãe especialmente tinha tomado tal desgosto á esse fructo immaturo das suas entranhas, que á não ser a solitudine de uma irmã, o menino não teria de certo sobrevivido á indifferença e abandono em que ella o deixava: mas a Providencia parece collocar sempre ao lado das creaturas fracas e desamparadas um coração que as proteja e abrigue; é a folha para a larva do insecto.

Felizmente um monge do cõvento dos Loios tomou o menino sob sua protecção, e depois de o haver feito aprender as pueris e as gramaticas, mandou-o ouvir na Universidade de Coimbra as aulas maiores de degredos; porèm o moço estudante preferio dedicar-se á jurisprudencia, e o seu protector attendendo ás boas disposições que elle mostrava não o contrariou.

Vaz Caminha cursou todas as cadeiras, das quaes fez exame privado. Deffendendo successivamente as conclusões magnas exigidas pelo Estatuto da Universidade tomou um após outro os quatro grãos que então havia de bacharel, mestre, licenciado e doutor; e ganhou na sabia congregação de Coimbra a fama de um dos mais profundos romanistas do tempo.

O legista recolheu-se então á sua villa natal! ahí entregue ás lidas forenses, teve a nobre ambição de illustrar o seu nome obscuro; aproveitando os momentos que lhe deixavam os clientes, como depois fez Lobão, começou a escrever um *Commentario ds Ordenações Manuelinas*, obra de um plano vasto, em que se demonstravam as fontes daquelle codigo do direito portuguez.

Correram os annos. Vaz Caminha concluiu a sua obra, limou-a conforme o preceito de Horacio, e sentio o desejo muito natural de trazer á luz o fructo de suas longas vigílias; mas então a imprensa era um luxo dispendioso, e as copias em pergaminho a que se recorria na falta daquelle agente de circulação não custavam menos.

Ora o foro de Arrayollos era escasso; o advogado poucas economias tinha feito, apesar da parcimonia com que vivia; de modo que a obra estava condemnada á jaser na arca de papeis e autos, si um acontecimento imprevisto não viesse dar á seu author uma esperança de obter a fortuna necessaria para a realisação do seu grande desejo.

Creara-se em 1588 uma Relação na Bahia; desde que o tribunal começasse á funcionar o numero das demandas augmentaria infallivelmente; no Brasil, terra abundante de ouro e falta de lettrados, os provarás e embargos deviam ser pagos por bom preço; um advogado pois que se fosse alli es-

tabelecer tinha todas as probabilidades de adquirir uma rapida fortuna.

Foi esse o raciocinio de Vaz Caminha, e devemos confessar que não pecava contra a logica; assim embalando-se na idéa risonha de poder realisar o sonho de sua vida, resolveu definitivamente embarcar-se para a cidade do Salvador; deixou suas economias á irmã que velara sobre a sua infancia e que ainda o acompanhava, e partio para Lisboa.

Um navio estava á fazer-se de vella e nelle ia um dos desembargadores da nova Relação, Balthasar Ferraz, que encontramos feito provedor-mór da fazenda; o nosso advogado aproveitou o ensejo, e obtendo uma passagem, deixou as terras da patria, para ir procurar longe os meios de dar-lhe uma prova do seu amor, e de erguer um monumento á sua gloria.

- Com feliz travessia chegou elle á Bahia, e foi assentar os seus penates, isto é, as suas estantes, os seus livros, o seu telonio, o seu manuscrito, e a velha Eucheria naquella mesma casinha por detrás da Sé; immediatamente os demandistas recorreram á experiencia do novo jurisconsulto, a quem o povo ignorante nas distincções academicas chamava geralmente o *Sr. licenciado*.

Vaz Caminha, modesto como era, não se importou com isso; mas não deixou de lhe fazer im-

pressão o character especial do fôro bahiano; o advogado era apenas um conciliador de partes; afora essa tarefa de nada servia; porque os embargos, os agravos e recursos tinham sido substituidos por uma excepção peremptoria não consignada no formulario dos praxistas;—a adarga ou o punhal.

Começavam-se muitos pleitos, porém todos eram decididos extrajudicialmente; os physicos vendiam alguns récipes e os boticarios as suas mésinhas; os padres ganhavam frequentes encommendações; mas ao advogado nada rendia esse modo expedito de terminar os processos. Assim Vaz Caminha comprehendeu que antes da chegada da Relação nada se podia fazer.

Desde então principou um habito que elle ainda conservava na occasião em que o encontramos; todos os dias ao raiar da alvorada sahia de casa, e no seu passeio matutino dirigia-se ao largo da Sé, de onde se descortinava toda a bahia. Alli ficava cerca de uma hora com os olhos engolfados no horizonte a ver si enfim surgia o galeão, em que vinha a desejada Relação.

• Ora esse galeão partira em meiado de 1588 de Lisboa, tendo a seu bordo o governador Francisco Giraldes, donatario dos Ilhéos, e os desembargadores nomeados para installarem o novo tribunal; succedendo arribar duas vezes, os passageiros to-

maram isso como aviso do céu e deixaram-se ficar em Portugal.

Nem mais novas houve da Relação; Vaz Caminha resignou-se e continuou a magra advocacia que pouco mais lhe rendia que em Arrayollos; então lembrando-se de algumas licções de cravo que tomara em sua mocidade, aceitou o logar de organista da Sé, o que lhe deixava no fim do anno algumas patacas.

A gente que se occupã da vida alheia chamava-o de avaro; mas ignorava que sublimes sentimentos occultava aquella restricta economia: não sabia que dos modestos lucros elle mandava dar uma pensão em Portugal á irmã que lhe servira de mãe, e o resto destinava para a publicação de sua obra, o maior serviço que podia prestar ao seu paiz.

Quando os rapazes que passavam para a escola vendo-o que se dirigia para o largo da Sé triste e cabisbaixo o perseguiam com risos e galhofas gritando—*vais? vais? Caminha!*—mal pensavam que aquelle homem que durante vinte annos, chovesse ou fizesse sol, ia todas as manhãs olhar o mar e o horisonte, não se illudia já com a esperança vã e ridicula de ver chegar o navio que trazia a Relação.

O que o levava lá era a saudade da patria, a sublime nostalgia do velho que sente o corpo ver-

gar para uma terra, que não é a sua, e em cujo seio talvez descansarão as suas cinzas entre gente estranha, longe do berço; o que elle ia ver não era nem o mar, nem os navios, era sim o horisonte immenso no fundo do qual os olhos d'alma lhe mostravam o modesto painel de sua aldea natal.

Que lhe importava que o mundo risse? As dôres fundas e grandes se escondem nos refolhos do coração, ahí vivem, ahí morrem, sem que a compaixão publica as profane; só Deos lhes sabe o segredo, e lhes manda as vezes uma doce consolação na terra, ou lhes guarda um premio no céu.

Para o licenciado essa consolação fôra um menino.

Tres annos depois que se achava na Bahia, em 1591, conheceo Roberio Dias, o celebre possuidor do segredo das *minas de prata*. Corria que voltava da Hespanha descontente, porque Philippe II lhe recusara o titulo de marquez das Minas, que pedira como premio da descoberta, e o nomeara apenas administrador. Viera elle esperar na cidade do Salvador o novo governador geral D. Francisco de Sousa, aproveitando o ensejo para passar algum tempo com sua mulher; de quem andava ausente havia bom par de annos.

Roberio soffrera uma grande decepção e era infeliz; não ha laço que mais prenda e solde duas almas do que a desgraça; tendo necessidade de

consultar o adyogado para deixar os seus negócios em boa ordem, achou nelle um conselheiro, que breve tornou-se um amigo; estabeleceu-se a intimidade, a tal ponto que partindo para o sertão com o governador, Roberio, á quem um presentimento cerrava o coração, abriu-se completamente com Vaz Caminha e deixou-lhe o cuidado de velar sobre sua mulher e o filho de que ella ficava grávida.

O pequeno Estacio apenas nasceu tornou-se um consolo para o legista, á quem a sorte negara o doce sentimento da paternidade; esse menino e sua mãe crearam para o seu coração virgem uma familia espiritual, em cujo seio ia esquecer as saudades de sua boa irmã e as lembranças do seu velho Portugal.

Dois annos não eram passados, quando Roberio Dias adoeceu e morreu no sertão sem haver revelado o segredo das *minas de prata*; este facto deixando orfã e ao desamparo aquella creança, ainda ligou-a mais ao licenciado, que sentia necessidade de repartir com uma creatura humana a affeição que votara aos seus velhos alfarrabios.

Cuidar da educação de Estacio foi um prazer para elle; ensinou ao menino as humanidades; depois modesto como era, e desejando dar-lhe uma instrucção ácabada, entregou-o a mestres de primeira força; na idade de quinze annos o moço co-

meçou a frequentar as aulas do collegio dos Jesuitas, na qual tivera taes adiantamentos, que os padres instavam para que elle entrasse na ordem.

Este projecto, porém, encontrou uma seria opposição da parte de Alvaro de Carvalho, que se associára a Vaz Caminha na educação do moço, e se incumbira de ensinar-lhe as artes da cavallaria. O velho alcaide sonhava para seu protégido um mais brilhante futuro, que o da roupeta.

Eis como se achavam as cousas no momento em que Estacio, acabando de ler a carta dirigida a sua mãe por D. Diogo de Mariz, dobrava-a tranquillamente sem reparar na alteração da phisionomia e na posição grotesca de Vaz Caminha.

— Podeis dizer-me, mestre, que papel é esse de mór valia, pertencente a meu fallecido pai?

O licenciado conseguiu restabelecer-se do abalo que soffrêra: atirando-se a Estacio arrancou lhe das mãos o papel, e leu-o de novo, emquanto o moço olhava-o admirado da singular excitação que pela primeira vez quebrava a pausada e fria gravidade do advogado.

Quando acabou de ler, segurando o papel nos dedos tremulos, voltou-se para o estudante:

— Não sabeis a história de vosso pai?

— Sei della o que me tem ensinado a tradição popular; contam que meu pai conhecia o segredo de grandes minas de prata, que recusou descobrir

por lhe haver El-rei negado a recompensa que pedia.

— A tradição mente, filho : Roberio era incapaz de uma tal vilania ; depois de haver prometido cumpria.

— Mas então porque ainda hoje é desconhecido o segredo ?

— Ouvide, filho ; o que vou referir-vos foi dito ha dezoito annos por Dias na vespera de partir-se para o sertão, de onde um presentimento lhe advertia que não devia voltar ; desde então ficou sepultado em mim, e só agora sahe de meus labios para o vosso seio. Assim é, como si vosso pai vos fallasse do seu tumulo.

VI.

QUE DÁ A MELHOR VERSÃO DA HISTORIA DO CELEBRE ROBERIO DIAS.

O velho recolheu-se um instante.

Estacio commovido, preparava-se para escuta-lo.

— Estas famosas *minas de prata* do Brasil, que tanto mal tem feito, excitando a cubiça de uns e causando a desgraça de outros, fazendo que reis esqueçam seus povos e sacerdotes sua divina missão, foram achadas em 1587 por vosso avô, a quem as descobriu um indio captivo por preço de sua liberdade. Para não esquecer o lugar e a direcção em que demoravam, escreveu elle um roteiro....

— Ah! E' esse roteiro que D. Diogo de Mariz!.. exclamou Estacio.

— Esperai, acudio o licenciado, interrompen-

do-o com brandura; depois sabereis. Vosso avô não pôde tornar ao lugar de onde havia trahido boa quantidade de prata: a morte o tomou de sorpresa: falleceu deixando á vosso pai aquelle roteiro e o segredo que elle incerrava. Roberio cuidou logo em fazer uma viagem a Jacobina para ver as minas; de feito seguiu a rota traçada no manunscripto e chegou ao lugar designado.

— Quando isso? perguntou o moço.

— Em fins desse mesmo anno de 1587, ainda eu não estava no Brasil. Vosso pai por prudencia e para não dar desconfiança aos garimpeiros que o acompanhavam, não se quiz arriscar durante o dia; sahi furtivamente á noite e seguindo as indicações do roteiro deparou com a entrada da caverna; achou-se em uma longa crasta subterranea; havia escuridão profunda; mas dahi a pouco o luar enfiando por uma longa fenda da pedra deu em cheio sobre aquellas paredes alvas e brilhantes; vosso pai admirado julgou ver um palacio encantado no qual as columnas, os porticos tudo era de prata.

— E voltou carregado de riquezas?

— Não trouxe nem uma oitava de metal; seria revellar o segredo e expor as minas á ambição de todos que o acompanhavam. Resistiu á tentação e voltou como fôra. Chegando á Bahia e precisando de dinheiro para a exploração que ia começar com

a cautella necessaria, vendeu a baixella de prata de seu pai; tanto bastou para que a voz do povo espalhasse que elle tinha descoberto grandes minas desse metal.

— Foi então que passou ás Hespanhas ?

— Sim; reflectiu, e julgou que melhor era fazer as cousas com lisura; embarcou-se para o reino; levava o roteiro dentro de uma bolsa de couro que nunca o deixava. Por infelicidade precedia-o a fama do que ia fazer; depois de offerecer o segredo das minas á Filippe II, que lhe prometteu de seu moto proprio o titulo de marquez, quando abriu a bolsa para entregar o manuscripto, não o achou; tinham-n'o roubado.

— Ah !... balbuciou Estacio cujos olhos brilharam de indignação.

— El-rei desconfiado como era, não conhecendo o character do homem que com elle tratava suspeitou um embuste; voltou atraz; e proveu D. Francisco de Souza, no governo para vir ao descobrimento das minas, nomeando vosso pai simples administrador.

— Apesar de perdido o roteiro ?

— Roberio affirmou ao rei, que sua memoria supria o papel; e Filippe II receiando que outrem lograsse o thesouro, tomou aquella resolução. Roberio veio então para esta cidade esperar o governador, e aqui durante dezoito mezes de estadia tive

eu a dita de conhece-lo; um anno depois partia para não tornar, deixando a meu cuidado vossa mãe que vos trazia ainda no ventre.

— Terminai!... exclamou o moço.

— O resto sabeis; são as desgraças que enlutarão vosso berço, filho. Vosso pai confiou demais da sua memoria, na qual cinco annos de cuidados e tribulações tinham apagado a reminiscencia da primeira viagem; por fim depois de esforços baldados, tido como falso e embusteiro, elle a honradez em pessoa, foi presa de uma febre maligna, e finou-se no delirio que lhe mostrava ainda uma vez a visão daquella noite, em que entrara nas minas. O governador D. Francisco de Souza dera conta a El-rei do que se passara, e sobre as cinzas ainda quentes de vosso pai executava-se a sentença de confiscação que vos reduziu á extrema pobreza.

O moço enxugou a lagrima que tremulou nos seus olhos limpídos; e beijou com ternura e respeito filial as mãos secas do velho.

— Depois vós me servistes de pai, e quando, vai para cinco annos, minha mãe deixou-me para ir-se aonde a chamava seu esposo, fostes vós ainda que tomastes o logar que ella occupava neste mundo.

— Não fallemos disto, disse o licenciado passando a manga pelos olhos; o passado é dos velhos, pequeno; aos mancebos deu Deus o futuro.

Elle vos pertence ; podeis realizar a obra de vosso pai. O papel de que falla esta carta é o roteiro de vosso avô ; não pode ser outro.

— Assim, eu sou rico ! disse o moço como accordando de um sonho.

— Rico é, o menos ; tendes em vossas mãos um grande poder ; o ponto é saberdes uzal-o.

— Me guiareis com a vossa experiencia ; ensinareis a gozar da riqueza áquelle a quem ensinastes a supportar a pobreza.

— Em tempo praticaremos sobre isso ; hoje tendes o espirito todo empregado em folguedos e festas.

— E' verdade ! respondeo Estacio lembrando-se de Inezita ; agora mal vos escutaria.

— Ide, ide, pequeno, onde vae o vosso pensamento ; não vos demoro. Sómente lembrai-vos que esta carta é mais que a vossa felicidade, é a reabilitação da memoria de vosso pai.

— Não o esquecerrei nunca, mestre.

— Guardai-a, e o segredo que ella encerra, como um arcano ; tirai exemplo da desgraça de Roberio.

— Não póde estar melhor do que em vossas mãos ; respondeu o moço entregando-lhe o papel.

— Não, filho, um velho fraco e inerme, é má guarda de thesouro tamanho ; a alma é impene-

travel, mas o corpo facilmente se quebra. Sois moço e valente cavalheiro ; a riqueza mudou-vos de repente a carreira ; habituai-vos desde já a trazer a vossa fortuna, como a vossa honra, na ponta de vossa espada.

— Então vossos projectos ?...

— A providencia acaba de destrui-los.

Mais restabelecidos das commoções porque tinham passado, o velho voltou ao seu almoço, e Estacio escondendo no seio o papel dispoz-se a partir.

— Uma cousa porém me parece obscura ainda ?

— Apontai-a, filho, que vo-la explicarei, podendo.

— Porque esta carta que continha tão importante revelação estava ainda fechada com o fio preto que a sellava ? Porque nunca minha mãe fallou-me della ? Quem a trouxe ?

— O escripto traz a data de 28 de Setembro de 1604 ; que no mesmo dia partisse de S. Sebastião não podia estar aqui antes de meiado de Outubro ; vossa mãe já estava sacramentada ; uma semana depois resavamos por sua alma, a carta que lhe trouxeram ficou pois na caixinha onde guardava suas alfaias, tal como a tinham entregado. Quanto ao mensageiro, de certo algum colono que passou ao reino, ou a esta capitania.

— E esse homem não adivinharia o segredo ? disse Estacio tomado de subita inquietação.

— E' claro que não, respondeu o licenciado com o accento da convicção.

— Como o affirmais ?

— Si elle soubesse o conteúdo da carta não a entregaria, e por si, ou por terceiro se apresentara á D. Diogo de Mariz para receber o papel.

— Tendes razão. E estais informado da pessoa que é esse D. Diogo ?

• — E' o provedor-mór da fazenda em S. Sebastião ; bom portuguez, fidalgo ás direitas, descendente da casa dos Marizes, uma das melhores do tempo do Sr. D. Affonso Henriques, que Deos tem. E' filho de D. Antonio de Mariz, que prestou grandes serviços no governo do Dr. D. Antonio Salema, e que ha annos correu ter perecido ás mãos do gentio Aimoré.

— Julgais então que durante os quatro annos que se passaram elle tenha fielmente guardado o roteiro ?

— Não conheceis um portuguez, Estacio ! Com esta sede de ouro que traz ao Brasil tantos aventureiros, os costumes dos nossos maiores se perderam ; mas entre estes ainda ha cavalheiros que sabem o que devem á sua honra e aos seus brios. D. Diogo de Mariz é um dos poucos dessa raça

que lá se vae com o seu tempo; o roteiro, si o não roubaram, ainda está em seu poder e intacto.

— Quando assentais que deva partir? perguntou o moço com certa vivacidade.

— Devagar, filho; depois trataremos disso; *festina lente*.

A citação latina annunciou ao moço que Vaz Caminha ia apresentar-se sob um aspecto em que já o conhecemos.

Com effeito havia naquella figurinha tres homens diversos.

Um era o homem de sentimento e effusão, que só se revelava a Estacio nos momentos de intimidade; uma bella alma fechada n'um corpo grotesco: uma perola fina escondida em uma casca rude e grosseira.

O outro era o homem do fôro, o advogado secco, e dogmatico, ambicioso de lucro, inflexivel no raciocinio, recheado de textos romanos, armado com o *ergo* formidavel que accentuava as conclusões de sua logica de aço: a necessidade de ganhar os meios de subsistencia, a pobreza, tinha creado essa personalidade. que sendo a menos verdadeira, era a que se manifestava á todos.

O terceiro homem, que vivia dentro daquella organização rachitica, era o homem de talento, o author ainda desconhecido de uma obra concebida e realisada durante muitos annos de trabalho;

e muitas noites de insomnia. Espirito vivendo no futuro, alimentado pelo fogo intimo que queima lentamente, absorvido na gestação de um pensamento grande, ninguem o comprehendia; a ninguem se revelava nessa ultima phase de sua vida. Era um misterio entre elle, a candeia que o alumia, e Deus que o encorajava.

Tambem parecia que os tres elementos dessa organisação tinham constituido uma vida á parte; em cada uma das phases da triplice existencia havia um orgão diverso, um movel; uma ambição differente.

No primeiro homem vivia o coração; no segundo o dever; no terceiro a intelligencia; pai espiritual e amigo pela necessidade de amar; advogado pela obrigação de alimentar-se e soccorrer sua irmã; author pela febre d'alma que excita o espirito a crear alguma cousa, e deixar durante a rapida passagem neste mundo o seu nome impresso e o seu pensamento materializado em algum objecto.

Ora Estacio amava o seu mestre; mas respeitando o advogado, sentia uma certa dissonancia entre o seu character leal e a logica forense que armava-se muitas vezes do sophisma para escurecer a verdade; por isso apenas Vaz Caminha annunciou com o primeiro texto latino, que o juris-

consulto ia apparecer, o moço apertando-lhe a mão partiu.

O legista acabou tranquilamente o seu almoço, se dispunha a sahir de novo, quando o vultoso da tia Eucheria assomou á porta.

— O pequeno já se foi Sr. licenciado ? perguntou ella.

— Agora mesmo sahiu : ainda não dobrou o canto. Porque ?

— E' pena que se fosse ; podia dar-me uma demão para cortar lá no horto um cachinho de bananas que estão a cahir de maduras ! Faz gosto ver !

— Pois, Eucheria, disse Vaz com ar severo, é essa incumbencia que querieis dar a um moço cavalheiro ?

— Ai !... Tal não me lembrou, Sr. Vaz ; mas não leveis a mal, que me arrependo, e dos arrependidos é o reino do céo. Como elle foi quasi criado aqui...

— Comtudo já é um homem.

— Um rapaz ; resmungou a velha ; para homem ainda lhe falta muito. Porém as fructinhas ? Ficam perdidas ? Mette dó ! Já estão sorvando !

— Não vos amofineis, Eucheria, hade-se arranjar.

— Como, é que eu não sei, porque o cacho não é lá muito baixó, e nem vós mesmo, Sr. licenciado.

do, com serdes de boa altura podeis deitar-lhe a mão.

Com effeito Vaz Caminha tinha mais meia polegada que a sua caseira.

— Talvez por ahi venha logo mestre Bartholomeu; disse Vaz Caminha.

— Esse sim ! Era um achado ! Mas virá elle ?

— E' natural.

— Pois vou preparar o meu taboleiro para polas á séca. Não gostastes dessas passas que vos servi na collação ?

— Não desgostei, não; estavam tenras.

— Sabem assim, assim, com os nossos figos de Arrayolos, não é verdade, Sr. Vaz ? Si nós os tivéssemos cá ? Que de annos não lhes tomo o gosto ! Fazem bem pela Paschoa...

E a velhinha começou a contar pelos dedos.

O licenciado deixou-a nessa profunda elocubração ; tomando o barrete e a sua canna de Bengala, ganhou a rua e seguiu para as bandas do Collegio dos jesuitas.

VII

QUE TRATA DAS NOVAS DO REINO E DO MAIS QUE
SEGUIU-SE.

A poucos passos da casa o advogado encontrou o desembargador Balthazar Ferraz, seu antigo companheiro de viagem, que como elle esperára debalde pela encantada relação : e á final se consolára da sua inercia forense nas lidas financeiras do cargo de provedor-mór da fazenda.

O magistrado voltava do palacio, onde deixara o governador occupado com a leitura dos despachos reservados que vinham do reino.

— Então, *doctor*, não foi ainda desta vez!... Nada de relação !

— Virá quando Deos fôr servido, e el-rei o ordenar, Sr. desembargador. Quaes novas do reino ? Boas ?

— Não sei, si boas, si más ; sei que são importantes. El-rei houve por bem dividir outra vez o Estado do Brasil em dous governos, separando as capitánias do Sul.

— El-rei terá razão de assim proceder, Sr. Balthazar Ferraz ; mas não é menos certo que pouco avança, quem não segue rumo direito. Ainda em 1577 se união os dous governos, e já os dividem !

— Penſaes com acerto, doutor Vaz Caminha. Porém não pensam assim os vossos amigos, que tão certo como ser hoje quinta-feira, foram os motores disso..

— Fallaes dos padres, Sr. desembargador ?

— Fallo dos da companhia de Jesus, que bem conheceis.

— *Ubi effectus ibi causa.* Que interesse podem ter elles na divisão ?

— O de vingar-se de D. Diogo de Menezes, pela audacia de lembrar-lhes o texto da Santa Escripura. Os filhos de Jesus costumam esquecer que o seu reino *non est de hoc mundo.*

— Estou que vos enganais, Sr. Provedor.

— O tempo vos abrirá os olhos, Sr. Vaz Caminha.

— Sabe-se já quem foi o provido no governo do Sul ?

— D. Francisco de Sousa a muito o estava por carta régia de 2 de Janeiro passado.

— D. Francisco de Sousa. E' o que veio há annos em cata das minas de prata de Roberio Dias ?

— O mesmo, e desta vez traz não só o provimento de governador, como a superintendencia das minas, com regalia de conceder foro de fidalgo e habitos nas tres ordens, passando por morte a successão á seu filho, independente da confirmação de El-rei.

— Julgais então que os padres da Companhia para humilhar D. Diogo de Menezes obtiveram tudo isto ?

— É fora de duvida. Quem si não elle obteria prerogativas, como governador algum ainda as teve ?

O licenciado abanou a cabeça.

— Afora estas, não ha outras novas ?

— Conta o sargento-mór que os dezembargadores nomeados ficavam a partir para virem installar nesta cidade a nova relação ; mas tantas vezes nos tem chegado a mesma noticia, que já não ha crer nella.

— Chegarão quando menos os esperarem. E passageiros ? Muitos ?

— Algumas familias de ilheos para a colonisação das terras ; e um padre da Companhia.

— Só um ? perguntou Vaz Caminha.

— Achas que são poucos os que já existem na sua casa do Terreiro ? Orçam por noventa e tantos !

— Não é isso que me causou estranhesa, Sr. desembargador ; poucos ou muitos, nada tenho com o número ; é natural que onde sobra o trabalho das reduções e apostolados mais se empenhem as forças da Companhia. Por outro motivo pareceo-me singular a vinda desse padre.

— Porque, doutor ? Não andam elles sempre de arribação ?

— Sim ; mas não se manda um soldado para augmentar a guarnição de uma praça, Sr. Provedor.

— O que se manda então ?

— Manda-se um bom cabo de guerra para defendê-la ; ou um mensageiro para dar-lhe instrucções superiores.

— E' possível que assim aconteça. O que for soará, respondeu o provedor despedindo-se.

O licenciado continuou o seu caminho reflectindo sobre a conversa que tivera com o desembargador Balthazar Ferraz.

Não era que o seu espirito andasse occupado com as questões da governança da terra ; na sua posição modesta e com o seu genio, nunca aspirara a fazer o papel de politico ; e até recusara em

1562 representar a villa de Arrayóllos em cortes, desviando de si os votos do conselho, e fazendo nomear outro procurador.

Mas os homens de intelligencia, habituados ao estudo e á meditação, não se podem conservar indifferentes aos factos de importância que se passam sob os seus olhos: embora não os interessem de perto, sentem elles a necessidade de os apreciar. A intelligencia é iman tambem; attrahe o que passa na sua athmosphera.

Estranhava que o governo hespanhol em vez de conservar a unidade da administração colonial, imagem da unidade da monarchia, voltasse ao antigo systema da divisão que pouco havia fôra condemnado; não acreditava que uma simples vingançasinha dos jesuitas dêsse causa áquella mudança repentina e impolitica.

No meio dessas reflexões uma idéa passou-lhe de relance pelo espirito.

A lembrança da scena que ha pouco tivera logar em sua casa entre elle e Estacio; a coincidência de ser o novo governador D. Francisco de Sousa, o mesmo que em 1591 viera com Roberio Dias ao descobrimento das minas de prata; o facto da existencia do roteiro que se julgava perdido; todas essas circumstancias, apresentando-se de repente e conjunctas á um espirito sagaz e profundo como o seu, deviam impressionar.

A ambição insaciavel dos reis de Hespanha, os quaes desde a descoberta do novo mundo, sugavam o sangue da America para arrancar do seio desta terra o ouro e as pedras preciosas que a natureza ahi depositára; o desejo de obter essas famosas minas de prata cuja abundancia e riqueza a tradicção popular havia engrandecido; explicariam perfeitamente a nova politica, e a nomeção de outro governador e superintendente.

Tambem não deixava de causar certo reparo ao nosso advogado a chegada do jesuita, que naturalmente como fizera sentir ao provedor, vinha incumbido de alguma missão importante; qual ella fosse, é o que elle não podia adivinhar. Isso o inquietava involuntariamente. Um quer que seja lhe fasia receiar que o segredo de Estacio se achasse envolvido em todos esses acontecimentos.

Assim pensativo atravessava o doutor o largo da Sé, quando lhe occorreu, a advertencia da tia Eucheria, que a sua provisão de vinho das Canarias já estava exausta, e carecia nova para o dia seguinte. Quebrou na primeira travessa em busca de uma taverna muito afreguezada, que havia ali perto, servida por um tal Braz Judengo.

A varanda da taverna ainda estava deserta, e a porta cerrada; porém Vaz Caminha, como freguez antigo, penetrou no interior. Já elle vinha do fundo desenganado de encontrar viva alma com

quem fallasse; um murmurio de vozes abafadas ferio-lhe o ouvido. O advogado sondou com o olhar os cantos escuros do aposento.

Vio no fundo uma fresta triangular interiormente esclarecida por uma candeia.

— Bom! pensou Vaz Caminha; está justamente na adegã.

De facto, a fresta dava para o vão subterraneo de uma escada onde o bodegueiro havia construido a cava dos vinhos. Enfiando o olhar pela abertura o advogado pôde ver e ouvir distinctamente o que se passava no interior.

Na estreita area ladrilhada, que formava o fundo da adega, estavam dous homens sentados em face, de um e outro lado da quartola, cujo tampo lhes servia de meza: outros barrilotes deitados faziam as vezes de tamboretas.

A candeia, collocada sobre um tijolo saliente da parede, projectava a luz de chapa sobre o meio perfil dos dous companheiros.

Um delles era um negro, moço e robusto, cuja tez escura reflectia os raios da luz, como o lustro do jacarandá polido. Tinha a feição comprimida peculiar á sua raça: o olhar vivo e astuto: nos labios grossos o sorriso carnal da sensualidade africana. Com os cotovellos apoiados sobre o arco da quartola, acompanhava os movimentos do outro.

Este era o taverneiro, o Braz Judengo, como o

chamava o vulgo; homem de estatura ineiã, entre gordo e magro, de cabello preto corrido e barba ruiva encarapinhada; especie de ecclétismo vivo no moral, como no phisico; alma amphibia, habitando no vicio tão bem como na virtude.

Não professava religião alguma, porém uzava de todas: era ao mesmo tempo pelos padres da Companhia e pelos senhores de engenho, a favor e contra a liberdade dos indios: vivia bem com o alcaide e com os ratoneiros: acoutava negros fugidos e também os entregava aos donos, quando lhe convinha.

O seu verdadeiro nome era Joaquim Braz: pelo menos assim foi dado á rol na camara, quando se tratara do assentamento dos moradores e visinhos do conselho. Desse nome uzava elle geralmente, salvo quando traficava com os mercadores judeus. Neste caso pronunciava *Baraz* e escrevia *Joakim* com *k* em vez de *q*; isso dava á assignatura certo cheiro de velho testamento, bastante para conciliar a benevolencia dos vendedores, e não tanto que compromettessé.

Si vivera nos tempos modernos, o Sr. Braz Joaquim, ou *Joakim Baraz* faria um importante papel na politica; e primaria sem duvida entre os mestres de certa eschola, que acceita todos os principios e apoia todos os governos.

O Braz naquelle momento acabava de riscar

á giz sobre o tampo do barrilote diversos traços que figuravam a tosca planta do interior de um edificio.

— Prompto ! exclamou elle largando o giz e enchendo na mesma quartola, que lhe servia de meza, uma caneca de vinho.

E continuou depois de beber :

— O dinheiro está por baixo do oratorio, não é?

O negro acenou com a cabeça :

— Aqui : respondeo , assentando a ponta do dedo sobre um dos traços de giz.

— Então, replicou o Braz, bem vês Lucas que tenho razão : é melhor cavar dentro da casa. Anda mais lésto e vae-se pela certa !

— Não ! disse o negro com a palavra breve e decidida. Dentro não se pode : hade ser por fora.

— Mas vem cá, filho ! De vagar, que é o meio de apressar. Si o oratorio está aqui, (e o bodegueiro designou a planta) temos que para chegar ao quintal carece atravessar a recamera da dona. Ora cavar tudo isto por baixo da terra, não é cavar um queijo do Alemtejo.

— Gimbo muito : paga a pena; retorquiu o negro.

— E a dona não hade ouvir, quando estiverem a cavar por baixo da cama della ?

— E' não fazer barulho.

— Custa pouco a dizer ! Beba, mas não engula !

O som do ferro no chão, por força que se hade ouvir, filho de S. Benedicto !

— Pois á querer, é assim ! disse o negro que se ergueu resolutamente e bateu com a palma da mão no barrilote. Dentro da casa ninguem entra, que não deixo eu !

— Está bem ! accodiu o bodegueiro, não vai a zangar. Tudo se arranja.

O advogado apenas teve tempo de ganhar a varanda, antes que os dois interlocutores assomassem no topo da escada subterranea.

— Oh ! de casa ! disse Vaz Caminha batendo com a bengala no ladrilho ! Não ha quem accuda aos freguezes ? ●

— Já se vai ! já se vai ! gritou o Judengo, suppondo que batiam á porta da rua.

— Ora sejaes bem apparecido, sô taverneiro ! Tarde madrugaes, para que vos Deus ajude.

— O Sr. licenciado !... Cá dentro ?... Por onde entrou sua mercê ? exclamou o taverneiro arregalando os olhos.

— Não está má ! Pela porta ! Querieis que entrasse pela janella ?

— Mas si a porta estava fechada !

— Tanto não estava, que por ella entrei eu !

E como o Braz embatucasse, continuou o advogado rindo maliciosamente :

— A isto chama-se no digesto, mestre Braz,

provar *in continenti*, pela vista dos olhos, *aspectu*. —

O bodegueiro disparatou afinal :

— Já sei ! Foi aquelle maldito que se poz ao fresco e deixou-me ás escancaras, em risco de me limparem a casa !... Martim ! Martim ! Diabrete, filhote d'um demo, com perdão de sua mercê, Sr. licenciado ! Anda por ahi de brodio ! Não tem que ver !... Deixa estar cão, que eu te guardarei boa pintaça.

Quando o bodegueiro acabou de vociferar, e acalmou o furor que o tomara por ver a porta aberta, Vaz Caminha apreçou o vinho, e continuou o seu itinerario. Mal tinha dado alguns passos na rua, o negro, que o seguira, chegou-sea elle e entregou-lhe uma carta. Vinha na capa o seguinte enderesso :

« Para o Sr. Vaz Caminha, letrado da Bahia, que mora por detraz da Sé. »

E. P. M. (em própria mão).

— Quem te manda ? perguntou o advogado reconhecendo no portador o companheiro de Braz na adega.

— O papel diz, respondeu Lucas.

O advogado rompeu o sello, augurando mal daquelle estranha missiva : a carta continha estas palavras :

« Pessoa, que tem rasão de segredo, muito

deseja aconselhar-se com o Sr. licenciado. Não permittindo o seu sexo e posição que o procure ella, pede para vir a sua casa, esta mesma noite de hoje, depois do sino de recolher. Um escravo fiel acompanhará sua mercê.

— O senhor vai ? perguntou Lucas, vendo o advogado dobrar lentamente o papel.

Vaz Caminha fitou os olhinhos vivos na face do negro ; sentio um ligeiro estremecimento, recordando a scena mysteriosa da adega : não obstante respondeu com a voz clara, ainda que um tanto baixa :

- Irei, filho, irei !
- Depois do sino ?
- Onde te encontrarei ?
- Nesta bodega : respondeu Lucas.
- Aqui serei á ponto.

Não foi sem inquietação, sem medo, digamos francamente, que Vaz Caminha se metteu naquella arriscada aventura: porém o advogado tinha, em falta da coragem phisica, a coragem moral dos homens de vontade firme. Demais que interesse havia em attentar contra sua vida ?

Tomando pela rua dos Mercadores, o licenciado foi sahir no Terreiro, junto ao Collegio dos jesuitas, vasto e bello edificio que occupava uma das faces do largo, com o rosto voltado para o nascente.

No meio do Terreiro via-se armada em vasto cir-

culo uma palissada, que abria para o lado do convento e rematava nos cantos com palanques alcatifados de rases e lambeis de côres vivas. Nas ruas proximas e no largo havia profusão de folhas aromaticas que serviam de tapete: as escadas e os estrados porem estavam cobertos de lindos pannos de Flandres com vistosas ramagens.

Muitos officiaes mecanicos, carpinteiros e capelistas, trabalhavam ainda nos preparativos dos festejos da tarde; os primeiros erguiam as columnas e arcos que tinham de servir aos diversos jogos; os segundos pregavam as telas, e armavam sobre os assentos preparados para as damas os ligeiros toldos de tafetá, que deviam resguardar os formosos rostos dos raios do sol.

O licenciado deu uma vista indifferente áquelles trabalhos, e atravessando o Terreiro entrou a larga portaria do convento, aberta pelo irmão Bernardo, que se desfez em mesuras ao visitante.

No rez do chão do edificio ficavam, de um lado as vastas salas do refeitório e a rouparia; do outro o *pateo*, nome que davam os jesuitas ás aulas de latim e outros estudos menores; no fundo via-se por entre as grades das janellas o horto, e a grande cerca do convento que ia ter ao mar.

Em quanto Vaz Caminha subia os primeiros degrãos da escada de pedra, que conduzia aos aposentos superiores, assomou no tópo a figura de um

frade já quebrado pelos annos, o qual tendo visto pela janella entrar o advogado, fora cortezmente ao seu encontro.

— *Ave, doctor, semper amabilis!* disse o jesuita com a expressão da mais viva cordialidade.

— *Gratia vobis, pater provincialis;* respondeu o legista com igual expansão.

E acabandó de subir, apertou a mão que lhe estendia o provincial Fernão Cardim.

— E' mister que Deus mande um dia de anno bom, para que os seus servos possam ter-vos nesta vossa casa.

— Tão poucas não são as festas do anno, padre provincial; e ellas não passam sem me ver sentado á mesa deste convento, onde a vossa amizade me acolhe com verdadeiras mostras de bondade.

— Não é razão, *carissimè doctor*, para nos privar de vossa companhia nos dias não sanctificados: si eu fora vosso confessor, vos daria essa penitencia por algum peccadosinho que deveis ter commettido na mocidade.

— Não era preciso ir tão longe; hoje mesmo padre provincial... Sou homem, e o psalmista o disse: *Homo, natus de muliere, repletur multis miseriis....*

— Livre-nos Deus de offender a vossa modestia. Mas passando a assumpto profano, vindes disposto a jogar a nossa partida do costume.

— De certo, e por signal que me deveis uma desforra da ultima vez. Preparastes um lance que me desorientou completamente.

— E' verdade! respondeu o provincial, esfregando as mãos com visivel satisfação. Avancei um pião defendido por um castello; xaqueei o rei, e antes que podesseis defender-vos, dei-vos o mate com o delphim!... Bello lance!... Tinha-o estudado.

— Tambem eu havia preparado um, mais tinheis o jogo tão cerrado, que me desfistestes todas as combinações.

— De véras!... Não me havieis dito tal.

— Pensais que se fica de animo sereno, quando se perde uma partida de honra? Porque, si vos lembrais, era um desafio!...

— Lembro! Lembro!... exclamou o frade não cabendo em si de contente, fasei por tomar hoje a desforra.

— Neste proposito venho eu; e já vos advirto que custareis á leva-la!

— Melhor! Gosto da victoria disputada.

— A' proposito, sabeis novas do reino? A relação virá? perguntou o licenciado com um ar de perfeita ingenuidade.

— Breve deve estar por ahí; já El-rei tinha provido os desembargadores; respondeu o provincial não podendo esconder um sorriso. Quanto ás

novas, de grande monta são para este estado.

O jesuíta repetio então o que Balthasar Telles já havia contado ao licenciado, sem contudo fazer nem uma observação sobre as causas que tinham motivado as resoluções de Felipe III.

— Quem não ha de receber isso de rosto alegre sei eu ; disse Vaz Caminha.

— O Sr. D. Diogo de Menezes !... Não se pode queixar senão de si !

— Elle mesmo o procurou com suas mãos !... E o novo governador veio na fragata ? perguntou o advogado.

— Não ; mas deve já estar em Pernambuco, de onde seguirá direito para o Rio de Janeiro.

— Então ninguem de vulto chegou ?

— De vulto não, chegou-nos um irmão que vem fazer residencia nesta casa por ordem do Geral.

— Bem vindo seja, que nesta terra de gentio nunca serão de mais os missionarios de Christo. Pena é que fosse um somente ; acrescentou o licenciado.

— Com o tempo virão outros, doutor ; respondeu o provincial sorrindo. Mas entrai, entrai !...

Esta conversa tivera lugar no topo da escada, onde os dois velhos amigos se haviam encontrado.

Ao convite do jesuita, Vaz Caminha o seguiu pelo corredor que dividia os dormitórios, e entraram ambos na bibliotheca.

Esta parte do convento, uma das mais importantes depois da secretaria, estava collocada ao lado do sul ; era um vasto salão, com janellas rasgadas, das quaes se gosava de uma vista admiravel sobre o mar. Grandes estantes de livros cobrião as paredes de alto a baixo; no fundo pendia um grande retrato á oleo de Santo Ignacio de Loyola, o fundador da Companhia; o artista hespanhol que desenhára esse quadro tinha reproduzido com um fino colorido a expressão sublime do soldado de Novara, coberto com a roupeta do monge.

Ao longo da sala estava uma mesa comprida, carregada de instrumentos astronomicos e mathematicos, de tinteiros, livros e papeis ; ahi sentados, diversos religiosos aproveitavão a manhã para realisarem os trabalhos de paciencia e estudo, que são o mais precioso legado deixado por essa Ordem á civilização moderna.

Muitos copiavam manuscriptos de historia; outros traduziam em guarany as orações christãs para uso dos indigenas ; estes se entregavam á estudos de botanica, e classificavam uma planta brasileira ainda desconhecida ; aquelles tiravam a limpo as suas observações astronomicas ; alguns

escreviam chronicas de suas religiões, ou cartas sobre o estado das reduções.

Quem visse esses homens, assim occupados em marcarem com o sello da sua intelligencia todos os conhecimentos; em ligar o seu nome, não já á religião, mas á historia, á geographia, á politica á philosophia e até ás artes; não se admiraria que unidos pelo mesmo pensamento e dirigidos pela mesma vòntade, houvessem creado a ordem poderosa que, espalhando-se pelo mundo, dominou os thronos, curvou os reis, e lutou com os governos das nações as mais fortes.

Ao meio dia em ponto a sineta tocou chamando a communidade á refeição.

Quando Fernão Cardim e o licenciado ião descer a escada, o irmão dispenseiro chegou-se á elles e dirigio-se ao superior com o costumado respeito.

— Padre provincial, o irmão Fr. Gusman de Molina pede a Vossa Paternidade, que o dispense por hoje de comparecer ao refeitório.

— O dia de chegada é sempre concedido ao repouso; dissei ao nosso irmão que se restabeleça das fadigas da jornada; melhor cumprirá depois os deveres do nosso instituto.

Com pouco, a communidade, rodeando a longa mesa de jantar, murmurava baixinho a prece do ritual.

VIII

COMO O PADRE PROVINCIAL DEU XAQUE AO REI E FOI XAQUEADO

Deu uma hora da tarde.

Na vasta sala da bibliotheca, á pouco deserta, andava um frade, que percorria o aposento á passos vagorosos e com o movimento aŭthomático e maquinal do homem absorvido em funda meditação.

As vezes parava em face do quadro de Santo Ignacio de Loyolla; alçava então a alta estatura, fitava no retrato o olhar ardente, e rastreando na tela as linhas das feições nobres e expressivas, troçava com a imagem inanimada um sorriso de orgulho.

Quem o observasse nesse momento, comprehenderia o que se passava em sua alma.

Aquella fronte larga e proeminente, cobrindo como uma abobada de marmore os olhos fundos, onde a pupilla negra brilhava na sombra com reflexos de um fogo volcanico nas trevas da noite; o oval daquelle rosto que terminava na ponta de uma barba saliente, o nariz aquillino, as faces longas, a boca fina e cerrada; todos esses traços accentuados pareciam cinzelados pelo molde do busto, que o artista havia desenhado no quadro suspenso em um dos pannos da bibliotheca.

Era tal a semelhança, que á primeira vista se julgaria que o vulto do fundador da Ordem de Jesus destacára da moldura, e encarnando-se, passeava pela sala deserta, á revolver na mente os destinos futuros da poderosa creação do seu espirito; desse apostólado que devia conduzir a humanidade dos umbraes da idade media ao portico da civilização moderna.

Mas passada essa primeira illusão, conhecia-se que entre aquelles dous homens, o que revivia no quadro e o que o contemplava, havia mais de um seculo: separava-os o tumulto de duas gerações; um nascera com a descoberta do novo mundo, em 1491; o outro apenas contava trinta annos de idade.

Não era portanto um retrato em face do original, como a principio parecia; era sim uma recordação, um typo conservado pelo artista, que a

natureza por uma misteriosa coincidência caprichára em reproduzir, e que talvez o artificio inspirado por occulto pensamento tratára de aperfeiçoar.

Depois de rever-se um momento naquella imagem, como em um espelho moral, onde sê reproduziam as suas idéas, o frade continuava o seu passeio, perlongando o aposento.

Então já não era o mesmo homem; o talhe acurvava-se; a cabeça inclinando obscurecia os traços da physionomia; os olhos perdiam-se quasi occultos pelo senho carregado; as faces se contrahiam, e a boca ainda mais cerrada, repuxando os musculos faciaes, abria rugas precoces naquelle rosto que antes parecia expandir-se em toda a robustez da idade.

Nessa occasião representava mais dez annos; era quasi um velho, gasto pelas vigílias e maceações de uma pratica ascetica, arrastando com o passo já meio tremulo uma existencia atribulada, espiando talvez no jejum e penitencia os erros de uma mocidade desregrada.

Qual desses dois homens era o verdadeiro? Qual dessas duas physionomias era a mascara que disfarçava a outra?

A mocidade não se finge; o fogo do sangue, que borbulha nas veias e ferve no coração, depois que os annos o gelam, não é mais possivel aquece-lo;

essa expansão da vida no momento da sua florescencia, uma vez passada, nada a faz voltar.

Si pois havia mascara na physionomia desse homem, era a velhice prematura, que desaparecia quando o espirito distrahido por algum pensamento grave, esquecia a materia que elle escravizava, deixando o corpo livre da pressão reivindicar a sua actividade e desenvolver-se de repente com o impulso da vigorosa constituição.

Havia apenas tres horas que Fr. Gusman de Molina desembarcara e achava-se no convento: ninguem sabia ao certo o que o trazia ao Brasil e quem o enviava; mas era natural que tocado do mesmo fervor de Nobrega e Anchieta, viesse apostolar entre os selvagens e plantar a cruz nos desertos, cingindo-a com as palmas do martirio.

Assim pensavam todos e o mesmo provincial, a quem o recémchegado nada communicára a respeito de sua viagem: apenas no momento de beijar-lhe a mão, dera-lhe o toque symbolico do gráo de *professo*, e tanto bastou para que o superior não lhe dirigisse uma só pergunta, e o acolhesse como um filho da casa, sem mesmo indagar do seu nome.

Rodeado pela communiidade que estava anciosa por saber noticias da Europa, Fr. Gusman satisfez á todos e ao mesmo tempo se informou do estado das cousas no Brasil; dahi a uma hora estava ao

corrente de todas as questões importantes da Ordem, na Bahia, não porque lhe houvessem os padres revelado ségredos que ignoravam, mas porque a sua perspicacia lera a verdade nas noticias vagas que lhe ministravam.

Quando a sineta do refeitório tocou, Fr. Gusman que desejava estar só mandara pedir dispensa ao provincial; e depois de tomar na sua cella uma açorda confortante e um calice de vinho de relego, dirigio-se a biblioteca então completamente deserta :

Ahi, o seu primeiro cuidado foi passar um exame minucioso pelos papeis que os padres haviam deixado sobre a meza na occasião de irem á refeição; leu um trecho, uma pagina de cada um desses trabalhos, e fez o seu juizo á respeito da capacidade dos seus authores; pela escolha das materias dedusio observações que deviam servir-lhe para conhecer o character daquelles homens.

Depois de ter assim interrogado esses objectos materiaes e lido no seu aspecto tudo que elles exprimiam, como á pouco havia lido no espirito dos padres, Fr. Gusman deixou-se levar pelos pensamentos que de tropel lhe assaltavam o espirito e o transportavam a outras regiões.

E' nessa occasião que o encontramos medindo a passos lentos a sala da livraria, até que a commu-

nidade voltando da refeição o veio interromper nas suas elocubrações.

Fernão Cardim e Vaz Caminha entraram em ultimo logar : o provincial tinha o rosto mais presenteiro e o gesto ainda mais vivo e animado ; o licenciado conservava o serio imperturbavel que nunca o abandonou ; a ventura lhe negara uma das expressões características da phisionomia humana ; seu labio não sabia sorrir.

Atravessando a sala os dois encontraram-se com Fr. Gusman de Molina, que continuava o seu passeio :

— V. Paternidade já repousou dos incommodos da jornada? perguntou Fernão Cardim.

— Quanto basta para cumprir as vossas ordens padre provincial; disse Fr. Gusman com humildade.

— As ordens do nosso instituto, padre Molina ; replicou Fernão Cardim. Mas para isso ainda é cedo ; mal chegastes, e ninguem conheceis na cidade do Salvador.

— E' verdade.

— Pois quero que o vosso primeiro conhecimento seja o melhor. Aqui está o Dr. Vaz Caminha, o melhor advogado da terra, homem de boas letras, e melhores virtudes, com quem gostareis de praticar.

O frade e o licenciado se cortejaram ceremoniosamente.

— Agradeço á V. Reverencia o favor que me depara; porém receio que pessoa de tanto saber não se desagrade da companhia de um pobre servo de Deos, ignorante nas cousas que delectam o espirito. •

— V. Paternidade não ignora, respondeu mansamente o doutor, que as aves de altanaria antes de erguer o vôo rastejam com o chão para desentorpecerem as azas ; aos homens de grande engenho succede o mesmo; descem muito para subirem mais.

O frade lançou um olhar rapido sobre o velhinho. Advinhou elle que essa crosta rude e grosseira cobria delicada polpa e um espirito elevado ?

O provincial se tinha afastado alguns passos para inspecionar o serviço de um irmão leigo que preparava o jogo de chadrez, collocado junto a janella sobre um bufete ; vendo todas as peças enfileiradas no seu logar, voltara-se para o licenciado, antes que o frade tivesse tempo de responder-lhe.

— Não façamos esperar aos *reis*, doutor ! disse Fernão Cardim apontando para as figurinhas chinasas, e sorrindo do seu trocadilho.

— Não sou capaz de tal descortezia ; aqui me tendes.

Fazendo uma reverencia á Fr. Gusman, o licenciado foi tomar o seu logar a direita do bufete, e

defronte do Provincial : este esquecendo o mundo concentrava a sua attenção no taboleiro, cujas casas pretas e brancas se lhe afiguravam posições estrategicas de dois exercitos inimigos no começo de uma grande batalha.

— Toca-vos a mão, Vaz Caminha ; disse o provincial depois de tirar a sorte.

— E' justo ; replicou o lettrado ; aqui são os piões que primeiro sahem.

E disendo isto empurrou um trebelho, que fez o jesuita erguer a cabeça, e olha-lo espantado.

— Que é isto, doutor ! Jogais o pião do roque ?

— *Omnis variatio delectat*, padre provincial. Quero experimentar jogo novo.

— Não creio que vos dêis bem com a lembrança.

— A experienciã mostrará.

Fernão Cardim desconcertado nos seus planos com a sahida do parceiro, levou o annullar á testa, e reflectiu profundamente no lance, até que ao cabo de cinco minutos resolveu-se a fazer a primeira jogada.

A biblioteca a pouco e pouco ficara déserta ; os padres acabando o trabalho, desciam á cerca do convento, e ahi á sombra das arvores proseguiam na leitura de alguma obra ; outros sahiam ao cumprimento dos seus deveres religiosos e apesar de ser o dia de festa iam, como confessores que eram de diversas casas, á cura das almas.

Entretanto a partida de xadrez se travára ; o provincial completamente absorvido não dava fé de cousa alguma ; porém Vaz Caminha dividia a attenção entre o jogo e os importantes acontecimentos daquella manhã, que vieram perturbar a calma e doce monotonia de sua existencia.

Não lhe sabia da memoria a carta que Estacio lhe mostrára ; quanto mais reflectia, maior vulto tomava a suspeita de que as ultimas novidades politicas do reino tiyesssem remota connexão com o destino de seu pupillo. A' estas preoccupações vinha ligar-se a lembrança do misterioso emprazamento daquella dama desconhecida que dizia precisar do seu conselho.

Tambem não deixava de impressiona-lo a presença do jesuita recém-chegado, que continuava á passear de um canto á outro da sala.

O ar de excessiva humildade do padre Molina não o tinha illudido ; advinhára que sob aquella apparencia enganadora se escondia o superior, o qual não tardaria a revelar-se.

Nisto o jesuita aproximou-se do bufete, e esteve alguns instantes a contemplar o jogo, que se complicára nas suas variadas evoluções. Segurava então o provincial uma das peças, e assentando-a de chapa na casa proxima exclamou com ar de triumpho :

— Xaque ao rei !

O licenciado era um habil jogador ; com um volver d'olhos apreciava a posição do parceiro, e oppunha uma defesa invencível, ou preparava um ataque decisivo ; conhecia todas as manhas do adversario, e previa os mais bem combinados lances.

Elle tinha porém estudado o parceiro e conhecido o seu fraco ; porisso como homem que sabia viver, perdia sempre, e sacrificava a gloriola de jogador de xadrez á vantagem real e positiva de conservar um amigo, que lhe podia servir de muito em caso de necessidade.

Assim quando o provincial, pensando que ia ganhar a partida, soltou o primeiro grito de triumpho, já o seu parceiro, que desejava ainda por algum tempo disputar a victoria, tinha prevenido o ataque e inutilisado todo o plano, cobrindo o rei com um cavallo.

— Ah ! tinheis esse conde á mão ! disse Fernão Cardim desconcertado.

— Si V. Reverencia em vez de xaquear de longe, approximasse a sua dama do rei, não succederia isso ; disse o padre Molina, em tom condoído ; e na segunda jogada daria mate.

O provincial mordeu os beiços de despeito :

— Não sabia que V. Paternidade era fórte no xadrez.

— Pouco entendo deste, como de outros jogos.

— Entretanto tem avisos prudentes que não são de principiante, mas de mestre.

Frei Gusman sorriu :

— Taes avisos não os aprendi nesse taboleiro de sessenta e quattros casas, porém em outro maior a que chamam o mundo, padre provincial. Si eu quizesse atacar um governador, digo, um rei, não o ameaçaria de longe para que elle se prevenisse ; approximar-me-hia ao contrario para conhecer-lhe o fraco, e dar mais certo o golpe.

O licenciado volveu á furto os olhinhos para o frade e admirou a expressão de energia que realçava a intelligente physionomia : o provincial embebido em novos calculos não deu attenção ao incidente.

Ouviu-se no Terreiro a musica das charamellas, adufes e pifaros em concerto com o vozear alegre da multidão.

O padre Molina dirigio-se á uma das janellas que abria sobre a praça ; por entre as rotulas pretas enfiou o olhar rapido e incisivo do homem observador.

Entretanto os dous enxadristas continuavam impassiveis. O convento poderia tombar sobre as suas cabeças, què o estrondo da queda não perturbaria o Provincial na elocubração profunda do xaque-mate ; e o paciente doutor no chylo do jantar e das idéas que ruminava desde a sua chegada.

IX.

FICA BEM AVERIGUADO QUE O LATIM É UMA
LINGUA BARBARA.

Os preludios da musica annunciavam que a festa ia começar.

Esplendido e magnifico era o spectaculo que apresentava o Terreiro do collegio. A multidão, que enchia a praça ondulava marchetando-se das cores vivas e brilhantes dos trajés e atavios.

Pelas janellas das casas pendiam vistosas colxas da India com franjas e labores de preço ; uma infinidade de bandeirolas, flamulas e gallhardetes esvoaçava ao sopro da brisa do mar, formando um iris mobil e volante.

A claridade do sol batendo de chapa sobre a immensa alcatifa de sedas e velludos, fazia scintillar as facetas das pedrarias, o polimento das armas

e o lustro dos arnezes, cujos reflexos brilhantes esguichavam como espadanas de uma cascata de ouro.

Na sombra que projectavam os toldos de seda outro quadro se desenhava menos vivo, porém mais delicado. Em volta das archibancadas do circo, como collar de perolas, ou festão de rosas, estavam as mais formosas damas da Bahia, desfolhando o sorriso na ponta do labio travesso, vertendo cores e feitiços das faces rosadas.

Ao primeiro lanço d'olhos, o painel se mostrava confuso e enredado, como os mosaicos chinezes e os arabescos mouros.

Logo apoz a multidão que se agitava na praça figurava um dragão de mil cores, á enroscar em anneis o dorso de escamas prateadas. Afinal quando a vista se afitava, os objectos se tornavam distinctos, as formas varias destacavam; podia-se então apreciar a disposição da scena.

O circo ainda completamente deserto abria-se no centro mesmo da praça. Corriam em volta duas teias: a primeira que servia de estacada era de gradil verde: a segunda que separava a multidão estava coberta de raxa vermelha; entre ambas havia um passeio estreito, no qual já appareciam alguns cavalheiros.

Pela cinta exterior se elevavam de espaço a espaço compridas lanças com as suas divisas listradas;

ao longo dellas estavam postados os soldados do terço da Fortaleza de Santo Antonio da Barra, com as suas couras amarellas e as suas alabardas afiadas, promptos a manter a ordem.

A' meio do circulo em face uma da outra tinham armado duas tendas verdes, a primeira destinada para os aventureiros, que assim chamavam naquelle tempo os cavalheiros que tomavam parte nos varios jogos e sortes; a segunda reservada para os mantenedores.

Fronteiro á entrada da liça e mais elevado erguia-se um gracioso pavilhão de damasco branco dividido em tres arcos; o do centro mais largo era destinado para o Governador e as familias por elle convidadas; os das extremidades para os officiaes da camara, e as authoridades civis e milicianas.

Uma escadaria tapessada descia para um largo estrado, que ficava sobranceiro á liça; ahi viam-se as tres cadeiras dos juizes em torno de uma mesa coberta de velludo com a salva de prata, onde se guardavam as joias e objectos de gosto, que deviam ser dados em preço de valor e galhardia aos cavalheiros que primassem nos jogos.

Pela beira do estrado passeiava com um ar de importancia a fazer inveja ao mais pedante desembargador da casa da supplicação, o nosso conhecido mestre Bartholomeu, que pelo seu porte atletico e pela entonação magestosa de sua voz,

fora escolhido para desempenhar as funcções de arauto. O cantor da capella tinha um aspecto soberbo sob as suas vestes de cerimonia; mirava-se com ufania na cota d'armas que lhe cobria o peito, no jubão roxo com morenilhos de retroz, e no braço que trasia do lado esquerdo.

Sobre o arco central que sustentava a cupola do pavilhão tinham pintado as armas que Thomé de Souza dera a cidade do Salvador quando a fundara; eram essas uma rola branca sobre campo verde, tendo no bico um ramo de oliveira com o seguinte distico em letras de ouro:—*Sic illa ad arcam reversa est.*

Esse emblema recordava a tradicção biblica. A rola simbolisava a mensageira de Deos que viera annunciar ao Brasil a aurora da civilisação, como no começo do mundo annunciara ao genero humano a bonança depois do diluvio; a arca era a cidade onde n'um futuro bem proximo se devia salvar a colonia da invasão estrangeira.

Sob o docel do pavilhão já se achava D. Diogo de Menezes, o qual nesse momento esquecia o seu elevado cargo, para lembrar-se como cavalheiro do que devia as damas das mais nobres e ricas familias, que por convite especial occupavam os lugares distinctos, e formavam por assim dizer a pequena côrte do Governador.

Entre todas, uma linda menina attrahia os olha-

res dos cavalheiros, que na sua ardente admiração a proclamavam rainha da belleza ; era Inezita.

O longo vèo que de manhã na missa lhe occultava o rosto e disfarçava o talhe desaparecera ; agora o traje de gala deixava contemplar em seu brilho as graças da encantadora criação, que a natureza concebera em algum momento de enlevo e cristalisara com um beijo de mãe naquelle anjo.

Tudo era mimoso e delicado no corpo gentil que palpitava de esperança e de amor, ondulando no requebro suave, desatando nos movimentos faceiros , como si a alma lhe vertesse dos labios, para embebe-la de luz e envolve-la toda em um só e unico sorriso.

A coifa de fios de ouro, colhendo as tranças negras em volta da cabeça, ia terminar em coração na frente pura, onde os cabellos riçados annelavam-se como espiras de um diadema, lembrando o gracioso penteado, a que uma rainha infeliz dera o seu nome.

As sobranceiras arqueavam como traços fugitivos de um pincel embebido em nanquim ; e as palpebras ligeiras ou cerravam-se beijando as faces com os longos cilios e azulando a tez com as tenues sombras ; ou deslaçavam como folhas de rosa nadando em gotas de leite.

Nesses rapidos instantes via-se a limpidez e a perfeição dos seus grandes olhos ; a pupilla negra

engolfada no cristalino humido e transparente coalhava-se em globulos de luz branda e serena; o olhar não era visão, sim reflexo de irradiação intima, doce fulgor de innocencia e candidez.

Aljofar diaphano enrubecendo aos raios do sol; alva lençaria corando ao reflexo de fitas escarlates; fino esmalte onde o branco e o carmim se cambiam; nem uma dessas imagens pôde dar uma idéa da cutis mimosa, que avelludava-se aos toques da luz.

Brincava-lhe o coração nos labios rosados, que enflorava o meigo sorriso, abrindo nas faces duas covinhas graciosas,inhos feiticeiros, onde se incubavam desejos de amor estreme: porém as vezes uma expressão seria colhia esse deslace das feições gentis, e traçava em toda a pureza as linhas harmoniosas, que, desenhando o collo flexivel, torneavam as espaldas e iam fugindo perder-se na volta de um collarinho de renda.

O corpilho de lhama de ouro atufando-se para debuxar o relevo de dois seios de virgem, depois estreitando para moldar o talhe esbelto e senhorril, cerrava a cintura de menina, e abria as asas sobre as amplas dobras da saia de raso branco, que arfava com o influxo das formas seductoras.

Das largas mangas de volante, apanhadas por um broche, escapavam os lindos braços cujos contornos divinos pareciam talhados no mais candido

alabastro ; as mãos pequenas e melindrosas, uma machucava a cambraia rendada de um lenço de Valencia, a outra brincava no regaço, alisando distrahidamente os rofos do setim.

Trasia gargantilha e pulseira de rubis ; o cinto de velludo azul era broslado de ouro e cravejado de gemmas preciosas ; dois lindos diamantes engastados nos pingentes das arrecadas tremulavam suspensos á pontinha da orelha, como gotas de orvalho pendurando-se das petalas de uma flôr, ou borbulhando nos labios de uma concha nacarada.

Tinha a cabeça recostada no espaldo do cochim de damasco, e deixava os olhos vagarem incertos pela scena que se desdobrava em face, acompanhando o fluxo e refluxo da multidão alegre e pressurosa ; quando subito rubor accendeo-lhe a côr mimosa das faces ; e ligeiro estremecimento de sensitiva que se arrufa, correu-lhe pelos hombros delicados.

As palpebras cerraram ; o sorriso que ia desabrochar fugiu dos labios ; a mãosinha buliçosa descahio-lhe immovel ; a fronte inclinou timidamente ; o seio offegou, comprimido por uma sensação estranha.

Vira dois cavalheiros que atravessavam pelo fundo da praça ; um delles fazendo estacar o fogoso ginete, procurava de longe com os olhos algum objecto querido ; a menina reconhecera Estacio e

foi presa do sentimento vago que se apodera da virgem na presença do homem amado. Que sentimento é esse? Mixto indefinível de pudor e vaidade, de ineffáveis alegrias e mysteriosos presentimentos; vaga alternativa de receio e confiança, de inquietação e serenidade.

Estacio vestia saio e calças de setim azul guardado de alvo torçal: as armas eram pretas com labores dourados; o talabarte e cinto de couro negro pespontado de branco com espiguiha de prata. Do capacete rematando em longo velinho fluctuante sobre as ancas do animal, escapava-se a alva pluma que enroscando em volta do pescoço, ia beijar a face afogueada pelo sol; montava com elegancia um soberbo cavallo negro, que estremecia de ardor e impaciencia sob o freio coberto de espuma; na mão direita trasia a lança com manga de seda azul; na esquerda tinha passado e escudo sobre o qual via-se a lettra: *Amor vincit omnia*.

O outro cavalleiro era Christovão; trajava, como seu amigo; roupas do mesmo molde e das mesmas cores. Cavalgava um ginete tordilho arreiado com primor; sella coberta com telliz de veludo, e jaeses de aço tauxiado com frisos de ouro; na tarja via-se por timbre uma estrella brilhando entre nuvens em campo azul com a legenda latina: *Me videt, ducit me*.

Um instante Inezita pallida e tremula esteve sob

a influencia magnetica do olhar de Estacio, como sentindo aquelle raio luminoso deslizar-lhe pelo rosto e abrasar-lhe as faces ; até que as palpebras ergueram-se a medo, e de um volver ella vio o gesto de admiração ardente que se pintava no semblante do moço.

Ergueo a cabeça desvanecida : o sorriso de adoração, que adejava nos labios de Estacio, acabava de reflectir como um espelho a sua belesa deslumbrante.

Seu olhar envolveu amorosamente as feições do moço em ondas de luz ; depois fitou-se no escudo, e procurou decifrar com o coração, mais do que com o espirito, o enigma da divisa. Um quer que seja lhe disia que ali havia uma palavra para ella: na impossibilidade de traduzir, soletrava decorando uma a uma as letras.

Nisto D. Diogo de Menezes, aproximando-se pela frente do pavilhão, tomou-lhe a vista. A menina involuntariamente, sem poder conter-se, deixou escapar um movimento de contrariedade tão sensível que fez o governador sorrir.

— Bem vejo que o sol queima á quem lhe faz sombra ! disse D. Diogo gracejando.

Inezita arrependeu-se da sua imprudencia.

— Não é assim ?

— Que sei eu ! balbuciou ella confusa.

— Sabem esses lindos olhos, que me estão deitando quebranto, porque...

— Porque ?...

— Porque lhes roubei um olhar que andava enleiado, Deos sabe onde.

— Oh ! não ! exclamou a menina muito corada. Eu digo o que era.

— Algum guapo cavalleiro ?

Estacio e Christovão tinham desaparecido na entrada da rua ; Inezita conseguindo encobrir a sua perturbação graças á inata dissimulação das mulheres, abanou a cabeça com um arzito de malicia.

— Eram aquellas lettras dos escudos, que estavam me aborrecendo ! disse ella meio arrufada.

— Ah ! As divisas em latim !... exclamou o governador rindo.

— Não é mal feito escreverem n'uma lingua que não se entende ?

— Certo que parece falta de galanteria ; mas assim usaram nossos pais.

— E' que as damas então sabiam muito ! replicou a moça.

— Menos que hoje, e os proprios cavalleiros mal soletravam essas palavras: isso porém não impedia que as trouxessem gravadas no coração, mais do que no escudo.

— Melhor fora que as comprehendessem; o que

se guarda no espirito vai-se ; o que sentimos n'alma, fica para sempre.

— Oh! que as sentiam! Bebiã com o primeiro leite e só as perdiam com o ultimo suspiro.

— Embora ! Antes as queria na lingua que falamos.

— Já vejo que vos enfada não poder entendelas ; não seja isso rasão de quererdes mal aos nossos cavalleiros ; em vindo elles vos tradusirei as lettras dos seus escudos.

— Todas sem faltar uma ? acudio a menina contente.

— Desde a primeira até a ultima.

— Que bom é saber ! disse Inezita sorrindo.

Os tres juizes do campo, Alvaro de Carvalho, D. Francisco de Aguillar e Balthasar Telles dirigiram-se ao governador pedindo-lhe venia para comecar a festa ; e foram depois occupar os seus logares. Immediatamente tocaram de novo as charamelas e adufes, cujos sons se confundiram ao longe com o tropel dos cavallos.

Dahi a instantes uma cavalgata brilhante e luzida appareceu no canto da rua, e fazendo a sua entrada na liça deu volta á teia ; saudou o Governador e as damas com airoso meneio e giros das lanças e foi collocar-se a direita.

Condusia D. Fernando de Ataide, que vinha ataviado com aprimorado luxo ; vestia saio e calças

de setim cramesi acairelado de galão de ouro ; de preto, como a longa pluma, eram os pespontes e a orla do cinto e talim ; armas brancas, lança com manga escarlata, e escudo com a lettra—*Væ qui percutiant illum !*

D. José de Aguiar, irmão de Inezita era o segundo ; tanto elle como os outros cavalleiros em numero de vinte trajavam irmãos, e do mesmo modo que Fernando ; as suas côres eram preto e escarlata.

Em pouco a segunda quadrilha, conduzida por Christovão, e composta tambem de vinte cavalleiros trajando azul e branco, entre os quaes distinguia-se pelo seu garbo e gentileza Estacio Corrêa, assomou á entrada da liça e desfilando com a mesma solemnidade, foi postar-se a esquerda.

Então Inezita impaciente olhou travessamente para o governador.

— Quereis me lembrar, que o promettido é devido ! disse D. Diogo com amabilidade. Por onde começaremos ?

—Pelo céo; respondeu Inezita sorrindo: Aquella estrella ?

Era um disfarce innocente para não se trahir perguntando pelo que mais a interessava; era tambem um meio de aproximar-se do seu fim, porque Estacio estava logo depois do seu amigo.

D. Diogo correu os olhos pelos cavalleiros :

— E' de Christovão de Avila?... Tem a letra :
Ella me vê e me guia:

— Ah! que linda é! exclamou Inezita lembrando-se de Elvira.

— Não é menos a do outro cavalleiro que não conheço. Sabeis quem seja ?

A menina enrubeceu e fez um gesto negativo ; porque a voz prendeu-se-lhe nos labios.

— Tem um nobre parecer, continuou o fidalgo ; a sua divisa é o verso de um grande poeta romano.

— Mas a primeira palavra não é latim ! accudio Inezita com vivacidade.

— Tem as mesmas letras e o mesmo sentido ; diverge porém na pronuncia ; diz-se—*amor*.

— Ora ! Nas fallas portuguezas é mais doce ! respondeu a menina ingenuamente.

— E tambem nos corações portuguezes ! replicou o governador galanteando.

— E a significação do verso ?

— Tem razão. Ei-la: — *O amor tudo vence*. Que vos parece ? Não é gentil e sobretudo verdadeira ?

— Quem sabe ! murmurou a moça tornando-se melancolica de repente.

— Oh ! Lá está D. Fernando de Athaide que traz um moto a fazer inveja aos mais esforçados

lidadores dos tempos da cavallaria :—*Desgraçados dos que baterem no seu escudo* :—diz elle.

Inezita sorriu com desdem.

— Vosso irmão é que foi laconico, *are* ! Disse muito em uma palavra ; o seu escudo é de bronze.

D. Diogo continuou a traduzir as divisas mais engenhosas dos diversos cavalleiros ; esse doce entretenimento distrahia o seu espirito das graves occupações que lhe despertavam os importantes despachos chegados do reino naquella manhã.

O seu orgulho tinha recebido uma humilhação com a separação do governo do sul ; mas para não dar aos seus inimigos e sobretudo ao partido dos Jesuitas o prazer de se regozijarem com a sua mortificação, o fidalgo como habil politico tinha o semblante tão prasenteiro e risonho, que não parecia o mesmo homem de aspecto frio e severo.

FIM DO 1º VOLUME.

NOTAS.

PAG.—7

Cidade do Salvador.—Erradamente dizemos hoje cidade de S. Salvador. Foi aquelle o nome que lhe deo Thomé de Sousa : nas chronicas do tempo, como nas cartas regias, assim se denomina.

PAG.—9

D. Diogo de Menezes e Siqueira.—Filho de D. João de Menezes, capitão de Tangere: nomeado governador geral do Brasil em 22 de Agosto de 1606, chegou a Pernambuco em Dezembro de 1607; só um anno depois seguiu para a Bahia em virtude de carta Regia de 9 de Agosto, que o mandava residir naquella capital afim de evitar o abuso que se introduzira de escolherem os governadores qualquer capitania para nella fazerem a sede do governo.

Terminando o seu governo em 1612, D. Diogo de Menezes recolheu-se á corte; dez annos depois foi despachado conde de Ericeira: falleceu em Maio de 1635.

PAG. —10

D. Constantino Barradas.— Entre o governador D. Diogo de Menezes e o bispo D. Constantino Barradas houve no anno de 1608 em Pernambuco, por occasião da procissão do Corpo de Deus, uma questão de etiqueta e precedenciá, que, diz Warnaghen— *Historia do Brasil*, foi um verdadeiro romance.

D. Constantino Barredas foi o 4.º Bispo da Bahia e regeo essa diocese desde 1603 até Novembro de 1618 em que falleceu.

PAG —10

Servidão dos indios.— Os jesuitas como é sabido defendiam a liberdade dos indios: ao passo que os lavradores, faltos de braços, pois não bastavam os negros vindos de Guiné, continuavam a captiva-los, apesar das leis promulgadas nos reinados antecedentes.

PAG —11

A Bahia.— Gabriel Soares— (*Roteiro*)— dá em 1587 oitocentos moradores á Bahia: em 22 annos que vão para 1609, essa população deviasse ter elevado ao algarismo de 1,500 pouco mais ou menos.— A capitania tinha em 1587 2,000—colonos, 4,000 escravos, e 6,000 indios cathequisados, segundo o author citado.

Quanto ao luxo de que se falla é attestado pelo mesmo Gabriel Soares e Fernão Cardim— *Narrativa*.

PAG —12

O collegio dos Jesuitas.— Era então o edificio de melhor fabrica que havia na Bahia. A ordem estava no fastigio: era rica e recebia do estado mais de quatro mil cruzados, alem do que lhe rendiam seus engenhos.

PAG - 13

Palanquins.— As cadeirinhas e palanquins faziam então as veze; das soges e carruagens; cujo uzo ainda se não tinha introduzido.

PAG - 14

Christovão de Garcia de Avila.— Refere Varnaghen que um moço pobre de nome Garcia de Avila veio com Thomé de Sousa e depois toruou-se um dos primeiros proprietarios. No correr dos tempos encontra-se um Garcia de Avila Pereira, descendente do primeiro, também poderoso e rico.

PAG - 17

Argau.— Do argau, vestuario dos escravos mouroes em Lisboa, pode-se fazer uma idéa — diz Alexandre Herculano, imaginando duas mantas de lã parda, unidas por uma das extremidades, tendo apenas na costura o vão necessario para passar a cabeça.

PAG - 19

Adro.— Actualmente a frente da Sé da Bahia não dá entrada por causa do desmoronamento: entra-se pela porta lateral.

PAG - 32

Alcaide-mór.— É difficil conhecer a chronica da cidade da Bahia naquelle tempo, porque os archivos da camara e papcis do governo se perderam com a occupação dos holandezes em 1624. Alvaro de Carvalho sabemos que era alcaide-mór em 1607 quando chegou a Pernambuco D. Diogo de Menezes. De Balthazar Ferraz lemos em uma nota do 1.º volume pag. 306 da Historia do Brasil de Varnaghen, que chegando á Bahia em 1588 ainda vivia em 21 de Dezembro de 1603, feito provedor mór da fazenda.

PAG —32

Dignidades.— A Sé tinha cinco dignidades, seis conegos, dois meios conegos, quatro capellães, um cura e um coadjutor.

PAG —32

Provincial dos jesuitas.—Até 1609, epocha desta historia, só existiam na Bahia as tres ordens de que se fez mrnção.

PAG —34

O Padre Manoel Mendes.— Natural de Evora, mestre de capella do tempo do cardeal—rei, fallecido em 1605. Compoz a arte do canto-cham e muitas solfas de igreja.

PAG —43

Engenho de Paripe.— Diz Gabriel Soares :

« De Nossa Senhora da Escadã para cima se recolhe a terra para dentro até o porto de Paripe, que é d'ahi uma legua, cujo espaço se chama a Praia Grande, pelo ser e muito formosa, ao longo da qual está tudo povoado de mui alegres fazendas, e de um engenho de assucar que mõe com bois e está muito bem acabado, cujo senhorio se chama Francisco de Aguilar, homem principal, castelhano de nação.»

PAG —58

Pueris e grammaticas.— Assim chamavam antigamente, segundo Alexandre Herculano, os estudos primarios para entrar nas alas maiores,

PAG —59

Ordenações Manuelinas.—As ordenações Philipinas só foram promulgadas em 1603.

PAG —59

Creara-se em 1588.—A Relação da Bahia foi creada em 1588; mas só se installou em Abril de 1609.— A causa já se disse no texto.

PAG —61

Foro Bahiano.—Esse estado do foro bahiano naquella epocha e historico. O Sr. Warnhgen. que na sua excellente historia do Brasil, já nos tem ministrado tantos subsidios para esta tosca e mal alinhavada chronica, forneceu-se mais este.

Fallando de estado do foro diz elle que havia muitas demandas porém todas ellas terminavam em assassina-tos e vindictas particulares. Foi só em 1609 depois da installação da Relação, que o foro tomou grande desenvolvimento e viram-se então formigar lettrados e rabulas, que tornaram-se uma verdadeira praga.

PAG —67

Roteiro.— Vide o Guarany—Tom. 1.º cap. 2.º onde se acha o titulo desse roteiro:

« Roteiro veridico e exacto em que se trata da rota que fez Roberio Dias em o anno da graça de 1587 as paragens da Jacobina, onde descobrio como favor de Deus as mais ricas minas de prataria, que existam no mundo, com a summa de todas as indicações de marcos, balisas e linha equinocial onde demoram aquellas ditas minas; começado em 20 de janeiro, dia do martyr S. Sebastião e terminado na primeira domingo de Paschoa em que chegamos com a met cê da providencia nesta cidade do Salvador.

PAG —67

Roberio Dias.— B. da Silva Lisboa nos *Annaes do Rio de Janeiro* diz que Roberio Dias morreu na Hespanha. Seguimos porem a versão de Sebastião de Rocha Pita — *Historia da America Portuguesa.*

Aqui damos o que refere esse author, o mais completo á respeito, para que se possa conhecer até que ponto seguimos a tradição, e verdade historica.

«90. Foi fama muito recebida que Roberio Dias, um dos moradores principaes e mais poderosos da Bahia, descendente de Catharina Alvares, tinha uma baixela e todo o serviço da sua capella de finissima prata, tirada em minas que achara nas suas terras; esta opinião se verificou depois com a resolução de Roberio Dias, que sabendo ser publica esta notícia que muito tempo occultara, passou a Madrid e offereceu a el-rei mais prata que Bilbão dava ferro am Biscaya, se lhe conce desse a mercê do titulo de marquez das minas.

«91 Não é justo que mereça conseguir premios, quem nos requerimentos pede mais do que se lhe deve conceder. Este titulo se conferio a D. Francisco de Sousa, que se achava naquella corte provido no governo geral do Brasil; e a Roberio Dias o logar de Administrador das mines com outras promessas; das quae pouco satisfeito voltou para a Bahia na mesma occasião em que vinha o governador, com cuja licença foi para suas terras esperal-o a preveniro descobrimento ou á desvanecê-lo e frustar-lhe a jornada; brevemente a fez D. Francisco de Sousa com todas as instrucções e instrumentos precisos para aquella deligencia; mas Roberio Dias o encaminhou por rumos tão diversos (havendo primeiro feito encobrir os outros) que não foi possível ao governador nem á toda aquella comitiva achar rastos das minas, que tinham assegurado.

«92. Este engano ou se julgasse commettido na promessa ou na execução, dissimulou o governador D. Francisco de Sousa em duanto dava conta á el-rei, e sem duvida experimentaria Roberio Dias o merecido castigo, si antes de chegar a ordem real não houera fallecido, deixando aquellas esperadas minas occultas, até aos seus proprios herdeiros.»

que hoje chamamos simplesmente bengala. O seu uzo é antiquissimo; já o mestre André de Resende na chronica do Infante D. Duarte diz:—*levava uma vara louça na mão, traço ou andaco daquelle tempo. Cap. 5.º*

PAG —92

- *Fernam Cardim.*— É o author da *Narrativa Epistolar sobre Pernambuco*. Ainda em 1618 existia feito Provincial da companhia.

INDICE.

1.ª PARTE.

| | |
|---|-----|
| I.—Em que se trava conhecimento com dois moços de boas prendas | 7 |
| II.—Como resavam duas beatinhas bahianas no seculo 17. | 19 |
| III.—Onde mestre Bartolomeu revella os seus dopara a solfa cantada. | 31 |
| IV.—No qual vem á lume nm papel velho. | 43 |
| V.—Quem era o licenciado Vaz Caminha, aliás doutor de capello. | 57 |
| VI.—Que dá a melhor versão da historia do celebre Roberio Dias. | 67 |
| VII.—Que trata das novas do Reino e do mais que seguiu-se. | 79 |
| VIII.—Como o P. Provincial deu xaque ao rei e foi xaqueado. | 97 |
| IX.—Fica bem averiguado que o latim é uma lingua barbara, | 109 |

Atravez de difficuldades de todo o genero, da descrença publica em relação a empresas litterarias, a *Bibliotheca Brasileira* vae marchando e vae luctando.

Não he a lucta que nos afadiga; não he o esforço que nos assusta. Só tememos e só lamentaremos não poder dar a esta empresa o desenvolvimento que ella comporta e ver desvanecidas as esperanças que nos sorriam quando nos abalançamos a este commettimento.

Com tudo a *Bibliotheca Brasileira* tem razão para lisongear-se com o acolhimento favoravel que recebeu do pequeno numero de amigos e subscriptores que a auxiliam.

Finalisa-se o primeiro trimestre do nosso com-

promisso. A publicação do volume correspondente ao ultimo mez foi retardada mas essa falta involuntaria e filha das condições precarias que atormentam em nosso paiz as empresas deste genero, será largamente compensada. Nós o esperamos e o promettemos até onde a nossa responsabilidade pode ser passiva de um transtorno.

O que queremos está em parte conseguido. Já temos um nucleo de publicação para trabalhos originaes brasileiros. Se os autores, por ora, não retiram das suas obras a compensação que lhes he devida, pelo menos estão habilitados a publicar as suas producções sem a triste dependencia de grandes despesas certas e de alguns subscriptores incertos.

Neste ponto cabe ao editor da *Bibliotheca* tornar publico o desinteresse e o cavalheirismo com que alguns de seus irmãos de letras se tem proposto coadjuvar os seus esforços.

Mais adiante damos uma relação das obras que já possuímos e que pouco a pouco iremos publicando de modo a variar as leituras com os assumptos para maior fructo e contentamento dos assignantes da *Bibliotheca*.

Do empenho com que procuramos corresponder dignamente á confiança dos sustentadores da nossa empresa podem ser prova os dous volumes com que completamos o primeiro trimestre.

O romance cuja publicação ençetamos e que vai firmado por iniciaes muito conhecidas é uma garantia para nós e para o publico.

Para ser avaliado o merito do trabalho bastará a sua leitura. Não vá ainda a grata impressão produzida em todo o paiz pela publicação do *Guarany* romance de que *As Minas de prata* são continuação e que vem despertar de novo o gosto e o interesse pela exploração das nossas riquezas historicas adornadas pelo prestigio de uma acção dramatica e por um estylo castigado e fiel á verdade dos typos e das epochas.

Cremos prestar òem isto um serviço ás lettras nacionaes de que tantos cultores distinctos são já conhecidos e outros se irão dando a conhecer.

Concluindo resta-nos o dever de dar publicidade á carta que abaixo vai transcripta e que nos foi dirigida pelo nosso amigo o Sr deputado Calasans.

Q. Bocayuva.

« Antes de tudo meus cumprimentos pela tua bella publicação que se intitula *Bibliotheca Brasileira*.

Depois uma ratificação, e é :

A poesia que na *Lyrical Nacional* vem coberta com o meu humilde nome, não me pertence. Não posso nem devo usurpar a gloria que por ventura

se refira ao seu digno autor o Illm. Sr. Dr. Fernando Vieira da Silva

Quando, n'outros tempos, mais felizes na verdade, tive a semrazão de escrever versos, fi-los muitos; mas, meu amigo, os enfeixados não valeram sem duvida a poesia que me attribuíste. Favor teu foi o engano da assimilação; dever imperioso me compete de não deixar vogarem as vantagens que eu posso ter conseguido por occasião de um tal engano.

Por isso peço-te que, para desencargo de minha consciencia, dês um remedio ao mal que fizeste.

Teu am.º mt.º affectuoso

P. de Calasans.

OBRAS A PUBLICAR.

As minas de prata, romance em continuação por J. de Al.

Esboços biographicos, 2.^a parte, pelo Dr. F. J. M. Homem de Mello.

Obras completas do Dr. Manoel Antonio d'Almeida.

Os protestantes do Brasil, romance por A. D. de Pascoal.

Poesias do Dr. Bernardo J. da Silva Guimarães.

Child-Harold de Byron, traducção em verso pelo Dr. F. Octaviano.

Retratos litterarios pelo Dr. Henrique Cesar Muzzio.

De ladrão a barão, drama em 4 actos por F. M. Alvares de Araujo.

Um casamento da epocha, drama em 5 actos por Constantino do Amaral Tavares.

Omphalia, drama em 7 quadros por Q. Bocyuva.

ERRATAS.



| Pag. — | Lin. — | Erros — | Emendas. |
|--------|--------|------------------|------------------|
| 14 | — 17 | — aristocraotic— | — aristocratico. |
| 20 | — 24 | — mu — | — um |
| 27 | — 25 | — ainda a — | — ainda. |
| 57 | — 1 | — de Portugal — | — em Portugal |
| 86 | — 13 | — Joaquim Braz — | — Braz Joaquim. |
| 121 | — 22 | — Tem razão — | — Tendes razão. |



BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

V.

ÀS MINAS DE PRATA

—CONTINUAÇÃO DO GUARANY

POR

J DE AL.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO
Rua do Rosario n. 84.

—
1862.

PRIMEIRA PARTE.

(CONTINUAÇÃO.)

X.

DO COMO SE CORREU SEGUNDA LANÇA.

Inezita já não prestava attenção a D. Diogo: tendo sabido o que desejava, seus olhos foram-se, prezos no semblante do moço: o espirito começou a revoar como phalena ou silpho em torno das palavras escriptas no escudo do cavalleiro.

Tenue sombra de melancolia annuviara o rosto mimoso: o verso de Virgilio, a frase apaixonada que Estacio pedira ao poeta para exprimir a energia do seu amor e a nobre ambição de sua alma, lhe accordára no coração um pensamenio triste, antes adormecido com os murmurios da festa.

De repente a menina estremeceu; notara o lugar em que se achava Estacio; observou que elle tinha de bater-se com seu irmão. Embora não passasse de um jogo o combate, apertou-se-lhe o co-

ração com essa idéa. Ver assim em luta duas affeições, e não saber qual dellas preferir, era cruel: desejava que o homem a quem amava vencesse, mas não queria seu irmão vencido.

O signal da investida soou na liça.

As duas quadrilhas, de lança em reste arremeteram á desfillada uma contra a outra, e esbarra-ram no meio da estacada, como as trombas que embatem no oceano pulverisando-se. Os cavallos, de chofre estacados no ardor da carreira, empinaram topando peito com peito; as lanças romperam nos escudos, que retiniram ferindo-se; os justadores com o impeto da peleja, dobrando sobre os contos, se enovelarão no turbilhão.

Um instante foi impossivel distinguir entre os vortices daquelle torvelinho de homens o que se passava; os espectadores mudos e suspensos esperavão cheios de curiosidade; Inezita pallida e sem respiração sentia paralisadas no seio as pulsações que á pouco o faziam entumecer-se brandamente; o proprio D. Diogo, em quem revivera a imagem desmaiada já das esperanças e glorias da mocidade, reanimou-se com o choque dos cavalheiros.

Rapido e fugace passou esse momento de anciedade: foi como pausa imperceptivel no meio da lufalufa do combate.

Os cavallos arcando, arrancaram á final em nova desfillada, nitrindo, aspirando o ar pelas narinas

dilatadas, atirando ao vento as crinas esparsas. As duas quadrilhas, deslaçando-se como fios de uma meada, atravessaram a arena e foram de novo alinhar-se na extremidade opposta aquella de onde tinham partido.

Então pode-se apreciar o resultado da justa, e ver os destroços que as ondas de cavalleiros em seu furor haviam deixado sobre o campo; ginetes estropeados, campeões desarmados, lanças rompidas, capacetes e jaeses rolando pelo chão, e um justador desmontado, tendo a seus pés o escudo que lhe saltara do braço.

Inezita conseguiu abafar o grito de prazer que expirou nos labios, e perdeu-se na ruidosa aclamação do povo saudando o vencedor.

O cavalleiro desmontado era D. Fernando de Athayde; de cabeça baixa e desfigurado, o moço corria-se de vergonha diante dos olhares da multidão: á custo ergueu o escudo que deixara cahir, cavalgou de novo, e foi collocar-se á direita da sua quadrilha.

Do outro lado Estacio apertava sorrindo a mão de Christovão; laivos do nobre orgulho, que é reflexo das almas superiores, brilhavão no semblante do moço, á quem o fervor da peleja avivara o cunho de energia, que a natureza lhe imprimira na feição.

Entre todos os espectadores só Inezita viu e

compreendeu o aperto de mão dos dois amigos; para os outros não passaria de uma felicitação; para ella a quem nada escapara, era um agradecimento.

Só o olhar da mulher que ama, olhar que vê com o coração e advinha com os presentimentos, podia acompanhar no meio do turbilhão da investida um daquelles cavalleiros, e reconhece-lo entre tantos outros trajados com as mesmas côres.

Ainda com o animo partilhado entre os dois sentimentos que a dominavam, Inezita ouviu o signal; mas quando os cavalleiros chegaram as esporas aos flancos dos fogosos animaes que saltaram com o impeto da dôr, o grito do coração mais forte sopitou a voz do sangue.

Durante um segundo a menina só viveu naquelle olhar que protegia seu amante.

Viu Estacio, que estava á esquerda de Christovão, tomar rapidamente a dextra na occasião da partida. Seguiu o moço por entre a lufa-lufa, até que a sua lança batendo em cheio no escudo de D. Fernando, saltou em estilhaços. Vira o negro corcel retrahir-se de um salto, devorar a terra e estacar na teia, onde chegavam ao mesmo tempo os outros cavalleiros.

O que porém a menina não tinha visto, porque seu olhar se condensara todo para envolver Estacio, fora que a lança impellida com a força da carreira obrigara D. Fernando de Athayde a ver

gar sobre as ancas da cavalgadura, perdendo a sella e cahindo por terra desmontado.

Quando pois as duas quadrilhas separando-se deixaram a descoberto o centro da estacada, ella soltara aquelle grito de triumpho e gratidão ao mesmo tempo; meneou a cabeça altiva com o orgulho sublime da mulher, que se ennobrece pela gloria do homem amado, e agradeceu a Estacio do fundo do coração a delicadesa de respeitá-la na pessoa do irmão.

Seu olhar encontrou o olhar do moço e estremeceu; mas não fugiu sem vasar n'alma de Estacio um raio de luz, desses que ficam eternamente e douram os sonhos azues do amor puro, e as illusões diaphanas que alvorecem na manhã da vida.

Entretanto os espectadores admiravam Christovão, a quem naturalmente attribuiam a façanha; alguns é verdade que julgavam ter visto na confusão da peleja justar com D. Fernando de Athayde um campeão que montava ginete preto; mas não deram a isso grande attenção.

Ao passo que os juizes consultavam, Inezita curiosa e inquieta não se podia conter.

— A quem caberá o preço? disse ella como falando comsigo, mas bastante alto para ser ouvida pelo governador.

— Sem duvida que á Christovão de Avila, que

bem o mereceu : disse D. Diogo. Melhor lança não a tem El-Rei nos seus Estados do Brasil.

— Que fez elle ? perguntou a menina surpresa.

— Não vistes ? Desmontou o mais brilhante cavalleiro da quadrilha escarlata, D. Fernando de Athayde que lá está cobrando novos brios para tomar a sua desforra.

— Cuida o Sr. Governador que fosse elle ?

— Tenho como certo, menina. Era o primeiro.

— Antes de partir ; disse Inezita com vivacidade.

— E no recontro ainda o era, como agora.

— Não ! Eu bem vi !...

— O que ? perguntou D. Diogo.

Inezita balbuciou ; ia trahir-se , mas dissimulou a tempo.

— O cavalleiro que correu com D. Fernando não montava um cavallo preto ?

— Com effeito, quer-me parecer que assim era ! acudiu D. Diogo pondo os olhos no tordilho de Christovão. Mas seguramente que foi engano...

— Tão verdade como ser azul o meu cinto ! disse a menina em tom de profunda convicção.

— Pode ser... Mas eis o que vae tirar-nos da vida : respondeu o governador mostrando com um aceno a mesa onde sentavam os tres juizes.

O arauto fazendo uma profunda cortezia aos tres

cavalleiros, chegou-se á beira da rampa. Ahi desempenando o corpo e correndo um olhar pela multidão, soltou a voz sonora e emphatica no meio de profundo silencio :

— Em nome de Sua Senhoria, o Snr. D. Diogo de Menezes e Siqueira, Fidalgo de Foro Grande, Governador Geral do Estado do Brasil por S. M. D. Philippe III, que Deus Guarde :

Aqui mestre Bartholomeu inclinou-se ; temperou a garganta, e tomando a respiração continuou :

— Os cavalleiros Alvaro de Carvalho, Alcaide-mór da Bahia, Balthazar Telles, Provedor da Fazenda, e D. Francisco de Aguilar, Senhor de Paripe, Juizes nomeados pelo mesmo Snr. Governador para decidirem dos jogos e torneios dados em sua honra e satisfação da sua chegada pelos homens bons desta cidade, nobres e mercadores; mandam proclamar em praça, por arauto e passavante, ao som e toque de caixa, o nome do campeão que por suas boas partes e gentilezas houve o preço da justa; e outrosim ordenam que o mesmo se affixe por edital na entrada da liça.

Houve uma curta pausa, durante a qual mestre Bartholomeu gozou da soffreguidão geral. Os espectadores suspensos esperavam da sua boca a acclamação do vencedor, a quem álias todos já conheciam; o nome soou por fim na estacada.

— O cavalleiro Christovão de Gracia de Avila !

O despeito que sentiu Inezita foi tal, que uma lagrima borbulhou nos seus olhos limpídos e empanou-os. Doêu-lhe aquella injustiça, e doeu-lhe sobretudo que o voto de seu pai a tivesse confirmado; nesse momento quiz mal a Christovão, a quem ella estimava por ser amigo de Estacio, e a Elvira porque o amava.

— Bem vedes que foi engano vosso, menina; disse o governador recostando-se na poltrona de velludo.

— Sou capaz de jurar-o ainda sobre a cruz, Snr. governador; foram elles que se enganaram.

Christovão, mal o arauto pronunciou o seu nome, disparou o animal apesar do movimento que fez Estacio para retel-o: esbarrando em frente ao pavilhão, levantou o capacete com um movimento gracioso:

— Por desleal e cobarde me haveria eu, e daria á todos direito para como tal me tratarem, si recebesse por premio de valor o que a outrem pertence. O preço desta justa, si alguém o houve, foi de certo o cavalleiro que de um bote da sua lança atirou por terra o contrario, e o desarmou.

— E não sois vós esse cavalleiro? perguntou Alvaro de Carvalho.

— Não, Snrs.! E o declaro alto e bom som; foi Estacio Correa!

O povo, que sympathisa com tudo que é grande e nobre, admirou a acção dos dous amigos; a

modestia e heroismo de um, a franqueza e lealdade do outro; nos seus applausos e vivas entusiasticos ligou os nomes de ambos, como se foram ambos vencedores.

As damas agitavam os lenços, e sentiam lá no fundo do coração uma voz doce a dizer-lhes baixinho que ellas amariam qualquer um daquelles dous moços, ou mesmo ambos, si fosse possível; sómente por premio e honra de tão bella acção.

As mulheres naquelle tempo tinham dessas nobres inspiraões; não sabiam tanto calcular com os sentimentos; conheciam a santidade de sua missão neste mundo, e não havia gloria ou virtude que ellas não dourassem com um raio de amor.

A alegria de Inezita foi immensa; sua alma expandiu-se; o olhar humido e fagueiro agradecia a Cristovão, ás damas, ao povo, ao ultimo dos galopins trepados nas esquinas das ruas, a gloria de Estacio; essa gloria lhe pertencia tambem pela santa communhão que o amor crea logo entre duas almas.

Quanto a D. Diogo, habituado a estudar os homens, tinha conhecido por aquelle traço o caracter dos dois amigos; erão valentes espadas e braços leaes com quem a todo o tempo poderia contar.

No meio dos generosos sentimentos que despertára a imprevista declaração de Christovão, havia tres homens que se conservavam frios e impassivi-

veis; eram os juizes, que compenetrados dos deveres de sua posição, tão severos e rigorosos em pontos de honra, como si tratassem de decidir da vida e fazenda alheia, consultavam sobre o caso; uma decisão injusta nesse objecto os infamaria tanto, como a suspeita de suborno em uma causa importantê.

Os jogos militares daquelle tempo tinham no meio da apparente futilidade um pensamento serio e de longo alcance; serviam de exemplo e eschola á mocidade, que se amestrava para as verdadeiras lutas, e bem cedo adquiria esforço e brios. Eram estímulo para nutrir na população o espirito guerreiro necessario em epochas de conquista. Por isso os reis e governadores os tinham em tanto apreço.

Explicada a troca que se déra entre os combatentes, os tres juizes dividiram-se nas opiniões: Alvaro de Carvalho entendeu que o premio era de Estacio pois o caso nada influiá na decisão; Balthasar Telles porém foi de voto que o facto da troca do logar, sendô uma irregularidade, annullava o acto posterior; e citou immediatamente boa copia de textos latinos para confirmar o seu parecer.

— Não se trata agora de decidir pleitos, nem demandas, Sr. desembargador; replicou Alvaro de Carvalho com firmeza. Em negocios de armas

tenho por melhor lição a minha velha experiencia do que todos os textos e alfarrabios da vossa livraria.

— Ninguém vos tolhe o alvitre ; deí o meu voto e disse.

— Voto de togado ! murmurou o velho alcaide ; E vós, Sr. D. Francisco de Aguilár, como vos parece ?

— Estou com o Sr. Balthasar Telles ; o preço não foi ganho.

— Pois então fazei o que vos approuver ; exclamou Alvaro de Carvalho batendo com o punho fechado sobre a mesa ; mas declarai que tal decisão não teve o meu conselho.

Soltando essas palavras arrebatadas, o velho, forte e vigoroso apesar dos seus setenta annos, subiu os degráos do pavilhão ; os olhos brilhavam com fogo juvenil, e a mão-tremula de colera repuchava com impaciencia as pontas retorcidas do longo bigode branco.

— Onde ides tão açodado Alvaro ? Que vespa vos mordeu ? perguntou sorrindo o governador, que conhecia o genio do soldado.

— Vou em busca de um homem, que tenha o arrojo de dizer-me, a mim, Alvaro de Carvalho, que minto, quando affirmo que gente de béca e traficantes de assucar, entendem tanto de justas, como eu de trapaças e rabulices.

— Que succedeu ?

— Não acabam elles de decidir que aquelle valente mancebo, Estacio Corrêa, não deve ganhar o preço, porque fez virar de cambalhotas a D. Fernando, em vez do vosso alferes ?

— E agora o que contam fazer ?

— Não o sei eu : elles que a desatem.

O arauto publicou então a decisão dos juizes, que mandavam Estacio correr nova lança com o seu contrario D. José de Aguilhar, afim de que o preço fosse conferido em regra.

— Está vendo, Sua Senhória ! exclamou Alvaro de Carvalho. Tem isto algum geito ? E' ou não rabulice ?

— Socegai, Alvaro ; não desarasoai por nonadas. Respeitai a opinião dos outros, para que respeitem a vossa.

— Porém, si é uma injustiça ! acudio Inezita inquieta. O Sr. governador não devia consentir.

— Que posso eu, menina ? perguntou D. Diogo.

— Não fostes vós que os nomeastes ? Tendes direito de ordenar-lhes que emendem seu erro !...

— Reparai, D. Ignez, disse o fidalgo sorrindo, que censurais gravemente vosso pai !

A menina cahiu em si :

— Não podia ter tal pensamento, mas elle foi severo de mais, não é verdade ?

— Foi injusto ! exclamou o alcaidê. E Deos

queira não se arrependa elle! Estacio é capaz de fazer á vosso irmão peor do que a D. Fernando. Eu conheço aquelle menino!...

— Vamos, Alvaro, não desampareis o vosso posto; disse D. Diogo. Ide e sede menos arrebatado, meu velho soldado; nem tudo se leva á ponta de espada.

Ô alcaide desceu lentamente a escadaria.

— Oh! impedi este combate, Sr. governador! disse Inezita inquieta.

— Porque vos assustais? perguntou D. Diogo com bondade.

— Tenho medo! murmurou a menina.

— Mas não passa de um jogo! Deixai que brilhe vosso irmão!

As caixas rufarão annunciando o combate; os dois cavalleiros tomarão praça, e esperarão o signal da partida.

XI.

O QUE TEM DE SER SEMPRE É.

A curiosidade publica estava excitada ao ultimo ponto.

Todas as sympathias erão por Estacio, privado injustamente do preço que havia ganho com uma tão brilhante mostra de seu esforço e pericia; assim, a esperança de ve-lo sahir vencedor da segunda prova á que o submettião, trazia suspensa a maxima parte dos espectadores.

Entretanto Inezita, que a pouco saudara com tanta effusão a victoria do moço e sentira orgulho em amar o homem que todos admiravam, agora tinha medo só de pensar que elle podia humilhar seu irmão, e expo-lo a irrisão publica.

Mas desejaría que D. José de Aguilár derrotasse o brilhante cavalleiro a pouco applaudido com en-

thusiasmo? Não; dentro de sua alma pedia á Deos que tal não succedesse; queria o impossivel, que ambos vencessem, e nem um fosse vencido.

Mil vezes arrependida de ter vindo á essa festa que devia causar-lhe tantas e tão crueis emoções, a menina invejava a solidão de Elvira que a essa hora acompanhava de longe e com o pensamento ao seu amante, sem curtir as afflições por que ella estava agora passando.

Nisso encontrou os olhos de Estacio e, sem comprehender porque, sentio renascer-lhe no seio a esperança; mais corajosa, porém inquieta sempre e palpitando, pôde contemplar a scena que ia commegar.

Os dois cavalleiros partiram ao signal; levavam ambos apoz si as vistas ardentes e curiosas da multidão; mas todos os votos e desejos acompanhavam Estacio unicamente.

Vencendo rapidos a distancia que os separava, os dois campeões toparam no meio da arena. O choque foi tão violento que os animaes abriram; mas, com admiração geral, só um escudo feriu-se, só uma lança rompeu-se.

Estacio, resollvido a não medir-se com o irmão de Inezita, em vez de levar a lança no reste, terçava-a com a dextra; na occasião do encontro, fincando-a no chão, recebeu sem vergar o arremesso do adversario.

O povo cheio de pasmo viu tudo isto, a principio sem comprehender ; depois por uma rapida intuição conheceu que o moço não tinha querido de proposito bater o contrario: mas a rasão ninguem a podia advinhar: geralmente attribuiram ao orgulho do moço, offendido pelo voto dos juizes. O povo deu-lhe rasão.

Até D. Diogo de Menezes voltou-se para Inezita e disse-lhe :

— Vosso irmão teve a melhor ; porém juro-vos que antes me queria vencido com o feito de Estacio, do que vencedor como D. José.

— Porque então? perguntou a menina ainda branca e desmaiada como a espiguiha do seu lenço de Vallencia.

— Não podeis comprehender isto, menina ; só quem está habituado a jogar uma lança, sabe quanto esforço é preciso para receber em cheio e sem toscanejar o arremesso de um cavalheiro á disparada.

— Entretanto o preço será de outrem? disse Inezita esquecendo no entusiasmo do amor que se tratava de seu irmão.

— E' a regra da cavallaria : houve-se como heroe, mas heroe vencido.

Defeito o collar de ouro, preço da justa, foi conferido a D. José de Aguilar, o qual brindou com elle a primeira dama que avistou na galeria.

Entretanto o alferes não estava satisfeito com a sua victoria; o acto de Estacio revellava desdem que o offendia. Si elle houvesse advinhado a verdadeira causa, ainda mais offendido se julgaria no seu orgulho, com o amor da irmã pelo filho de Roberio Dias, réo de traição, que era, diz a ordenação, «o mais grave e feo caso que um homem póde cometer. -

Quanto a Inezita corou vendo seu irmão acceitar premio que lhe não pertencia. Um assomo de colera fez borbulhar o puro sangue andaluz que lhe circulava nas veias. Nesse instante a menina jurou em sua alma, que vingaria Estacio da injustiça dos mais.

Ha quem entenda esse composto inexprimivel de fraqueza e força, de susto e heroismo que forma o caracter da mulher ?

Timida em face da sociedade, corando com um olhar, estremecendo com as farfalhas da seda de suas proprias vestes, desmaiando ao menor choque, de repente essa creatura fragil e nervosa tira do seu coração a energia necessaria para lutar com o mundo, e defender contra todas e contra tudo o homem a quem ama.

A menina esquiva, que não tem a coragem siquer de sorrir á seu amante, receiando mostrar nos labios o segredo de sua alma; breve, já é capaz

de todos os sacrificios para proteger na desgraça o escolhido do seu coração.

No entanto os cavalleiros tinham atirado os troços das lanças quebradas, e recebido dos pagens umas hasteas longas e delgadas, cobertas de seda de varios matizes.

Terçando-as como piques, atacaram-se com evluções rapidas, disputando cada um em mostrar mais destreza e agilidade.

Era a isso que então chamavão *jogo das cannas*.

Estacio fiel á sua palavra apenas defendia-se, e como só elle podia disputar a primazia a Christovão cujos volteios graciosos erão de todos admirados, coube o preço a esse ultimo; o moço o escondeu no peito da vestia com bastante pesar de algumas damas que se julgavam com direito a prenda.

Seguiu-se o jogo das argolinhas.

Tinham passado um torçal de seda, que prendendo-se ao tecto agudo das tendas dividia a meio a estacada; no centro presas por um fio de retroz pendiam vinte anneis de ouro, que balouçavam com o sopro da aragem; os raios do sol no occaso, tremulando sobre as argolinhas, ainda as tornavam mais vacillantes ao olhar.

As duas alas de cavalleiros, empunhando lanças muito mais longas e maneiras que as de combate, alinharam-se nas suas primeiras posições, uma á direita, outra á esquerda: ao som da musica

deviam partir ambas á redea solta, e dando n volta á teia, unirem-se na entrada da liça, afin correrem direito a argolinha contra o pavilhã Governador.

Assim tinham os cavalleiros de passarem incessivamente dois á dois, um da ala azul, o da ala escarlata; affastando-se depois, circular de novo a teia continuando sem interrupção e go, que só terminaria tirado o ultimo anel.

De todos os jogos era talvez o mais apreciados mancebos gentis e namorados; porque a do preço de ligeirosa e agilidade, tinham dir de offerecér as argolinhas que enfiassem a ponta da lança, a qualquer das damas present que em retribuição da galanteria os prendam com dices e mimos.

A musica tocou uma marcha rapida; a chamada partiu.

Os primeiros cavalleiros eram Christovão Avila e D. Fernando de Athayde par a par; seguiu se logo Estacio e D. José de Aguilar: vinha a o resto dos campeões.

Christovão enfiou a primeira argolinha, e p sou; mas em vez de offerece-la, guardou-a, co já tinha feito com o bracelete que recebera preço; Fernando de Athayde e D. José nem receberam os anneis; Estacio atirou a lança por cima do cordel, e foi apanha-la no ar muitos passos al

— E' altivo aquelle mancebo! disse o governador. Como lhe negaram o primeiro preço, despreza os mais.

— É no seu caso, o Sr. governador não faria o mesmo? replicou Inezita.

— Talvez! respondeu o fidalgo sorrindo.

A corrida continuara; só restava uma argolinha; as outras tinham sido tiradas muitas por Christovão, algumas por D. José e os outros cavalleiros; Fernando não conseguira enfiar uma só.

Estacio estava satisfeito e contente, como si tivera ganho todos os premios; para elle a grande recompensa não eram, nem as joias dadas pelos juizes, nem os applausos do povo; era a humilhação do seu rival diante de Inezita: essa tinha-a já conseguido de uma maneira estrondosa.

Restava porém uma argolinha; Christovão fahou-a, e Fernando que moderara o galope do cavallo ia com a lança direita á enfiar-la; vendo isto o sangue affluio ao coração de Estacio; pareceu-lhe que via já o cavalleiro offerecendo o anel á Inezita e recebendo em troca uma prenda.

O moço fincou as esporas nos fianços do nobre corsel que saltou, e alongando-se como uma flecha devorou o espaço. No momento em que Athayde ia tocar a argolinha, o cavalleiro passou envolto em uma nuvem de poeira. Foi como uma aguia que voasse, arrebatando a presa no bico adunco.

A ceulema do povo saudou esse admiravel esforço de agilidade. Inezita não pôde conter-se e bateu as palmas das mãos com o prazer infantil das creanças; as damas agitaram os lenços; Alvaro de Carvalho, esquecendo a sua imparcialidade de juiz, soltou uma exclamação enthusiasta.

Estacio vendo a argolinha de ouro tremular na ponta de sua lança, sorriera; mas foi logo tomado de um receio; parou indeciso; afinal vencendo a timidez e o acanhamento, chegou defronte do pavilhão, e apresentou corando o tropheo de sua victoria a Inezita.

O cavalleiro tinha os olhos baixos; o coração saltava-lhe aos impetos; a mão, a mão tão firme no combate, tão segura e certa no golpe, tremia como a de um velho invalido, ou a de uma creança debil.

A menina tambem corou, mas impellida pela coragem que despertára a luta porque passára, tomou na ponta de seus dedos rosados o fino aro de ouro; e reparando que a lança de Estacio perdera na corrida a manga de seda, por um movimento rapido atou na hastea o seu lençinhõ de renda.

Quando Estacio retirando a lança viu fluctuar a alva e fina tela, que durante toda a festa se perfumára ao contacto das mãos da menina e aquecera com o seu halito, a felicidade inundou-lhe os

seios d'alma ; tomou o lenço, como se fora reliquia, e beijou-o a face de todos.

Estas scenas de galanteria erão usuaes nos jogos e festas do tempo : á ninguem pois causavam extranheza : as damas pensavam que o mesmo fariam por seu cavalleiro ; os moços invejavam a fortuna de Estacio ; quanto ao povo, esse achava a cousa mais natural que um mapebo tão gentil e uma cachopa tão airoza se amassem com extremos.

D. Diogo de Menezes acompanhou os movimentos de Inezita com o ar de bondade paternal, que adoçava a seriedade habitual de sua phisionomia.

— Porisso dizem que não ha homem atilado a quem a menina mais simples não cegue com o seu ar de santinha !

— Ainda está para ser o primeiro que eu cegasse ; tornou-lhe Inezita maliciosamente.

— Já me não admira, continuou o fidalgo levantando-se, das gentilezas de certo cavalleiro. Quem tinha para animal-o tão feiticeiro sorriso, si não fizesse proezas, nunca mais devera cingir uma espada.

— Os governadores tambem fazem madrigaes ? perguntou a menina faceirando.

— Não ; mas fazem traducções ; respondeu o governador amimando-lhe a face.

Houve um intervallo no divertimento.

Os cavalleiros apeando foram cortejar as damas, e depois mudar de roupas e armas para as novas justas; formaram-se os circulos de conversação, onde se discutiam os feitos dos diversos campeões, a graça com que uns meneiavam seu ginete, o garbo com que outros traziam a lança.

Duas pessoas, porém, havia alli para quem a scéna muda entre Estacio e Inezita não passára despercebida, e não a tinham visto com os mesmos olhos complacentes.

Uma era Fernando de Athayde que duas vezes batido por Estacio e conhecendo agora a causa, ardia em desejos de vingança; a outra era D. José que tambem advinhara o motivo porque o moço se esquivára de medir-se com elle; ambas estavam offendidos no seu orgulho, e n'uma esperança que partilhavam.

O alferes protegia a affeição de seu amigo por Inezita; embora sua irmã mostrasse completa esquivança á D. Fernando, attribuia isso á timidez da menina, e acreditava que á final o amor conseguiria vencer o recato.

Conhecendo porém que se illudira e que sua irmã amava outro homem sentira despeito profundo; sobretudo sendo esse homem um moço obscuro e pobre, como Estacio, que embora nobre tinha no seu nome a nodoa, que deixara a condemnação do pae.

Orgulhoso, e de genio arrebatado, D, José não podia soffrer semelhante affronta. Resolveu immediatamente castigal-a, antes mesmo que Fernando de Athayde pedisse ao moço satisfação pelo modo descortez porque se houvera.

Em quanto os dois amigos passeavam na volta da teia conversando sobre o que se passara, Alvaro de Carvalho indo ao encontro de Estacio, o abraçou e guiou ao pavilhão para apresenta-lo ao governador.

— Aqui trago a Sua Senhoria o nosso heroe ! Poucos annos, porém muitos brios.

— Isso mostra que na escola de um velho lidador da vossa tempera, Alvaro de Carvalho, a experiencia vem mais depressa que a idade ! respondeu o governador unindo em um só elogio a pericia do mestre e o valor do discipulo.

— Sua Senhoria engana-se ; retrucou o alcaide com a sua rudez habitual e batendo familiarmente no hombro do moço. Homens desta estofa, não se fazem aqui em baixo, vem já feitos.

— Não creia , S. Senhoria, atalhou Estacio corando ; o pouco que sou devo-o á dois homens que Deos me deu em troca da familia que levou-me bem cedo : o Sr. Alvaro de Carvalho que me ensinou a trazer esta espada para um dia servir ao meu rei ; e um santo homem que preso e estimo como

meu pae, porque delle recebi tanto ou mais que daquelle que me deu o ser.

— Pois trataremos de acabar a obra de ambos dando-vos campo mais vasto do que esta liça; disse D. Diogo. Não é justo que tão valente lança se embote em folguedos, quando o serviço de El-rei e a causa da religião tanto carecem de bons deffensores.

O governador afastou-se com o velho alcaide, e Estacio voltando-se vio de longe Inezita.

Estava recostada á um dos arcos do pavilhão, e procurava o amante com os olhos por entre a multidão: mal sabia que o moço estava tão perto della.

Mas de repente o seu coração, palpitando com violencia, annunciou-lhe a aproximação de Estacio: por subita e instantanea revellação, que não se explica, ella sentiu a força de um iman que attrahia toda a sua alma.

Volveu os olhos e deu com o moço.

Violenta commoção abalou o corpo delicado, que estremeceu como si o envolveram ondas de fluido magnetico: o sangue fugiu-lhe das faces, queimando o coração. Murchara nos labios a flor do sorriso.

Assim uma planta delicada, occulta na sombra, enlanguesce quando um raio ardente do sol vem subito aquece-la. As folhas desmaiam, inclina-se a haste, as flores abrocham; até que a luz filtra nos

poros, e a seiva, correndo pelas fibras, reanima a vegetação e a expande mais brilhante.

Passado aquelle deslumbramento, a menina surgiu d'entre a esplendida aureola da sua belleza. No sorriso, aveludado pela inefavel doçura do coração feliz, a alma exhalava, perfume suave de rosa mística, voando para o céu azul dos castos amores.

Tambem Estacio sentia o doce enlevo do coração, ainda não desflorado de esperanças : bebia vida e eternidade no sorriso de Inezita. }

Depois de um instante de muda contemplação, em que essas duas almas vasando uma na outra, desviveram em si para renascêrem anjos no puro e santo affecto que as unia, Estacio quiz fallar : a voz evaporou-se em tenue suspiro :

— Inezita.

A doçura do seu nome, balbuciado pelos labios do moço, affagou-a, como a melodia de um canto celeste ; igual só houvera na terra uma harmonia ; era a do nome de Estacio, que lhe adejava no sorriso, e já resoava intimamente nos seios d'alma.

Mas foi um grito de espanto que lhe escapou.

A menina vira D. José, parado diante della, livido de cholera, mordendo o beijo e cobrindo Estacio com a vista odienta.

Este, no encantamento da presença de Inezita, não o percebera.

— Não parece bem que uma moça se desacom-

panhe das outras damas, minha irmã. Tomai o vosso lugar ; disse o alferes com um modo brusco e descortez.

Estacio voltou-se friamente para D. José.

O alferes acompanhou a irmã até que a viu sentar-se tremula no divan ; e então dirigiu a palavra ao moço.

— Só agora posso agradecer ao Snr. estudante a generosidade que a pouco houve para comigo, e o preço de que me fez mercê ! disse o alferes com um tom de chasco bem visível.

— Nada tendes que me agradecer, Snr. alferes, nada me deveis ; respondeu o moço com uma polidez glacial.

— Oh ! que vos devo ! Mais do que pensais ; porém conto breve pagar e com usara. Não pretendeis tomar parte no torneio ?

— A pergunta é escusada.

— Não tanto como parece ; porque careço de avisar o senhor estudante de uma cousa ; continuou o moço com o mesmo ar de ironia. Não trago roupeta, sigo a milícia : quando tiro a minha espada, ou se trate de jogos ou de combate, tenho sempre que é negocio á valer. Será um defeito ; mas já não estou em idade de aprender.

Estacio não respondeu.

— Assim trate cada um de deffender-se ás veras ; continuou D. José. Bem póde succeder que brin-

cando mesmo tenha o profundo desgosto de passar a minha espada pelo corpo de algum.

— E' tudo quanto me tinheis a dizer, Snr. alferes ? perguntou Estacio com a maior calma e dignidade.

— Tudo; e agora que está de aviso o Snr. estudante, si por acaso escolhesse outro campeão, seriam capazes de dizer que tinha medo !

— E não errariam, Snr. D. José, realmente tenho medo !

— Ah ! exclamou o alferes.

— Tenho medo de matar-vos; porém por felicidade vossa e minha sei me dominar.

Estacio voltou as costas ao alferes, e encontrou fito nelle o olhar de Inezita. Esse olhar era uma interrogação e uma supplica.

A menina de longe não escutára as palavras, mas vira a expressão de D. José, e presa de crueis presentimentos procurava lèr no semblante do moço a confirmação dos seus receios, pedindo-lhe ao mesmo tempo indulgencia para seu irmão.

Estacio sorriu-lhe : sorriso triste, acerbo e pungente : ulcera d'alma cicatrizando nos labios. }

XII.

DA SABIA CONTROVERSIA DE DOUS CANONISTAS SOBRE CASOS DE CONSCIENCIA BEM ESCABROSOS.

O borborinho de festa, que enchia o Terreiro do Collegio, e o enthusiasmo da população bahiana, iam quebrar-se de encontro a mudez austera e sombrio aspecto do convento dos Jesuitas.

Grave e silencioso, como o espirito que o dominava, o vasto edificio quêdava no meio da alegria e contentamento, que fizera sorrir todas as habitações visinhas, guarnecidas de colxas e alcatifas. Assim grave e recolhido, se julgaria extranho ao espectaculo representado em face delle.

Tal não era: por detraz da grade que vestia uma das janellas, dous frades, enfiando os olhos pelas frestas, seguiam desde o começo os incidentes do

festejo, praticando em voz baixa, para não perturbarem o provincial e o licenciado Vaz Caminha, que continuavam a partida de xadrez, valentemente disputada de parte á parte.

— V. Paternidade conhece sem duvida aquella dama com quem falla o governador neste momento ? perguntou o padre Molina.

— É D. Ignez, filha de D. Francisco de Agui-lar, um dos mais ricos senhores de engenho da Bahia.

— Quem é o confessor da casa ?

— É um padre de S. Bento.

— Como ! Deixaram que nos preferissem !

— Não ignora V. Paternidade que os senhores de engenho nos são adversos, por causa do negocio da servidão dos indios.

— Embora ! Ha sempre meios de insinuar-se. E tenho para mim como um grande erro que commetteram, abandonarem á outros a direcção da consciencia daquella menina.

— Porque motivo assim pensa o padre Molina ?

— Li algures, padre Ignacio, que as mulheres governam metade dos homems ; e essa metade governa a outra. Quem tivesse o poder de dirigir a consciencia desse ente fragil, dominaria o mundo !

— É possivel que tenha rasão !

— Diga-me ; essa menina já não tem mãe ?

— Tem-n'a ; porém enferma de uma paralisia.

- É filha unica ?
- Não ; alli está o irmão, D. José de Aguilar, é o segundo cavalleiro de escarlate.
- Vejo ! A casta de homem que é esse D. José ?
- Dizem ser dado ao jogo e perdulario. Segue a milicia ; é alferes da guarda do governador.
- Despachado por D. Diogo de Menezes ?
- Pelo proprio.
- Ah ! murmurou o padre Molina.
- De que se admira ?
- De cousa alguma. Reparé o padre Ignacio no quanto o governador se enleva com a pratica daquella menina.
- Quasi não dá attenção ao mais.
- Quer saber V. Paternidade o que me está assando pela idéa ?
- Diga o padre Molina. De tão agudo engenho nunca serão demais os avisos.
- V Paternidade me acanha... E' bondade extrema para o minimo dos servos de Christo. O que disse não passava de humilde reparo.
- Não é rasão para privar-nos delle.
- Ora pense o padre Ignacio... Não seria bem possível que a mão fragil de uma donzella quebrasse a soberbia do governador poderoso, que pretendem ser de tão rija tempera ? Tem se visto destes milagres : David matou Goliath, e bastou para tanto uma pequena pedra.

— Faz máo juizo de D. Ignez o padre Molina : é donzella recatada que estimam quantos a conhecem pelas suas virtudes.

— Nem avanço o contrario; mas o padre Ignacio hade concordar comigo que no fundo do coração da mulher mais virtuosa, lá existe um atomo de vaidade, como brasa em borralho. Um sopro, e verão a chamma atear-se.

— Quer com isto dizer que a julga capaz de galanteios taes !...

— Quero dizer que o confessor de D. Ignez seria um máo servo de Deus, si dentro em quinze dias não tivesse o governador em sua mão.

— E a virtude dessa donzella, padre Molina, não a leva em conta ?

— Que entende V. Paternidade por virtude ?

O frade embatucou com a pergunta ; fitou os olhos sorprendos no companheiro, que sorria com a maior beatitude :

— A pratica do justo ainda com sacrificio do bem estar, o cumprimento dos deveres que se resumem todos no amor de Deus, não será a virtude ?

— Mas de certo, padre Molina.

— Pois decida entre estas qual seja a virtude de mais preço. A virtude de Susanna, esposa de Joaquim, que resistiu aos juizes de Babilonia sómente para não pecar diante do Senhor, *in conspectu do-*

mini: e a virtude de Judith, que Deus abençoou na sua força para vencer os inimigos de Israel?

— O caso é difficil. Segundo o voto do padre Molina é a ultima dessas virtudes a mais agradável ao Senhor?

— Segundo o voto dos mestres, em cuja lição nos devemos formar, padre Ignacio. A virtude é robustez do animo : a belleza da mulher, como a força do homem, são instrumentos na mão do operario de Christo.

Padre Ignacio curvou a cabeça diante daquella philosophia perigosa, que assentava a religião sobre as ruinas de todas as crenças e dos sãos principios da moral; havia nessa argumentação tal cunho da energia e tom de convicção profunda, que subjugava a seu pesar o espirito do jesuita.

— Não consta que aquella menina ame algum cavalleiro? perguntou de repente o padre Gusman.

— Não curo das cousas mundanas, padre Molina. O que sôa é que seu irmão D. José de Aguilar protege os affectos de um Fernando de Athayde, de quem é amigo.

— Esse Fernando é o primeiro cavalleiro á direita do alferes?

— Justamente.

Nesse momento soaram as trombetas annunciando a investida; os dois jesuitas continuaram no seu exame, trocando de vez em quando as suas obser-

vações, até a occasião em que a voz do arauto publicou a sentença dos juizes, e Cristovão de Avila proclamou Estacio Correia, como o vencedor da justa.

Ouvindo o nome de seu discipulo, repetido pelas acclamações euthusiasticas do povo, o licenciado sentiu uma commoção violenta, que paralisou-lhe os movimentos; a mão direita, que havia tomado o rei com a intenção de rocar, parou suspensa sobre o taboleiro. Assim ficou um instante, com o ouvido attento, e a alma dilatada para receber os echos da ovação que saudava o moço cavalleiro.

Por fim voltando ao jogo e vendo que tinha ainda suspensa a peça que devia mover, sem reparo collocou-a quatro ou cinco casas alem. O Provincial, estremecendo com o caso nunca visto, deu um salto no tamborete: logo um grito de dôr partiu dos labios pallidos e convulsos de Fernão Cardim.

Uma catastrophe horrivel, capaz de eulouquecer um enxadrista, provocara o grito. Os joelhos do jesuita, movendo imprudentemente na occasião do seu espanto, tinhão virado o bufete e atirado no meio da sala o taboleiro e as peças que ainda rolavam no soalho, perseguidas pelo licenciado, cujas perninhas custavão a alcança-las.

O Provincial, de braços crusados, com a cabeça cahida, as cans em desordem, contemplava os destroços da partida de honra. Mario sobre as ruinas

de Carthago não tinha de certo nem mais eloquencia na expressão, nem mais tristeza no olhar, do que Fernão Cardim nesse instante solemne.

Mas não erão quaesquer enxadristas os dois parceiros que disputavam havia duas horas a mais renhida batalha que tenham pejejado os trebelhos chinezes; o licenciado tomando immediatamente a resolução prompta que exigia o caso, ergueu o taboleiro, e começou a reconstruir de momoria o seu jogo tal como elle se achava na occasião do desastre:

— Que fazeis, doutor? perguntou o Provincial com a voz tremula.

— Nãe vedes? Ponho as cousas no estado em que se achavam *ante bellum*.

— E podeis lembrar-vos? acudiu o frade desanuviando o rosto.

— Do meu jogo perfeitamente, como vos deveis recordar do vosso.

— Oh! Estóu vendo-o como si ainda ahi estivesse! Sou capaz de refase-lo á olhos feixados.

Os dois parceiros poseram mão á obra; em breve a partida foi restabelecida; não affiançamos que o frade não aproveitasse o ensejo para melhorar a sua posição; ou que o licenciado se visse abarbado com algum xaque improvisado ameaçando de novo o seu rei; como porém nem uma das partes belligerantes poz a menor duvida sobre a posição es-

trategica do innemigo, o jogo continuou, e sem mais accidente.

No entanto a conversa proseguia entre os dois jesuitas.

— E' esforçado aquelle cavalleiro, dizia o padre Molina : como se chama ?

— Estacio Dias Corrêa ; é filho do celebre Roberio Dias, possuidor do segredo das minas de prata.

— Tem bella presença ! Deve ser capaz de grandes cousas, si tiver um bom conselho !

— Não lhe falta; o licenciado Vaz Caminha que V. Paternidade já conhece é seu pae espiritual; e o alcaide-mór Alvaro de Carvalho, que ali está entre os juizes o estima como filho.

— Que faz elle ?

— Deve acabar este anno os seus estudos neste collegio; o licenciado quer faze-lo entrar na ordem ; porém o alcaide espera que se lhe depare uma occasião de seguir a carreira das armas.

— E os haveres ? Poucos ?

— Nem uns ; é pobre como Job.

— Ignora o segredo de seu pae ?

— Roberio Dias morreu com elle.

— E' o que resa a tradicção ; mas podia ser boato para adormecer a vigilancia dos governadores.

— Sabe V. Paternidade alguma cousa a este

respeito? perguntou o padre Ignacio com vivacidade.

— O que se repete; ouvi contar uma vez essa historia, e quer-me parecer que taes minas nunca existiram.

— Estou que se engana o padre Molina.

— Pode ser. Tem razões para pensar o contrario, padre Ignacio.

— Talvez.

O padre Molina sorriu :

— Ainda vive a mulher de Roberio Dias ?

— E' morta ha cinco annos.

— Com quem vive o filho ? •

— Com uma tia velha.

— Padre Ignacio é confessor da dama ?

— De que tira essa conjectura ?

— E' della naturalmente que houve a certesa da existencia das minas de prata : respondeu o frade.

O padre Ignacio perturbou-se.

— Errado vai o padre Molina : não abuso do segredo da penitencia. O que ouço no confessionario, entrego-o a Deus e só trago commigo a satisfação de ter ajudado a remir da culpa uma alma arrependida.

— Mas supponha que um penitente revella um crime que se commetter-se, homicidio, *verbi gratia* : deixaria que se consummasse podendo prevenir ?

— Supplicaria ao Senhor que illuminasse o espirito desse homem : mas não trahiria o segredo da confissão.

— Ejulga que o Senhor exalce a supplica de uma alma criminosa, porque o era , participando com o seu silencio no crime que ia perpetrar-se ?

— Tem uma logica terrivel, padre Molina.

— Quanto sei, digo-o a V. Paternidade, apprendi dos que durante dois seculos engrandeceram a nossa ordem *para a maior gloria de Deus*. Elles me ensinaram, padre Ignacio, que os companheiros de Jesus desde que prestam voto de obediencia passiva aos superiores, não tem vontade sua.

O frade encarou com o companheiro como para ver si era o mesmo homem que lhe fallava, tão grave lhe pareceu a entonação daquella voz a pouco doce e insinuante ; mas o padre Molina já não lhe dava attenção e estava completamente embebido em ver a festa.

Houve uma pequena pausa durante que o padre Molina contemplava a festa ; e o padre Ignacio contemplava Gusman de Molina.

O mais velho dos dous jusuitas estava surpreheuido do character audace e do espirito argúto que revellara nesta conversa o frade chegado aquella manhã da Hespanha.

O tom humilde e tímido com que ás vezes fallava o padre Molina indicava o homem habituado á

obediencia ; outras vezes a sua voz accentuava a palavra com energia e firmeza, e o seu olhar cahia incisivo e penetrante.

Decorreu algum tempo ainda : de repente ouviu-se a vozinha frautada do provincial, gritando :

— Xaque-mate !

— Tinha de ser vossa a partida ! acudiu o licenciado com ar constricto.

— Xaque-mate ! repetiu Fernão Cardim triumphante ; custou-me ! Mas emfim.... Oh ! podeis gabar-vos de que me déstes que fazer, doutor.

— E' o que me consola, padre provincial ; ha derrotas que honram aquelles que as dão, e tambem os que as soffrem.

— A' quando ha desforra ?

— Domingo ; tantas vezes hei de perder, que uma virá em que lograrei a melhor.

O licenciado dispôz-se a partir, deixando Fernão Cardim ainda enlevado diante do lance admiravel com que terminára a partida ; lance que Vaz Caminha tinha previsto, e não evitára por ser tempo de dar fim ao jogo.

— Já nos deixais, Sr. doutor ? perguntou o padre Molina com amabilidade.

— São horas, padre-mestre ; *ruit nox* ; respondeu o licenciado mostrando o sol que se escondia no horisonte.

Despedindo-se do provincial e dos dous jesuitas

Vaz Caminha ia transpôr a porta da livraria, quando a voz do padre Molina o fez voltar.

— Doutor, olhai que vos esqueceu a bengala!

— E' verdade! disse o licenciado mordendo os beiços; ia tão distraído.

Tomando a bengala e despedindo-se de novo, o velhinho desceu emfim a escadaria do convento; o padre Ignacio se tinha retirado á sua cella. Ficando só com Fernão Cardim, o padre Gusmam de Molina deu uma volta pela sala deserta, sondando com o olhar os escuros recantos, e parou junto do bufete, onde o provincial estava occupado com recolher as peças do jogo.

— Fareis reunir esta noite o capitulo, padre provincial! disse em voz baixa, examinando um dos trebelhos de marfim.

— O capitulo? replicou Fernão Cardim como homem que não comprehende o que se lhe diz.

— O capitulo, sim, padre provincial; respondeu o jesuita sorrindo.

— Padre Molina chegastes hoje; isso releva a falta que acabuis de commetter. Talvez nas outras provincias se pratique de maneira diversa, embora tal não me conste; mas neste governo eu e não admitto que nenhum irmão ainda mesmo professo se ingira nas minhas attribuições.

O Provincial tinha perdido a sua bonomia ha-

bitual, e revestira-se da rigidez e dignidade propria do superior, quando se quer fazer respeitar.

— V Reverencia á vista disto não está resolvido a reunir o capitulo esta noite ? disse o padre Gusman friamente.

— Não, padre Molina , reunirei quando me aprouver.

— Neste caso alguém o convocará.

— Quem ? E com que authoridade?

— Breve o saberá V. Reverencia.

A noite cahia, como dissera o advogado citando Horacio; o sol mergulhava no oceano, coroadado de luz e magestade, sempre rei, no occaso como no momento da ascensão.

As sombras do crepusculo se desdobravam já e vestiam a natureza ; o silencio plainando no espaço descia lentamente sobre a cidade á pouco tão agitada e ruidosa ; todos sentiam a influencia da hora mistica, breve pausa entre a luz e a treva, imagem da vida oscillando entre berço e tumulto.

Soavam trindades.

XIII.

DOS COMBATES QUE HOUE EM HONRA DA PRINCEZA MOURA.

O largo apresentava novò aspecto; as tochas accesas em volta e as luminarias suspensas nas janellas das casas, derramavam sobre as alcatifas cobertas de lentejoilas a claridade das luzes, menos brilhante que a do sol, mais suave e fascinadora.

A um lado da teia, junto á tenda destinada aos mantenedores, tinham preparado um coxim com docel; dous cavalleiros, D. José de Aguilar e Fernando de Athayde, de pé no ultimo degráo, pareciam esperar a pessoa que devia occupar aquelle throno oriental.

Tocaram os anafis na entrada da liça: todos os olhos voltaram-se para ver o novo spectaculo que se apresentava.

Vinha na frente um truão coberto de guisos, fazendo esgares e tregeitos que provocavam o riso da multidão; seguiam dous mouros arrastando as curvas cimitarras; outros dous caminhavam ao lado de um palanquim conduzido por negros vestidos como eunuchos, sobre o qual vinha sentada uma mulatinha de dezoito annos.

Era um typo brasileiro, crusamento de tres raças; americano nas fórmas, africano no sangue, europeu na gentileza; o moreno suave das faces, os grandes olhos negros e rasgados, os dentes alvos engastados no sorriso lascivo, o requebro languido e sensual do porte seductor sob o traje oriental, davam-lhe ares de verdadeira sultana.

Véo branco e transparente, preso ao ayrão dourado, descia-lhe sobre o rosto, avivando mais o brilho dos olhos e o carmim dos labios; as calças largas de tafetá, cerrando no artelho de uma perna bem torneada, deixavam admirar o pé delgado por entre o bordado da alparca de seda; o saiote de cassa da Índia, preso ao justilho de renda, desaparecia sob a cabaia amarella, semeada de arestas de prata, que lhe cahia dos hombros.

Acompanhavam o palanquim oito moças vestidas igualmente a oriental; essas não tinham capa e traziam passados á cintura uns chales de lã de cores vivas; vinham duas á duas, dando as mãos e formando graciosas figuras de dança, que realça-

vam as fôrmas esbeltas. Fechava a marcha a banda de musica que tocava os anafis e outros instrumentos mouros.

Chegando junto do estrada ondê se achavam os dous cavalleiros, os eunuchos pousaram em terra o palanquim. A princeza moura, no meio de suas escravas, ajoellhou sobre o tapete que estendera um dos guerreiros do sequito.

— Illustres cavalleiros ; disse ella. Eu sou a princeza Alzira, filha d'El-Rei da Persia, que trazida pelo grande esplendor de vossa fama e nomeada de vosso valor, venho pedir-vos amparo e protecção contra o máo fado que me persegue; pois tendo aceitado o esoso que meu pai me destinára, sou agora maltratada da sorte e havida como perjura por um principe que me queria.

Parece que a rapariga não recitou exactamente o seu papel de comedia ; porque D. José, sorprezo, murmurou-lhe ao ouvido:

— Que me perseguia !

A princeza deu um muxoxo; fingindo enxugar duas lagrimas rebeldes que nem se quer humeceram o canto dos olhos negros, abaixou a cabeça para esconder o riso brejeiro que frisava a ponta do labio.

— Erguei-vos, formosa princeza, que não de joelhos, mas sobre um throno, deveis mandar aos vossos leaes cavalheiros. E secai esses bellos olhos,

que com o favor de Deus e o vosso amparo, breve haveremos fronta e desaggravo da vossa injuria.

Estas palavras foram proferidas por D. Fernando de Athayde; e logo erguendo com toda a galanteria a fingida princeza, a fez sentar no coxim preparado sobre o estrado.

A menina deu signal as suas escravas; estas immediatamente trançaram novas dansas, ainda mais graciosas e originaes que as primeiras; nos intervallos o histrião mouro divertia o povo com as suas visagens e truanices.

Esta especie de auto que acabavam de representar era naquelle tempo o prologo necessario do torneio; lembrava as tradições da cavallaria andante, que apesar da satyra homerica de Miguel Cervantes, ainda viviam no Amadis de Gaula, no Palmerim da Inglaterra, e na imaginação dos cavalleiros de vinte annos ou das meninas namoradas.

D. Fernando e D. José se haviam recolhido á tenda, onde se armavam para manterem a liça contra os aventureiros que a viessem disputar. Mal terminaram as dansas um arauto foi pregar no meio do campo, sobre a haste de uma lança, o cartel de desafio que era assim concebido:

« Os dous cavalleiros, escolhidos pela formosa princeza Alzira para deffenderem sua causa, dizem farão conhecer á todos os que aceitarem o

seu gage, e lhes provarão á tres botes de pique e e outros tantos golpes de espada, que é justo que uma dama accete de preferencia o esposo que seu pai e senhor lhe destinou. »

Como mestre Bartholomeu terminava o proclamo do cartel, lançando no meio da arena as manoplas, gaje de combate, os mantenedores sahiram da tenda; ao mesmo tempo appareceram na extrema da estacada dois cavalleiros de armadura branca e morrião preto.

Trasiam a viseira cahida; era impossivel conhece-los: ambos adiantaram-se lentamente até o centro da liça; erguendo o gaje dos mantenedores em signal de que aceitavam o desafio, descalçaram os guantes, e os arremessaram aos pés dos adversarios.

Os juises deram o signal; os justadores tomaram campo.

— Bem vedes, Sr. D. José que sou dos primeiros! disse um dos cavalleiros de armas brancas collocando-se em face do alferes.

— Ah! Em bem o revolvestes! respondeu o moço cujos olhos lampejavam.

— Descortezia grande seria não responder á tão gracioso envite; retrucou o outro com desdem.

Inesita, que reconhecera nós dois aventureiros, Estacio e Cristovão, sentiu renascerem os sustos, vendo seu amanté collocar-se em frente de seu ir-

mão; mas o moço parece que advinhou o que passava no seu espirito, porque antes de arrancar, pousou a mão aberta sobre a cruz da espada. Compreendeu ella o misterioso juramento? Talvez: um quer que seja serenára o sossobro de sua alma.

O combate começára; rotos os piques sem victoria decisiva de parte a parte, os cavalleiros desembainharam as espadas, e atacaram-se de novo.

D. José tinha cumprido a sua palavra; desde o principio do combate procurava por todos os meios faser do jogo um duelo; porém a sua arma encontrava sempre a arma de Estacio, que deffendia-se com o maior sangue frio, resolvido a não tomar a offensiva, e a não derramar uma gota do sangue para elle era sagrado, porque era de Inezita.

O moço alferes, á pouco e pouco se foi enraivecendo com aquella resistencia fria e invencivel, que não esperava encontrar em um estudante; ignorava que as licções de Alvaro de Carvalho tinham creado um discipulo, digno do mestre na pericia, superior pela robustez do braço e a calma inalteavel do espirito.

O despeito o tomou á ponto que perdeu a prudencia; precipitou-se sobre o seu contendor com tal sanha, que a multidão, surpresa da animosidade excitada mais por estimulo de vingança que por brios de cavalleiro, ficou pasma esperando a peripcia do combate.

Então foi a vez de Inczita estremecer pela vida de Estacio, ameaçada á cada momento por seu irmão, cuja espada brilhando á luz das tochas semelhante nos rapidos volteios uma língua de fogo, e parecia, ora embeber-se no peito do moço, ora lambe-lhe o rosto.

Estacio não se alterava.

— Guardai-vos melhor, Sr. alferes! disia elle o seu adversario desviando-lhe os botes.

— Curai de vós e não de mim! respondeu D. José furioso.

— Pois me dais mais cuidado em não ferir-vos, que em deffender-me, como quereis que faça? Pareceis ter antes em mente matar-vos á vós, que a mim mesmo!

De repente a espada do alferes, retrahindo-se como uma cobra, destendeu-se com velocidade espantosa e ia tocar o coração do seu adversario, quando a lamina de Estacio vibrou com o rasgo que lhe imprimio a mão agil e enleou-se na outra, atirando-a longe, deixando desarmado o alferes que rugia de raiva e humilhação.

O moço ergueu a arma; tomando pela ponta apresentou-a de novo á D. José; mas os juises interpueram a sua authoridade, e mandaram dar fim ao combate.

— Ficaré para melhor ensejo, disse o alferes

embainhando a espada; quando não haja testemunhas que nos olhem, e juizes que nos estorvem.

Estacio inclinou-se, e procurou o olhar de Inezita, para dizer-lhe que tinha cumprido o seu juramento; nesse instante Cristovão conseguia tambem desarmar o seu adversario. Os dois amigos, senhores do campo, mantiveram a liça contra os outros aventureiros que se apresentaram, até que por volta de oito horas fechou-se o torneio.

D. Diogo de Menezes e seus convidados recollheram-se ao palacio, cujas salas estavam preparadas para um esplendido saráo que devia pôr termo aos festejos do dia.

Differentes dansas e mascaradas começaram então a percorrer as ruas, armadas de uma extremidade á outra com arcos de luminarias e alamedas de coqueiros, de cujas palmas pendiam lampões de varias côres.

Entre as ondas do povo, que enxameava na praça do Palacio, distinguia-se o vulto athletico de Bartholomeu Pires, que dominava a multidão com a estatura e com a voz. O mestre de capella, apesar dos seus cincoenta annos puchados, não era de todo insensivel ao effeito que produzia o seu vistoso trajo de arauto sobre alguns mantéos que o cercavam nesse momento.

— Que ancho está mestre Bartholomeu! Nem dá pelos pobres! disse uma voz feminina.

O cantor voltou-se e viu á alguns passos uma comadre alta e esgrovinhada, rastejando já pelos sessenta.

— Como queria que a visse, tia Eufrasia, no meio desta balborda? respondeu o mestre de capella, torcendo entre os dedos as falripas que lhe pendiam pelas faces rubicundas.

— Cruz! Que é uma confusão de dia de juizo! continuou a tia Eufrasia. Nunca me vi em semelhante entaladela! E para que, minha Mãe Santissima? Para não ver nada, mesmo nada!

— Pois inda agora chega? perguntou mestre Bartholomeu.

— Prouvéra que assim fosse, que não andaria por ahi ha boas duas horas aos empuchões! Que gentinha tão pifia! Credo!... Não ha tir-te nem guar-te com ella! E si uma criatura solta um arre lá, se engrifam todos! Olhe, mestre Bartholomeu, que si não fosse porque, fazia hoje alguma estralada!...

E a matrona, ficando as mãos nos quadris e alongando a belfa, bamboleou o corpo, desafiando a peonagem.

— Alguma lhe aconteceu, que está assim tão arrenegada? disse o mestre de capella admirado daquelle desempenho marcial.

— Podera não! retorquiui a tia Eufrasia. Pois não vejão estes peralvilhos á faltarem com o respeito á

gente para se derreterem com a bruxa da alfeioeira!....

— Quem? A Joanhinha?

— Ella mesma. Quem mais hahe ser? Porque fez de princeza moura, não se cuida já uma dona! Nem -eu, com ser uma adela, com minha tenda afreguesada, me tenho em tão grande conta como aquella bisbillhoteira. Mas a culpa, fique com esta que lhe digo, é de quem lhe metten um par de caraminholas na cabeça.

A conversa foi interrompida nesse momento pelo licenciado Vaz Caminha: rompendo o cardume de povo que o submergia, conseguira elle áfinal surgir na especie de ilha, que o Pires occupava no meio das vagas revoltas desse mar agitado.

O mestre de capella, apenas o descobriu, estendeu-lhe sua protecção, afastando com um vigoroso arranco dos hombros a mó de gente que ameaçava esmagar o exiguo talhe do jurista.

— Que idéa foi a vossa de deixar-vos ficar neste aperto, Sr. licenciado? Fazia vos a esta hora em casa bem socegado.

— Um dia não são dias, mestre Bartholomeu; respondeu Vaz Caminha sorrindo.

— Assim é, mas na vossa idade...

— Os velhos gostam ás vezes de lembrar-se do seu tempo. Partia-me do collegio, como principiava o torneio, e influi-me para ver o menino...

— Vistes então como elle desarmou o alferes?
Que bote, heim!

— E não lhe achastes um bello parecer? perguntou o advogado satisfeito.

— Com perdão de sua mercê; acudio a tia Eufrasia fazendo uma mesura ao doutor. Era o cavalleiro mais guapo de quantos se apresentaram. Eu sei de alguns cujos que se ralavam de inveja.

— Porém o melhor foi na cavalhada, disse o mestre de capella. Não assististes?

— Não; respondeu o licenciado.

— Pois eu vos conto.

— E a da argolinha? retorquiui a matrona.

Tomando seu ar grave e solemne das grandes occasiões, Bartholomeu Pires começou a narrar em voz de cantochão a scena, que se passára por causa da distribuição do primeiro preço, e na qual elle representára o importante papel de pregoeiro.

Mal tinha concluido o exordio, quando a tia Eufrasia que o escutava com attenção religiosa, descrevendo uma ellipse, veio-lhe de encontro ao abdomen volumoso e proeminente que repercutiu como um adufe.

— Jesus! Valei-me!...

O mestre de capella acompanhou este grito da matrona com um grunhido surdo, arrancado pela dôr que sentira e o obrigara á dobrar a respeitavel corpulencia.

O accidente desagradavel, que atalhára de um modo tão desastrado a eloquencia de mestre Bartholomeu, era produsido por uma revolução subita que se operava na multidão. Em meio da praça fora ouvido um clamor; de repente um torvelinho de homens, deslocando as massas de povo, precipitou para as extremidades, esmagando quanto se oppunha á sua passagem.

O coro de lamentações, de ais e gemidos, o choro do mulhierio que se encomendava á todos os santos do calendario, as imprecações e juras do povilhéo, e algumas vozes de ameaça que destacavam na confusão geral, formavam o ruido da torrente impetuosa, que transbordava de seu leito, escoando pelas ruas adjacentes.

Passado o primeiro momento de estatalamento, mestre Bartholomeu percebendo o que succedia, endireitou-se; filando pela golla da garnacha o licenciado que já garrava arrastado pelo turbilhão, dispoz-se a resistir ao embate furioso das ondas do povo que se encapellavam umas sobre outras.

Firme e impavido como rocha, com a tia Eufrasia que enlaçava-lhe as panturrilhas, e o licenciado mettido em baixo do braço, jogando ao mesmo tempo os hobros herculeos e a pesada manopla habituada a bater o compasso do fa-bordão, oppondo á enxurrada que o envolvia as formidaveis ancas; mestre Bartholomeu Pires offerecia um gru-

po digno de uma estatua, que não teria inveja a de Laconte.

Com pouco a multidão rarefez-se; no centro da praça, via-se uma pinha de gente, que fallava á um tempo e aos empuchões como para descobrir alguma cousa que passava no meio do ajuntamento; entre a voseria e o borborinho que fervia sobre tantas cabeças incandecidas, distinguia-se um rugido, que parecia antes de fêra, que de homem.

O mestre de capella se tinha aproximado seguido pelo licenciado sempre calmo e sereno e pela matrona, que já restabelecida do susto, estava com a curiosidade aguçada ao ultimo ponto; tanto que foi mettendo o nariz pela primeira aberta que o acaso lhe deparou.

La lhe custando caro a soffreguidão, porque sem o socorro de Bartholomeu, que ainda desta vez lhe valeu, era muito provavel ficasse de menos com a rodilha do toucado, que se embaraçára nos colchetes de um gibão; mas o cantor, vendo-a naquellas afflicções, quasi de rastos, com a melena esticada sobre o occipicio, reccorreu a um meio summarismo: livrou-a arrancando o colchete e com elle um punhado dos cabellos já grisalhos da tia, que estrebuchou de dôr.

Vaz Caminha voltava-se então:

— Mestre Bartholomeu acudi si é tempo, que

talvez poupeis algumas vidas ! disse o advogado. Sinto não ter forças para ajudar-vos.

— Como quereis que affaste este poder de gente? Não vedes que estou a esforçar tanto ha ?

— Por isso não ; meios nunca faltam ; respondeu Vaz Caminha com a sua mansidão ordinaria.

— Pois si o sabeis, servi-me com o vosso conselho.

O licenciado chegou-se ainda mais ao grupo, e alçando a voz, bradou :

— O alcaide e seus homens !

Immediatamente, como por uma influencia magica daquellas palavras, o grupo se abriu, e os espectadores voltaram-se, interrogando com os olhos e com a falla, para saber onde appareciam as personagens annunciadas, a quem competia velar sobre a segurança publica.

Aproveitando a primeira aberta, o advogado barafustou por entre o povo ; apoz elle o mestre de capella e a matrona em quem a curiosidade podia mais do que o receio de uma segunda descabellação: porém os tres pararam diante do espectaculo horrivel que se apresentou ás suas vistas.

Um rapaz trigueiro, com a phisionomia decomposta pela raiva, a fronte golpeada, os cabellos em desordem e o olhar inflammado, brandia na mão direita uma larga adarga já escorrendo sangue, e com o braço esquerdo cingia pelo talhe uma pobre

moça, que elle meneava como um escudo, contra aquelles que o atacavam; mantendo assim immovel, ou pelo receio de ser ferida ou pelo receio de ferir a rapariga, a multidão que o cercava.

Apezar disto, porém, tinha em frente um competidor que não lhe deixava um momento de repouso.

Era homem ainda moço, de pequena estatura, mas de uma construcção vigorosa; tinha pescoço de touro, hombros largos e quadrados como o plinto de uma columna, braços curtos e grossos, quasi sem fórmãs, terminando em duas manoplas formidaveis, cujo peso bastaria para vergar o infeliz sobre quem se abatessem.

Vestia escaflata grosseira; na cinta de couro branco que apertava o pellote ao corpo, via-se um largo manchil de carnicero, que indicava a sua profissão de magarefe ou cortador de rezes nos açougues.

Despresando aquella arma temível, e servindo-se dos braços nús, parecia cuidar unicamente de arrancar das mãos do seu adversario a rapariga, que se debatia já quasi a desfallecer. Insensível ás feridas que rasgavam-lhe o hombro e o pescoço, indifferente ao sangue que lhe escorria pelas vestes, o carnicero não toscanejava; toda a sua attenção estava concentrada na luta e todos os seus esforços erão para livrar a victima do conflicto,

sem contudo offendel-a. Depois de conseguir esse fim, quando já o não tolhesse receio de tocar com a sua arma o corpo delicado da moça, então ninguém sabe o que aconteceria.

Vendo este combate do primeiro lanço d'olhos, a tia Eufrasia vacillou sobre os joelhos, levando as mãos ás repas e bradando misericordia :

— Filho ! Anselmo ! Quem me acode ! . . Ai ! meu Jesus de minha alma !

Vaz Caminha com risco eminente da sua vida adiantou-se erguendo a canna de Bengala ; ao passo que mestre Bartholomeu procurava tomar de esguelha o filho da tia Eufrasia, que arrastava a rapariga, e facilmente se conhecia ser o causador da desordem.

Percebeu isto o Anselmo ; afastou a tia Eufrasia, e fez gyrar a adarga com tal força e agilidade, que obrigou a multidão á recuar.

— Arredo ! gritou elle. Arredo ! . . .

Então foi horrivel a confusão ; o povo que em principio, impellido com o panico, escoára pelas ruas visinhas, voltara excitado pelo desejo de conhecer a causa do tumulto. De novo arremessando-se para o centro da praça, como fluxo de maré, comprimindo o estreito circulo do combate, enovelou espectadores e adversarios n'um só remoinho.

XIV.

QUE RESA DE MAGAREFES E ALFEOEIRAS.

Uma espada volteou no ar ; heuve um grito abafado e o tumulto serenou de chofre.

Era o tempo, em que o alcaide pequeno com os seus quadrilheiros armados de lanças desembocava pela rua da Sé, e varava entre o povo para aproximar-se do logar do conflicto á prender os delinquentes que transgrediam a *Ordenação do Livro Quinto*, levantando volta e assuada.

Mas já o tumulto fôra apasiguado ; da luta renhida e encarniçada apenas restava o morno silencio, que succede aos grandes clamores como ás grandes **orrascas**.

Inesperada intervenção puzera termo ao combate ; quando Anselmo impellido com a pressão da onda popular, amiudava os golpes, surgiram

d'entre a multidão Estacio e Christovão: fôra a espada de um dos cavalleiros que batendo de prancha fizera voar a adarga da mão do lutador.

Os dous amigos depois de deixarem os seus cavallos, se dirigiam ao palacio, quando o borborinho dos curiosos, os gritos dos adversarios, o fluxo e refluxo da multidão, os attrahiram ao logar do conflicto.

O primeiro cuidado dos cavalleiros foi livrar das mãos de Anselmo a rapariga que parecia causa e victima da briga; ella tinha desmaiado com o susto que soffrera; apenas livre cobrou os espiritos e Christovão reconheceu, apezar das suas vestes rôtas e ensanguentadas, o rostinho brejeiro e petulante da princeza moura, não alindado como á pouco, senão pallido, amortecido, e velado pelos cabellos em desordem.

— Então formosa princeza, disse o moço sorrindo, não te contentas que senhores e cavalheiros justem por tua belleza, e ainda vens dar torneio na praça publica?

— Por minha mãe vos juro, Sr. cavalleiro, que não é culpa minha: replicou a rapariga, abaiçando as palpebras rosadas.

— E' minha, aposto! acúdiu o moço grunhendo.

— E' de quem Deus perdôe o muito mal que me queria fazer; respondeu a moça. Como sahia do torneio, seguiram-me estes dois que ahi vedes,

e tanto se travaram de rasões, que por fim vieram ás ultimas. E eu innocente que pague as custas.

— Estás ferida ? perguntou Estacio.

— De ferro não, que antes o fôra, que da fama. Que não dirão de mim?

— Socega, Joaninha ; acudiu Christovão, mal não póde vir a quem mal não obrou.

— Sabes o que deves fazer ? disse Estacio para a rapariga.

— Agora m'ò direis, Sr. cavalleiro : respondeu ella fazendo uma mesura graciosa.

— Pois que esta noite tens fóros de princeza, escolhe destes dois paladinos teus, cujo queres ser a dama dos pensamentos.

— Justo ! exclamou Christovão. E' o meio de terminár a contenda. Qual preferes ?

— Nem um : disse a alfloeira com desdem.

— Queres mostrar esquivança que não sentes : falla.

— Quem eu escolheria, talvez me não quizesse a mim ou me não soubesse querer : murmurou Joaninha com uma sombra de melancolia. Mais val que ninguem o saiba.

— E si eu te disser que sei ? tornou Christovão.

— Voto a Deus, que não !

— Não será este mariola que te deffendia contra o outro, e agora esquece o sangue que lhe corre das feridas para não tirar os olhos de ti ?

— Lourencino!... exclamou a mulatinha fazendo um muxôxo. Elle sabe que não ; tanta vez lh'o tenho dito que não ha conta já. Si continua a querer-me, mal de si.

— E nem dó tens de o ver naquelle estado por tua causa? disse Estacio.

— Oh ! que sim ! Dó, muito ! Como o sangue lhé cahe ! exclamou Joaninha.

Rasgando uma tira de tafetá de seu manto de princeza já esgarçado, chegou-se para o carnicheiro e tratou de estancar-lhe o sangue.

Um estremecimento de praser abalou o corpo robusto de Lourencino, quando sentiu o tacto das mãos da alfeloeira ; a plisionomia que a dôr contrahira achatou-se com o riso alvar.

Chegavam então os homens do alcaide. Os respeitaveis quadrilheiros daquela epocha já cultivavam, como os seus dignos successores da policia moderna, o velho axioma do *mais val tarde que nunca*. Não vinham a tempo de aplacar o tumulto, mas sempre conseguiram empolgar o mariola, que incorrera na pena da ordenação.

Anselmo, apenas desarmado pelos dois cavalleiros, fora sogigado por mestre Bartholomeu, apesar das supplicas da mãe, cujas lamurias e chora-deiras eram entremeadas de baldões contra a pobre rapariga, que excitara a ogeriza da tia Eufrasia.

Christovão obtivera da authoridade a soltura de Lourencino, que outra culpa não tinha, senão a de querer obstar a violencia feita á Joanhinha. Os quadrilheiros conduziram unicamente Anselmo, que foi-se, lançando sobre a scena que deixava um olhar torvo e máo.

Annunciando a musica em palacio o começo do saráo, os dois amigos iam partir, quando Estacio percebeu o doutor Vaz Caminha, a quem não tinha visto, pelo cuidado, com que o advogado se occultava atraz de mestre Bartolomeu.

— Estaveis aqui? pergunto o moço com sollicitude, e reparando nas vestes amarlotadas do licenciado. Nada vos succedeu neste tumulto?

— Nada, nada; podeis tranquillisar-vos, filho. Sahi quite por um rasgão na capa; mas não é cousa que valha a pena.

— Vinde, deveis estar farto de ver povo e luminarias; vou conduzir-vos a casa, para que não fiquéis sujeito á alguma peor.

— Ha tamanha confusão! disse Cristovão.

— Não vos inquieteis, outra vez vos digo. Ide-vos ao saráo; eu fico por aqui.

— Tanto gostais da festa? Admira-me isso.

— *Nihil mirari*, filho, é o preceito do sabio, bem o sabeis.

— Mas não podeis andar só no meio desta villagem: replicara Christovão.

— Deixai-me vosso pagem, Estacio: elle me basta.

— Gil! disse Estacio alteando a voz.

Um menino de quatorze annos, vivo e esperto, que acompanhara os cavalleiros e se conservava á alguma distancia, chacoteando e rindo com outros da sua idade, aproximou-se.

— Segue o Sr. doutor; tu respondes pelo que lhé acontecer.

— Não tem duvida, Sr. Estacio! respondeu o pagem com certa galhardia, levando á mão a uma pequena adaga que trazia á cinta, e perfilando o talhe franzino.

Os dois cavalleiros e o doutor sorriram do recacho cavalleresco de Gil.

— Já vedes que estou em boa guarda; parti-vos tranquillos; não esperdiçeis os momentos de praser, que tão raros vem e tão cedo vão.

Estacio e seu amigo deixando o licenciado se dirigiram á palacio. Vaz Caminha e Bartholomeu Pires seguiram para outra extremidade da praça.

Ouvindo o nome de Gil, Joanhinha que ligava as feridas de Lourencino, voltou o rosto: seu olhar affectuoso envolveu o menino. Depois, quando os cavalleiros se afastaram, disse-lhe sorrindo.

— Adeus, Gil; não me fallas.

— Deus te dê boa noite, Joanhinha; a fé que não te tinha visto.

— Vem cá. Onde vais ?

— Vou meu caminho; respondeu o menino tomando a direcção em que ia o licenciado.

A alfeloeira acabou de curar o magarefe. Este durante todo aquelle tempo não proferira uma palavra, tão absorto estava em devorar com os olhos as formas seductoras da moça. Estava como embriagado: temia que sua voz quebrasse o encanto, em que o tinha preso o toque suave das mãos mi-mosas.

— Agora pode se ir á casa repousar. As feridas não lhe doerão tanto; disse Joaninha.

— Não são essas as que mais me doem; outra tenho, e bem funda, que sangra, como nem uma.

— Para essa não lhe sei o remedio; replicou a rapariga sorrindo.

— Sabeis-lo; mas não quereis dal-o !

— Que o quizesse não podia.

— Basta já de negaças, Joaninha. Tanto ha que me trazeis assim neste embeleco ! Por S. Lourenço, meu divino patrão, que si não pondes termo á isto, a cousa acaba mal.

— Escute você, Lonrencino. Já lhe disse o que podia dizer, não mais. Tenho eu culpa de me querer máo grado meu ? Faça o que lhe aprouver; porém mal aconselhado anda si pensa ganhar a vontade de alguém com taes abafas.

— Não vos inquieteis, por quem sois, Joaninha

de minha alma ! Ninguem me tira de que sou um nescio e um sandeu ! Não sei que faço ; mas tende dó de mim ; dizei-me ao menos que si me não dais esperança, tambem á outro .

— Oh ! lá isso é de mais, sô Lourencino ! Cada um tem seu segredo!; nunca perguntei o seu, deixe o meu em santa paz.

— Por Deus, que atinarei ! exclamou o carnicheiro batendo com o punho no peito amplo e vigoroso. Então ist'hade virar, ou eu não me chamo mais Lourencino !

— Que hade fazer você ? perguntou a rapariga medindo-o com os olhos.

— Inda perguntais-lo ! E' pouco roubar-me tudo ? E eu que cruze os braços ? E não me desforre ?

— Pois então desforre-se você em mim ; pois lhe quero a elle, sem que elle o saiba : ouve ?

— Callai-vos que me ensandecéis !

— Para que me fez fallar ?

— Si me tendes dito isto a um'hora, quand' elle queria levar-vos, aqui ficaríamos os tres !

— De quem cuida ? De Anselmo ? Como se engana ?

— E' elle mesmo ! Outra não me escapará.

— Pois bem fique-se com essa ; mas sempre lhe digo, que si armar briga, não achará mais cavalheiros que o livrem da gaiola.

— Ouvide, Joanhina.

— Não quero ouvir nada. Deixe-me socegada; estou cansada de aturar magarefes †

† Lourencino quiz seguil-a, mas debalde: a mulatinha se tinha perdido na turba multa. Então o tomou tal acesso de raiva e ira contra si mesmo, que aferrando um punhado de cabellos, arrancou-os com desespero.

Estava escripto, que a tia Eufrasia passaria nessa noite por todas as provanças; tendo-se aproximado para ouvir a conversa de Joanhina, que lhe devia dar thema vasto de murmurações, acertou que a mão de Lourencino, com o movimento brusco que elle fizera, deu tal repellão nas ventas da matrona que a estendeu a fio comprido.

† — Aquí d'El-Rei! . . Que me matão! . .

O amante infeliz de Joanhina, preocupado com o seu infortunio, nem um caso fez do accidente; maldizendo-se do seu caiporismo, foi affogar as magoas com um trago de vinho de Caparica na bodega do Braz Judengo.

A retirada, porém, não o salvou da ladainha de epithetos afrontosos, que a adela cantou em todos os tons, e com as varias modulações da voz fanhosa e esganiçada.

— Magarefe d'um demo! Cão tinhoso! Cousa ruim! Bargante! Alma damnada! . . . Pragás te con-

sumam, cascarrea de mouro! Judengo! Marrano!...
Tú m'a pagarás com lingua de palmo!

A tia Eufrasia continuaria a glosar este motte pelo resto da noite, si um dos quadrilheiros, que o alcaide deixára entre a multidão para evitar novos disturbios, não a interrompesse.

— Arre lá tambem! Cal-te boca praguenta! Si não queres ir pelo mesmo caminho qu'Anselmo!

A adela tragou o muito que ainda tinha a vomitar; tratou de se recolher antes que lhe succedesse mais alguma catastrophe nessa noite, que para outros fôra tão cheia de folgares e alegrias, e para ella tão farta de amarguras.

Ao tempo que isto tinha lugar, Joanhinha, perdida entre o povo, corria inquieta e soffrega de um á outro ponto; desde que deixára Lourencino parecia procurar entre a multidão uma pessoa; mas todos os seus esforços erão inuteis, e a levavam de decepção em decepção.

A vida dessa rapariga tinha a sua chronica mysteriosa.

Ninguem sabia de seus pais; mais quasi toda a gente a conhecia por causa da sua profissão de alfaloeira ou mercadora de doces e confeitos, que ella vendia pelas ruas n'uma cestinha de palha; neste mister occupava todo o dia, percorrendo de uma extrema á outra a cidade do Salvador; as vezes, quando sentia-se fatigada ou quando o sol

estava á pino, sentava-se na portada da Sé ou no cruzeiro do Collegio. Divertia-se então com trançar palha de varias cores; tecia lindos cabases, e os mais vistosos abanos que ver-se podiam.

Estes dois ramos de negocio sobravam para a sua subsistencia. Ninguem a via desalinhada, senão muito composta e bem trajada. A belleza e graça natural davam-lhe o sentimento de facerice inseparavel de toda a mulher, que conhece o poder dos seus encantos, e deseja ostenta-lo, ainda que por simples e innocente vaidade.

A proposito de alfeloeiras, um reparo.

Ha pequenas industrias que por sua natureza são proprias da mulher, e formam a sua especialidade na grande officina do trabalho social. Exercel-as o homem, a parte robusta e livre, parece além de afeminação injustiça ao sexo fragil e delicado, cuja actividade não é só restringida pela natureza, mas acanhada pelos usos e costumes.

Sentiram os antigos legisladores a necessidade de garantir a mulher contra a indecorosa concorrência do homem na exploração dessas industrias, femininas por sua natureza. A ordenação do livro 1º tit. 101 prohibia que houvesse alfeloeiros e obreieiros; porém, acrescentava, si algumas mulheres quizerem vender alfelôas e obreias, assi nas ruas e praças, como em suas casas, pode-lo-hão fazer sem pena. »

Porque não será aproveitada na legislação moderna tão salutar disposição ?

A liberdade do trabalho tem limites; e nem um mais justo e sagrado do que a protecção devida pela sociedade as orfãs do seculo e pupillas da lei. Si a especulação do homem não disputasse á mulher o seu direito ao trabalho, quem sabe quantas misérias não seriam remidas do vicio? O pão amassado com o suor é acerbo alguma vez: o pão amassado com lagrimas amarga sempre.

Voltemos a Joanninha.

Corriam sobre o seu nascimento dizeres cuja origem alias ninguem conhecia.

Contavam que em certa noite apparecera na rua uma criança envolta nas faixas: ali fôra achada por uma parteira já idosa, que voltava de assistir certa dama. A boa da mulher recolhera a criança e a educara.

Diziam mais que na toalha da menina vinha cozida uma carta em que se pedia á pessoa que a encontrasse, tivesse della cuidado até a idade de vinte annos, em que seus pais a reconheceriam, recompensando largamente a alma caridosa que a houvesse recolhido. Daqui tiravão mil commentarios; e não faltava quem dissesse que este misterio occultava um alto nascimento.

E' a sorte dos engeitados darem thema as fabulas fantasiadas pela imaginação popular, sempre dis-

posta a acreditar no maravilhoso, O que havia de certo á respeito de Joaninha era ter sido ella creada pela velha parteira a quem pagava a educação que lhe dera com muito amor e o melhor dos ganhos de sua industria. A principio a boa mulher ajudara com seu escasso mealheiro o pequeno negocio ; mas em pouco a freguezia tornou-se tão numerosa, as alfelôas de Joaninha começaram a ser tão cobçadas pelas bocas mimosas das meninas bahianas, os seus abonos tão desejados pelas fidalgas, o seu gentil sorriso tão admirado pelos cavalheiros, que logo colheu os fructos do seu trabalho Á' uma confessavam todos que na cidade do Salvador não havia, nem mais feliz, nem mais formoza alfeloeira.

O desamparo de sua vida livre, bem como a ausencia de familia, junto á pobreza e ignorancia do estado, fez suppor aos rapazes namorados que seria uma conquista facil ; mas Joaninha, que já tinha ganho pela formosura e jovialidade a admiração geral, ganhou com uma virtude austera e uma esquivança constante, á estima e respeito da boa gente. Acabaram por confessar que ella não era só a mais gentil, senão a mais honesta de todas as alfeloeiras dos dois reinos de Portugal e Algarves.

Em verdade, na sua existencia vagabunda, não havia facto por pequeno que fosse, do qual podese-

se nascer a minima suspeita contra a honestidade de Joaninha; não se sabia, nem siquer desconfiava de um rapaz ou mesmo senhor á quem ella tivesse dado mostras de bem querer. Entretanto essa pessoa existia, pois a rapariga o confessara na conversa com Lourencino; mas o nome estava guardado tão dentro do coração, que nem olhos de rivaes sempre alerta tinham podido ver na sombra desse misterio. Seria seu amor mal pago? Assim parecia á primeira vista; pois a alma feliz é flôr á desabrochar: tem um perfume que recende.

Mas custaria a admittir semelhante conjectura quem vira a expressão travessa e viva de seu olhar, o sorriso malicioso, e a faceirice do gesto galante. Amores tristes e mal afortunados não vivem em crisalida assim dourada e brilhante. Que houvesse completa felicidade tambem não era provavel. Em certas horas, mais frequentes quando estava só e ninguem a via, a expansão do contentamento desvanecia: annuviava-lhe o rosto sombra fugace de melancolia, recôrdo ou presentimento de magoas.

E porque, em assumpto de amores, essa dor é tão palreita, diz o nosso João de Barros, que logo descobre o que sente o coração, a crença geral decidia-se pela absoluta isenção da feiticeira mulatinha.

Entretanto a alfloeira continuava á correr em todas as direcções sem achar o que procurava. Não

se podendo ter já de fadigada, sentara-se na soleira de uma porta; e começou de cantarolar um villan-cete, olhando de longe para as janellas illuminadas do palacio.

O que Joanhinha cantava á meia voz, era si a chronica não mente uma trova de Gil Vicente, em compasso de lundù :

« Quem quereis que veja olhinhos,
Que se não perca por elles,
La por um geitinhos lindos
Que vos mettem em caminhos ;
E não ha caminhos nelles,
Senão espinhos infindos. »

Houve momento em que a alfeloeira suspirou ; sentiu cobrir-lhe o coração uma das nuvens de melancolia que as vezes passavão no céu dos seus pensamentos. Breve rarefez-se a nevôa, pois ainda no fundo de sua alma ingenua e pura não estancára a fonte das alegrias ineffaveis da juventude, que o mundo, vasto areal, a pouco e pouco vae sorvendo, até que a exhaure.

Quem a visse então, acompanhando a musica do saráo com a voz e as inflexões da cabeça ; traçando com a ponta do pé figuras e passos de dança, e dando estalinhos de castanhola nos dedos ; não julgara possivel esconder aquelle sereno jubilo da mocidade um pezar occulto.

Passavam Bartholomeu Pires e Vaz Caminha.

O licenciado offerecera ao mestre da capella uma vez de vinho; nessa intenção dirigiam-se á bodega do Braz.

Gil, comprindo á risca a ordem de Estacio, acompanhava o licenciado; caminhava arremedando com a sua figurinha de pagem o andar solemne e magistral do ex-arauto.

Mal descobriu o menino que seguia sem ve-la, Joanhinha ergueu-se de um salto, e cobriu os olhos do pagem com as palmas das mãos.

Elle não se mostrou sorpreso da travessura.

— Cuidas que não te conheço as mãos? Tanta alfeloa tenho manjado amassada por ellas!...

— Tambem! Não se doam mais ellas das que amassarem para ti! respondeu Joanhinha despeitada.

— Por que então? Algum mal te fiz eu?

— Inda agorinha? Quasi nem me fallaste.

— Não viste o amo mandar que seguisse o Sr. licenciado?... La dobram o canto! Vou-me apôz elles.

— Espera!

— Que me queres?

A alfeloeira hesitou corando.

— O Sr. Estacio está no saráo? perguntou depois de uma pausa.

— Pois que para lá foi; lá deve estar.

— Que lindas que são aquellas dansas! disse ella

suspirando, com os olhos voltados para o palacio. Não te fazem inveja? Não estimarias tambem ter a tua dama, Gil?

— Ixe! Eu cá penso nisto! disse o travesso pagem affastando-se.

— Até amanhã!... gritou a alfeloeira.

— Guardas-me alguma cousa?

— Vê-lo-has.

— Pois sim.

Gil correu á alcançar o licenciado que de facto quebrára a esquina; Joanhinha voltando-se deu com Lourencino.

O magarefe estava sombrio e torvo como uma borrasca prestes a desabar; a testa breve e estreita desapparecia franzindo e cahia-lhe sobre os olhos pequenos mas vivos: os beiços grossos, fendia-os uma cousa entre carranca e riso, arreganho de dentes, que gelava a medulla dos ossos.

Fitando na moça a vista ameaçadora, arrancou á custo da garganta voz surda e cava, antes rugido de fera:

— Sabe-se já por quem vos morreis d'amores!

— Quem? perguntou a alfeloeira pallida e tremula.

— O Sr. Estacio! disse Lourencino, como si aquelle nome lhe queimasse os beiços.

Joanhinha soltou uma gargalhada e desappareceu.

XV.

DO QUE SÃO ROSAS E MAIS AMORES.

Estacio e Christovão deixando o doutor entraram em palacio.

O saráo começára.

As dansas figuradas e graciosas do tempo faziam voltear pelo salão as damas, e tambem os cavalheiros que tinham tanto garbo em executar um passo airoso de pantomina ou fazer um batão e uma floreta, como no exceder-se pelas armas e feitos guerreiros.

A dansa não era então como actualmente desfastio ou pretexto de conversa ; mas uma arte que se cultivava com esmero, e dava ao corpo a flexibilidade das fórmulas e o donaire dos gestos e maneiras ; qualidades estas indispensaveis em uma época, em que o vestuario elegante e garrido obri-

— Como para os mais. Si D. Francisco mal acaba de annuncia-lo ao Sr. Governador !

Fez-se n'alma de Estacio uma grande treva e maior silencio. Quanto tempo durou essa noite do espirito, nunca elle o soube : houvera uma soluçãõ de continuidade na sua vida : ficou-lhe um vacuo no passado.

Quando voltou á si, estava ao relento, n'um campo escuro. Quem o trouxera ali ? Como viera ? Sente-se muitas vezes nas grandes afflicções uma necessidade inveniçavel de agitaçãõ ; o homem parece que forceja por escápar á si mesmo e á dôr que o possui : move-se e caminha : vae sem destino, fugindo ao que vê.

Assim chegara o moço aquelle sitio.

Viu que tinha nas mãos um objecto ; sentiu que esse objecto estava humido. Era o lenço de Inezita que tinham molhado as suas lagrimas. Não se lembrava de ter chorado ; nem sabia como a prendida da menina sahira do seio onde a tinha guardada.

— Valia a pena defender contra o odio de seu irmão esta vida que era della ? murmurava-lhe uma voz dentro d'alma.

Por misteriosa associaçãõ de idéas desembainhou a espada ; dobrou-a no joelho ; a lamina partiu-se. Olhou elle um instante os pedaços, como olharia na outra vida, precito já, o seu espojo

mortal. Rojou-os de si e serenou logo. A dôr não se extingüira, não ; mas agora a sentia como em distancia, longe, bem longe do coração ; cercava-o uma nevoa espessa ; estava em um mundo estranho e novo.

Para este da terra, acabava elle de finar-se. Quebrando a espada, sua defesa, morrera ; sepultara-se atirando os pedaços ao chão. Sombra apenas, não já vivente, errava ainda, penando como os duendes dos contos populares. ●

Apoz esta, veio outra allucinação. Pareceu-lhe que mão de ferro, gelada e fria, pousava no peito do seu cadaver; e arrancava fora o coração, e fugia pela treva. E elle poz-se a seguir essa mão, caminhando sem sentir.

Tirou-o desse pesadello uma voz infantil, que lhe fallava. Era a voz de Gil, parado em face delle, com um cavallo á dextra.

— O Sr. licenciado mandou-me á esperar o cavalleiro, pois já não havia precisão de mim. Como estivesse aqui á mão o cavallo fui busca-lo, e bem fiz, que já é tarde muito! Cuidei que não acabava mais hoje de esperar!....

Estacio não ouvia o pagem. Escutava o rumor das palavras: reconhecera o menino, mas só á pouco e pouco foi voltando á realidade, de que escapara por tantas horas. Volveu o olhar pelo sitio onde se

achava; era a calçada do palacio, á qual viera como della se fora, sem consciencia.

Então lembrou-se do que succedera. Via diante um abysmo negro e immenso, no qual elle se affogara e surgira em fim. Na margem d'alem a sua felicidade perdida; a quem, na outra margem, elle transido e extincto.

Que tempo levara a debater-se no abysmo antes de transpo-lo? Quantas horas ou quantos annos aturara essa agonia? Que passara durante no mundo á que pertencera, e na cidade onde habitara?

Fitou Gil; observou a faxada dos edificios. Procurava elle com este exame ver si o menino tinha envelhecido ou as construcções desmoronado em ruina?

— O saráo?... exclamou á final.

Nesta interrogação havia um poema inteiro, uma elegia. Era a historia do seu amor, cujo triste epilogo fora aquelle saráo: era o casamento de Inezita ahi annuciado: era a ventura de seu rival escarnecendo do infortunio d'elle Estacio: era o passado e o futuro.

— O saráo?... respondeu Gil. Quanto ha que lá se foi! Ainda era em hontem!

— Serão que horas?

— E' noite alta. Si os gallos já cantaram segunda vez!...

O moço deu alguns passos maquinalmente: o pagem ouviu-lhe palavras soltas, murmuradas comsigo.

— Ao romper do dia... La serei.

Voltou para o pagem.

— Viste quando se partiram do saráo os convidados ?

— Eu que chegava e elles que começavam de ir-se.

— Reparaste...

Estacio hesitou.

— Dos primeiros, acudiu o pagem disfarçando, foi o fidalgo que fez de juiz, sem ser o desembargador.

— D. Francisco ?

— Isso mesmo. Foi-se com a doninha e o outro... o alferes.

— E ninguem mais ? perguntou Estacio engulindo as palavras.

— Mais não vi eu : tornou o menino sem titubear, e acrescentou comsigo: Deus me perdôe.

— Não ia tambem D. Fernando de Athayde ?

— Bem pode ser que me escapasse.

— Qual caminho tomaram ? Lembra-te ? Foram logo direito ao engenho ?

— Quer me parecer que não. Vi tomarem para as bandas de Nazareth. Não tem casa ahi ? Tem-n'a, que lá vai a Joaninha, a alfeloeira. O Sr. Estacio

não sabe? Aquella da briga do Lourencino?... A Joanninha é uma boa rapariga ! Ella conhece esta gente toda : não ha casa em que não entre, a mulatinha. E' um furão!

Já Estacio não o ouvia: revolvia na mente outros pensamentos.

— Gil, nós vamos á Nazareth.

— Vamos, Sr. Estacio.

— Sabes á que vamos ?

— E' o mesmo. Lá chegaremos com o favor de Deos.

E o pagem, puchando o cavallo, segurou o estribo.

Estacio pousou a mão sobre a sella, mas em vez de montar reclinou sobre o pescoço do animal para fallar ao ouvido do menino.

— Tenho um desafio com o alferes, Gil.

— Um desafio ?

— Si elle trespassar-me, metterás a mão no peito de meu gibão, aqui; acrescentou o moço tomando a mão do pagem. Não sentes? E' um lenço. Hade estar cortado pelo ferro e tinto do meu sangue. Jura que o entregarás... a D. Ignez de minha parte.

— Mas..., ia dizendo o pagem.

— Ouve! Dir-lhe-has sómente este recado, guardo-o bem guardado:—Que lhe restituo quanto era della; o mais tem-n'ó terra.—Juras-me, Gil?

— Mas elle não hade ferir-vos, Sr. Estacio! Por

essa fico eu. Quem joga as armas como o cavalleiro, teme-se-lá de qualquer alferes? Em já hoje elle não viu a amostra do panno?

— Ninguem sabe o que pode succeder. Jura sempre!

— Pois o quereis, juro por alma de minha santa mãe e por Deos que a tem! Mas são juras em vão; heis de ensinar o alferes para vosso e meu contentamento. Já eu estou saltando! ..

— Digo-te eu, Gil, que sua espada me hade trespassar.

— Não repita estas palavras, Sr. Estacio. Dame gana de chorar.

— Tens pena de mim, Gil?

— Pena! respondeu o menino. Também a tenho; porem mais é a raiva só de pensar que vos possam fazer mal!

O moço cingiu a cabeça do menino e a teve algum tempo sobre o coração: depois montou rapido a cavallo; tomou o pagem de garupa, e largou-se á galope.

Entre tanto Gil, impressionado pelo que acabava de communicar-lhe o cavalleiro, inquieto com a idéa do proximo combate, sentia-se mais tranquillo, lembrando ás provas de esforço e valor, que dera o moço estudante, na tarde ainda daquelle mesmo dia.

Retraçava na memoria infantil os feitos recentes

do torneio, ás brilhaturas de Estacio e sua gallardia no manejo das armas. Insensivelmente o menino procurou no flanco do cavalleiro os punhos da espada leal, sua guarda e defeza: tinha necessidade de acaricial-a. A caricia é uma maneira de sentir das creanças e das mulheres: é tambem um estylo para a lingua que falla o coração.

Affagar os punhos da espada, era para Gil, um meio de dizer que punha nella toda a confiança, e um modo de pedir-lhe que transmittisse á sua alma a coragem e a esperanza. Valia tanto como beijar, a mão do cavalleiro, tocar dos labios o ferro que essa mão valente ennobrecera.

Nos copos da espada havia uma cruz; diante dessa cruz a alma do menino, bafejada pela fé sublime do christianismo, ajoelhava aos pés do Senhor, e votava a sua eterna salvação pela existencia do unico protector e amigo que tinha na terra.

O pagem estremeceu encontrando unicamente a bainha da espada, viuva do ferro, que a acompanhava:

— Vossa espada?... Sr. Estacio?... balbuciou Gil assustado.

— Perdia-a!.. respondeu o moço breve e rispido.

— E sem ella como hade ser, pois que vos ides a um desafio?

A voz de Estacio era grave proferindo estas palavras:

— Para morrer já não careço della !

— Então, acudiu o pagem com um soluço, que-reis mesmo que elle vos mate !

— Não é elle que me hade matar, Gil. Morto já fui eu, não de ferro ; mas de pena, como nunca a sintas !

Nesse momento iam os dois cavalgando perto do logar, onde o caminho estreito cortava a rua de Santa Luzia. Viram em distancia dois vultos que atravessavam, um apoz outro, como amo e criado.

Estacio reconheceu no primeiro, seu mestre e padrinho, Vaz Caminha : logo parou o cavallo e apeando rijo, voltou para o pagem :

— Guarda-te dahi, em quanto torno !

O menino deixou-se ficar, esmagando nos olhos as lagrimas que lhe saltavam aos punhos. O cavalleiro apressou a marcha para alcançar o advogado :

— Agora vos recolheis, mestre ?

— Agora, filho : e vós, que vos traz á horas mortas por estes sitios. Fazia-vos no saráo.

— No saráo?... Má hora, má e aziaga, mestre, em que a elle fui !

Estacio apertando a mão do velho vergara a cabeça abatida pela dôr ; as palavras que proferira vieram travando á fel ; affogaram-se em lagrimas.

O licenciado esteve a observal-o bastante tempo ;

depois, erguendo-lhe a fronte com ternura, impondo a mão sobre o coração oppresso do moço, murmurou-lhe ao ouvido :

— Cedo fostes homem, filho, para soffrer. Amores são rosas de todo o anno ; breves folhas, muitos espinhos. Peior é rega-las de lagrimas que mais nunca seccarão.

— Seccarão, seccarão, mestre ! Bem seccas já estão nesta alma, onde nem goiyos quero eu que vinguem já !

O estudante tornou mais calmo :

— Abraçai-me, mestre ! E' tarde ; careceis de recolher-vos.

— Até amanhã. Ireis ter comigo logo cedo ?... E' preciso para o muito que tenho de communicar-vos.

Vez Caminha abraçou o afillbado : este cerrou-o nos braços com visivel emoção.

— Ides de animo mais sereno ? perguntou o velho com terna solitudine.

— Para onde vou, mestre, respondeu o moço docemente, a serenidade me espera.

O advogado seguiu seu caminho : voltava do emprazamento com a dama desconhecida. O outro vulto que o acompanhava era do negro Lucas.

Reunindo-se ao pagem, Estacio antes de montar disse para o menino :

— Gil, junto do lenço encontrarás tambem um

papel. Este has de leva-lo ao doutor com estas palavras minhas: « que lembre-se de meu pai e de ti. »

O cavallo, arrancando á galope, desapareceu nas trevas.

XVI.

QUE FAZIA ELVIRA EM QUANTO INEZITA BAILAVA OS MACHATINS.

Christovão apenas quiz se mostrar no sarão, para que sua ausencia não dêsse motivo a reparos: logo se retirou.

Embuçado -na capa ganhou a rua de Santa Luzia, estugando o passo, como quem tinha pressa de chegar.

Essa parte da cidade, fembora fossem oito horas apenas, estava completamente escura e deserta; não se via porta aberta, nem janella allumiada. Toda a população tinha se aglomerado na praça do Governador e rua do Collegio, onde gozava dos prazeres e folias da noite, até que fosse tangido o sino de recolher.

O moço não deu attenção a esta circumstancia,

como quem tinha outros pensamentos que o occupavam todo ; continuou seu caminho ; nem a escuridão da noite o fazia hesitar ; adiante quebrou n'uma esquina, passou junto da igreja de Nossa Senhora da Ajuda, e atravessando uma pequena ribeira, tomou a rua que seguia áclive.

Ao longe o mosteiro de S. Bento estampava no céo de azul ferrete a larga claustro e os vastos dormitórios ; á direita corriam as cercas das roças plantadas de mangueiras, coqueiros e outro arvoredos fructíferos.

Estava tudo em socego ; apenas se ouvia o ramalhar da aragem nas folhas e o borbulhar da ribeira fugindo pela charneca ; de quando em quando uns longes rumores da festa passavam como rajadas e entravam no silencio do ermo.

Christovão parou á beira de um fundo e largo vallado, cheio pela recente enxurrada ; resfolgando da batida em que viera, enfiou os olhos pela ramagem.

Havia defronte uma cancella ; e mais longe erguia-se a casa, destacando confusamente nas sombras do arvoredos. Alva cinta de luz coava entre os bambolins de uma janella e resvallava tremula pela folhagem, que agitava a viração da noite. O resto da habitação envolto nas trevas repousava da lida diurna.

Uma prancha, que servia de ponte sobre o vallo,

fôra retirada da parte de dentro; de modo que a entrada no terreiro da casa tornava-se difficil e perigosa.

O cavalleiro volveu em torno o olhar rapido e escrutador para certificar-se de que ninguem alli se achava occulto pelas arvores que podesse espreita-lo; feito o que ajustou as armas ao corpo, atirou a capa sobre o hombro esquerdo, e procurando um logar favoravel ao seu intento, conseguiu transpôr o vallo, graças á alguns ramos inclinados que lhe serviram de apoio. Metteu-se então por entre as arvores, onde a ramagem era mais basta, evitando que os raios da luz que filtravam da janella cahissem-lhe sobre.

Tanta precaução, indicava grande receio de ser descoberto; de feito ás vezes o moço parava irresoluto si devia proseguir no seu primeiro intento, ou retroceder emquanto era tempo; mas depois de curta hesitação, sondando de novo as trevas e certo de que tudo estava tranquillo e socegado, cobrava affoutesa e ia por diante.

Christovão era um destemido cavalleiro, valente como as armas, bravo como os filhos da raça iberica, em cujas veias girava ainda a pura mescla do sangue godo e arabe; não fôra pois o receio de um perigo, por maior que se lhe affigurasse, motivo para influir no seu animo tal indecisão.

Era sim receio de escandalo.

Seu amor e character ousado o tinham lançado naquella aventura nocturna; durante as corridas a ausencia de Elvira o contristára á tal ponto, que decidira ver a moça naquella mesma noite, para offerecer-lhe com sua alma e sua vida as joias que tinham premiado sua destreza e galhardia.

Sem reflectir na possibilidade de realizar esse proposito, sahira do saráo, e achava-se em face da janella de Elvira ; mas ahi foi que a razão lhe começou de apresentar á mente quanto havia de extravagante e desusado no passo que pretendia dar sem consentimento da moça, nem certeza de que ella levasse em bem semelhante temeridade.

Estando assim com o espirito tomado por mil pensamentos contrarios, e com os olhos na janella, a luz vacillou; uma sombra ligeira debuxou-se docemente na athmosphera esclarecida, esfumando os contornos suaves e puros de um busto encantador.

Christovão estremeceu ; porém já de prazer, não de susto.

Deu por bem paga a imprudencia, pois ao menos gosava a ventura de ver a imagem da imagem que trazia n'alma. Para elle a sombra vivia e animava-se : houve momento em que lhe pareceu que ella o olhava e sorria ; até chegou a acreditar, com a superstição natural do coração amante, que a

força de contemplal-a, talvez Elvira recebesse a a refração dos raios de tão ardente affecto.

Mas o coração é insaciavel ; o que a principio lhe basta para a completa felicidade, logo serve apenas de aguçar o desejo. Succedeu assim com o moço ; a scmbra de sua amante em vez de lhe dar prazer, já o torturava com a idéa de não vel-a a ella propria, estando ali tão perto, que podia ouvir-lhe a voz terna e amorosa.

Mas essa voz emmudecia nos seus labios tremulos; pois o esmorecia a só lembrança de offender a moça e perturbal-a em seu casto repouso. Tanto bastava para quedal-o mudo e extatico em frente do balcão da janella, elevado do chão na altura de uma lança.

Si ao menos püdera devassar com a vista o interior !.

O aposento esclarecido formava uma pequena camera forrada com raz simples e ornada no gosto o mais apurado da epocha. A' um lado estava o leito de madeira embutida com relevos de metal; em volta esfraldavam-se as cortinas de seda azul suspensas do esparavel dourado ; aos pés um tapete da India ; junto da cabeceira, contra a parede, o escabello, traste caracteristico dos tempos de fé sã e robusta.

Do lado opposto, no estrado baixo, que então fazia as vezes dos sofás e conversadeiras de moder-

na invenção, estava Elvira sentada; tinha o corpo escahido em frouxa attitude, os braços destendidos, as mãos crusadas sobre os joelhos, a cabeça reclinada um tanto, os olhos fitos no relógio d'água collocado em cima do trumò, sobre o qual ardia uma vela de cera, eschamejando-se na face lisa e e polida do espelho.

Os cabellos desatados pelas espaduas nuas ensombravam o perfil, amortecendo-lhe a côr; mas deixavam immergidas na claridade as evolutas suaves do collo soberbo, e dos seios que moldava o linho transparente. Traçando a curva graciosa de uma perna admiravel, a roupa roçagante de fina beatilha frangia na orla, por onde escapava o péssimo nu, aninhado em um pantufo de veludo roxo.

Doce enlevo, ideal sublime de suave melancolia ou de vago scismar, quando a alma engolfada no silencio e na soidão, partida entre as recordações que voltam e as esperanças que fogem, doe-se com a ausencia do bem que fruiu, e enleva-se revivendo no goso passado ! Voluptuosidade inexprimivel de magoas doces e agros praseres para o coração que soffre com o isolamento e praz-se nelle ! Hymno sublime que o labio portuguez canta em uma só palavra—*saudade* !

Corriam os minutos; e ella não mudava de posição.

Os raios de luz brincavam com as gotas do roseo

licor que estillavam á uma e uma do glóbo superior da ampulheta; a claridade decompondo-se nos rubis liquidos, formava um prisma brilhante em cujas irradiações se estereotypava a myriade de pensamentos que esvoaçavam na mente de Elvira. Cada gota era um instante que fugia, e com elle um feixe de esperanças.

Em que podia ella pensar a não ser nas festas a que não assistira, e em Christovão porquem mais sentia, que por ella, a privação daquelle praser?

Toda a tarde estivera triste e aborrecida; chorara pensando que o lindo cavalleiro que a estremecia, podesse no meio dos folgares ter um pensamento, um olhar, uma lembrança que não fosse della. Cada vez que as acclamações entusiastas do povo saudando o vencedor, mandavam-lhe um echo dos alegres arruidos, afogava-se-lhe o coração em lagrimas, que a seu pesar vinham rorejar as faces.

Mas um olhar severo de sua mãe recalrava-lhe a dôr no fundo d'alma, até que depois da prece da noite, recolhendo-se a sua alcova, pode desabafar a magoa comprimida; ou antes pode entregar-se livremente a novos pezares que lhe assaltaram o espirito. A principio esteve n'uma impaciencia mortal; volvia de um para outro lado, chegava a janella soffrega e inquieta, reclinava o ouvido, e reprimia as palpitações do coração; por fim como

isto em vez de acalma-la, a exasperava ainda mais, sentara-se no estrado e contava com anciedade os minutos da hora que faltava para acabar o seu supplicio.

A ultima gota vasou-da ampulheta; Elvira er-gueu-se de salto e correu a janella.

No horisonte, entre a escuridão profunda que plainava sobre a cidade, brilhava um frou-xo clarão que ia á pouco e pouco desmaiando; signal de que as luminarias começavam á extin-guir-se. Não se ouvia mais o barbarizo que exhala das grandes massas da plebe. O primeiro dobre do toque de recolher, acabava de soar.

A festa popular estava terminada; mas uma branda lufada do vento trouxe uns alegres tangeres de musica, como para diser a Elvira que o saráo ainda durava e com elle seu tormento e afflicção.

A pobre menina suspirou.

— Nem mais se lembra de mim! balbuciou com a voz repassada de lagrimas.

De repente a moça, que se recostara ao balcão, estremeceu.

Julgou ouvir a brisa murmurar seu nome; o pri-meiro movimento, depois do susto, foi recolher-se e fechar a janella; mas uma attração invencível a fez voltar; ainda tremula e fria teve coragem de se debruçar no balcão para ver entre as arvores.

Quando já mais animosa inclinava a crer que tudo fora uma illusão dos sentidos e um receio infundado, os olhos cahiram sobre um vulto, que sahindo d'entre as sombras, foi subito ferido pela luz da vela.

Ella quiz suffocar, mas tarde, o grito de jubilo e surpresa que lhe escapou dos labios; porque tinha reconhecido Cristovão.

O moço adiantou-se, murmurando o doce nome de Elvira; mas ella em quem o réceio tinha vindo de prompto perturbar a alegria ineffavel da presença do cavalleiro, supplicou-lhe com o gesto que se calasse, e foi ao corredor que passava pelo fundo da camera, para assegurar-se de que ninguem velava na casa. Mais socegada com a tranquillidade que reinava no interior, fechou devagarinho a porta, e voltou-se no momento em que Christovão saltava pelo balcão da janella.

A moça recuou, crusando os braços sobre o seio, com sublime gesto de pudor.

— Oh! não! disse ella supplicante.

Christovão arrependeu-se do que tinha feito.

— Perdoai-me, Elvira! respondeu elle com respeito. O muito que vos amo fez-me esquecer o muito que vos devo. Com a mente de fallar-vos, e diser-vos quanto soffri pela vossa ausencia, não me lembrei que este asilo me era vedado; mas

crede-me, que não entraria em templo, com maior recato do que entrei aqui.

A moça, preza aos labios de seu amante, comovida de tanto amor, mal sabia o que fizesse; já não era o receio que a retinha, sim o pejo.

— Bem penso, continuou o moço, que errei; sede porém benigna para esse erro de que só foste a causa. Trouxe o que por vós e para vós ganhei; e vou-me por onde vim, para que não vos deive maior afflicção, da que levo em deixar-vos.

Dizendo isto, o moço deitou sobre o toucador uma bolsa que tirou do peito do gibão, e na qual brillavam entre as malhas de seda as joias que tivera em preço dos jogos; apoz fitando um longo e ardente olhar na sua amada, foi para sahir.

Elvira não se conteve mais; lançou pelo collo uma manta de seda, e correu á janella, ao tempo que o moço ia saltar o balcão.

— Não ides magoado comigo, não? disse ella pousando-lhe as mãos sobre os hombros e sorrindo.

— Bem sabeis que não, Elvira minha, alma de minha alma! exclamou o cavalleiro ajoelhando a seus pés, e beijando-lhe a fimbria do vestido.

— Pois então antes de partir contai-me como vos foram as festas sem mim; e si vos deslembraestes de quem, se não passou um instante, que não estivesse comvosco em pensamento?

— Perguntai-o á minha estrella que nunca me

desacompanhou ou á estas joias, que o são menos do que sois da minha vida. Ellas ficam: e eu me parto.

— Não; que me haveis de dizer como as ganhastes; pague-me esse prazer tão grande penas, quaes passei.

— Ah! E não me contareis que penas foram essas?

— Quando suber tudo que fizestes. Vinde; mas fallai passinho, que não vos ouça minha mãe.

Elvira fez Christovão sentar-se no estrado, e escutando si tudo estava em silencio, foi sentar-se junto d'elle.

— Oh! que lindas galanterias! exclamou ella soltando no regaço as joias da bolsa. Que tão cubicadas não haviam de ser pelas damas que lá estavam!. Mas quizestes guardal-as para quem menos as merecia!

— Para quem ellas menos merecem, senhora minha.

— Mas fallai; que não me posso já com o desejo de saber quanto fizestes!

— Não quereis que cerre aquella janella? Podem ver a luz á estas horas mortas. ., disse o moço erguendo-se.

Elvira corou.

Lembrou-se que estava só com seu amante, á noite calada, e na sua camera de donzella reca-

tada; pareceu-lhe que fechando a janella o isolamento ainda se tornava maior; porém sua alma era tão innocente e o amor de Christovão tão respeitoso, que se accusou a si mesma daquelle seu receio.

— Cerrai ! tornou com um sorriso encantador. Não ficamos sós !

— Quem mais está aqui ? perguntou Christovão admirado.

— Deus ! disse ella apontando para o cruxifixo que pendia da parede.

— Deus, a vossa virtude, e a minha honra, Elvira ! replicou o moço em tom solemne, e estendendo a mão, como si fizera um juramento.

A janella cerrou-se, occultando a luz, que derramava sobre a folhagem das arvores.

A faxada do edificio ficou em perfeita escuridão; porém minutos não eram passados que uma luz interior bruxuleou, e apparecendo e desaparecendo, percorreu quasi toda a casa até parar em uma sala que deitava para o nascente.

Algum tempo depois ouviu-se o ranger de uma porta baixa que abriam; um vulto embuçado appareceu no terreiro, e avançou a passo e passo como quem procurava alguma cousa.

A ultima badalada do sino de recolher resoava ainda pelo espaço.

XVII.

EM QUE OS ARGUEIROS PARECEM CAVALLEIROS.

Já tinham resado *completas* no Collegio dos Jesuitas.

Os frades se retiraram aos seus cubiculos: os vastos salões ficaram completamente desertos e ás escuras: reinava em toda a casa profundo silencio.

Os rumores da festa que ainda enchiam a cidade batiam contra os altos muros externos do claustro; nem um écho do mundo penetrava já no templo do Senhor.

Decorreu uma boa meia hora.

Cinco vultos negros, esgueirando-se pelo comprido corredor que separava os vastos dormitórios, entraram á um e um na sala da bibliotheca, e depois de trocarem mesmo no escuro um toque symbolico,

se agruparam defronte da pezada porta de vinhatico que dava entrada para o *cartorio*. Era este, o logar reservado onde se guardavam os papeis de importancia, a escripturação mercantil e o cofre da commuidade, cujos rendimentos cresciam annualmente, augmentados pelas doações regias e deixas particulares.

Os religiosos que esperavam a porta do *cartorio* eram, o reitor; o padre Ignacio do Lourical que vimos conversar á janella do convento, enquanto duraram as festas, com o jesuita chegado naquella manhã; o padre Luiz Figueira, author da grammatica da lingua Tupi, o qual em 1607 tinha escapado ao martyrio entre os selvagens da serra da Ibiapaba, na capitania do Ceará; o padre Domingos Rodrigues, ardente missionario, que havia seis annos reduzira os feroses Aimorés da capitania dos Ilhéos: e o padre Manoel Soares, chronista e author de importantes munuscriptos, que infelizmente não chegaram aos posteros para bem de sua fama.

Havia alguns instantes que os jesuitas esperavam sem trocar uma palavra, quando ouviu-se o roçar de sandalias, e ao frouxo elarão de uma lanterna surda appareceu o provincial Fernão Cardim acompanhado pelo padre Gusman de Molina.

Os jesuitas não se admiraram de ver entre elles

o novo irmão que sabiam ser professo; mas conhecendo a politica da ordem, pressentiram que a sua vinda occultava alguma importante missão: o provincial, tirando a chave que trazia á cinta, abriu a porta, que fechou interiormente, em quanto um dos outros irmãos accendia a grande alampada de prata suspensa ao tecto do aposento.

Figure-se um gabinete pouco espaçoso, entre quatro paredes dobradas por largos armarios que subiam até a abobada, alcatifado de alto á baixo com uma fazenda espessa que forrava tambem o soalho, tendo uma só porta e fronteira á esta uma janella revestida de gradil de ferro; e se fará idéa exacta desse aposento, no qual o som da voz ou dos passos por mais fórte que fosse morria abafado e não transpirava.

Na larga banca de jacarandá de fórmula oval via se o tinteiro, a poeira e a campainha, tudo de prata de lei e de porporções desmesuradas. A' cabeceira, que ficava do lado da janella, estava a séda ou cadeira presidencial que occupava de ordinario o superior da commuidade, quando não se achava presente o provincial; aos lados haviam assentos rasos destinados aos simples conselheiros.

Era nesse logar que os principaes da companhia de Jesus, incumbidos do governo da provincia do Brasil, faziam as suas conferencias secretas, nas quaes só eram admittidos os irmãos do quarto voto,

geralmente chamados os *professos*; unicos de toda a numerosa associação, que tinham conhecimento das altas questões politicas que interessavam a ordem.

Os outros membros, coadjutores, estudantes e noviços, condemnados pelo instituto do fundador á *obedientia cæca*, nem siquer penetravam naquelle sanctuario, onde muitas vezes decidiam da sua sorte; maquinas animadas, authromatas vivos, moviam-se conforme a impulsão que lhes dava a intelligencia superior que os dominava: *Perinde ac cadaver*.

Quando a mesa se achou occupada pelos jesuitas, o provincial voltou-se para o novo irmão:

— O capitulo está reunido: V. Paternidade póde fallar.

Por toda resposta o padre Molina inclinou-se e apresentando a Fernão Cardim um pergaminho dobrado, que tirou da manga, disse-lhe com a habitual humildade:

— Faça a mercê de lêr, padre provincial.

O superior ergueu-se com uma ligeira emoção, que logo dominou; beijou a murtha, e fez a leitura, que foi ouvida em respeitoso silencio pelos jesuitas.

Era um breve do Geral assim concebido:

AD MAJOREM DEI GLORIAM.

Nós, Claudio Aquaviva, pela authoridade da

Santa Sé Apostolica e voto da Congregaçaõ, Superior geral da Companhia de Jesus, nomeamos o reverendo padre Gusman de Molina, Visitador e Assistente na provincia do Brasil, e mandamos d todos os nossos irmãos, assim religiosos como seculares, por tal o reconheçam e lhe prestem obediencia plena. Em nome do Padre, do Filho, e do Espirito Santo, amen.

Dado em Roma na casa da Companhia, aos 5 de Agosto de 1608.

CLAUDIO AQUAVIVA.

Ao lado esquerdo do pergaminho, via-se o sello chão em lacre preto com a murthia do annel que usava o Geral; logo abaixo a nota do registro feita na secretaria da ordem.

Quando o provincial, terminando a leitura pronunciou pēla segunda vez o nome do homem que á mil leguas de distancia fazia estremecer todos esses velhos encanecidos e provados nas vicissitudes da vida; os olhares dos jesuitas crusando cahiram sobre o rosto do padre Gusman de Molina, como para lhe arrancarem da phisionomia o motivo da nomeaçãõ secreta e do poder immenso de que se achava revestido.

O Assistente ou Visitador era um dos mais altos cargos da companhia; só tinha superior em hierarchia o Geral, de quem era delegado e representante. Dentro da Nação ou da Provincia á que era en-

viado, governava como soberano até o momento em que o poder supremo, que o tinha elevado, o quebrasse de repente como um torrão de argila.

Depois do Padre Ignacio de Asevedo, morto em 1569 ás mãos dos corsarios huguenotes, que capturaram a frota, em que vinha elle com sessenta religiosos e o Governador D. Luiz de Vasconcellos, nomeado para succeder á Mem de Sá; nem um outro Assistente fora mandado ao Brasil. Quarenta annos durante o Geral deixára a direcção dessa Provincia entregue ao prelado ordinario.

Era natural pois que os padres ficassem surpresos: essa nomeação secreta, que não lhes fora communicada nem de Portugal nem da Hoespanha, indicava um acontecimento de grande alcance, ou uma reforma no governo da Provincia; qualquer desses dois pontos interessava altamente os professoes da Bahia, para que elles se apressassem em conhecer as intenções com que vinha o Padre Molina.

Mas a phisionomia deste não respondeu aos olhares interrogadores.

Calm e frio, o Assistente acompanhara a leitura do breve: seu rosto não tinha expressão, ou si a tinha era indefinivel; não se podia distinguir que sentimento dominava naquelle semblante immobil, si a indifferença e a bonomia, ou a sevéridade gelida e impassivel. Os olhos em vez de projectar os raios visuaes, pareciam volta-los interiormente,

deixando a pupilla baça e pasma como um vidro á que o vapor houvesse empanado o cristal.

Sem dar mostras de aperceber-se da investigação profunda que as vistas prescrutadoras dos jesuitas faziam sobre a sua phisionomia, o Padre Molina dirigiu se ao Provincial, que partilhava a desconfiança geral, e conservava ainda nas mãos o pergaminho que acabara de ler.

— Queira V. Paternidade passar aos nossos irmãos.

Fernão Cardim entregou o breve ao Reitor, o qual o deu ao Padre Ignacio; assim passou de mão em mão até o ultimo. Este depois de examinar minuciosamente a lettra e o sello, como tinham feito os outros, apresentou o ao Assistente, que o recusou com um gesto.

— Julgam que esteja conforme? perguntou elle.

Os seis jesuitas inclinaram-se em signal de assentimento-

— Registem-n'o então.

O Padre Molina esperou que o Reitor copiasse no livro proprio a carta de sua nomeação: terminado e que, dobrou-a de novo, e guardou no peito da roupeta; arrastando a cadeira de espaldar collocada á cabeceira da mesa, sentou-se acenando aos outros que o imitassem.

Um instante volveu o olhar pasmo e sem brilho pelos seis frades recolhidos na apparencia, mas

interiormente suspensos dos seus labios e anciosos pela palavra que devia esclarecer o enigma; por fim apoiou os braços á borda da meza, e deixou cahir as frases a uma e uma como si as tivera composto e decorado com antecedencia.

— Não preciso dizer-vos eu, pois o advinhaes, que me trouxe ao Brasil missão importante. Trata-se de objecto que interessa mais que muito a companhia. Sabeis que El-rei de França permittiu tacitamente ha cinco annos que de novo entrassemos nos seus estados; tal concessão foi-nos de grande valia, porém muito nos resta ainda por alcançar. Emquanto o edicto de Nantes não for revogado; seremos tolerados, mas não admittidos; a companhia não poderá crear naquelle paiz uma influencia bem solida. Quanto é isso necessario, bem o conheceis; mas por que meio o obteremos?...

O jesuita parou deixando a pergunta suspensa; e como não tivesse resposta continuou:

— Um meio ha, e prompto, e infallivel. O dinheiro, que tudo vence, fará em uma hora maior conversão, do que tem feito tantos annos de apostolado: as guerras atrasaram as finanças da França e o protestantismo de El-rei Henrique IV não será tão intolerante, que repilla algum forte subsidio, unicamente porque lhe é offerecido por mão catholica. A companhia precisa pois de somma avultada, que não lhe pode ser fornecida senão pelas

nossas Provincias de Asia e America. Eis a que mandou-me a vontade soberana á quem devemos obediencia: espero me ajudareis com o vosso avisado parecer.

Concluindo a sua exposição oratoria, o padre Molina bem percebeu que nenhum dos seus ouvintes tinha acreditado uma palavra só do que elle acabava de dizer.

Com effeito, os padres sabidos e usados na arte da dissimulação em que primavam os jesuitas, conhecedores de todas as subtilezas e disfarces que tinham costume empregar nas altas negociações, comprehenderam que o padre Molina havia realiado o preceito dos mestres da ordem, os quaes ensinavam que — « a palavra era o melhor meio de occultar o pensamento. »—

Essa fabula do edicto de Nantes, quando por muitos outros motivos não parecesse inverosimil aos membros do capitulo, tinha contra si uma razão de grande peso; era que, si fosse verdadeira, o Assistente não a confiaria tão facilmente e sem necessidade, a homens cuja descripção não conhecia, e que podiam contrarial-o nesse plano de exhaurir o thesouro da Provincia em beneficio de Roma e dos estrangeiros.

Todos elles ficaram portanto firmemente convencidos que o padre Molina tinha preparado aquella historia para illudir a sua curiosidade, com

o fim de poder depois livremente tratar do verdadeiro objecto da missão e obter delles os esclarecimentos e informações de que necessitava. Mas escarneceram interiormente daquelle ardil tão commum e vulgar, que depunha contra a perspicacia do Assistente; e redobraram de attenção para apanhar no meio da discussão a menor palavra, o mais simples gesto, que denunciasse o segredo.

Ao padre Gusman, porém, não escapara a suspeita dos seis conselheiros.

— Que pensa á respeito o padre Provincial?... Será possível obtermos alguma parte da somma precisa?

— A fallar verdade, devo confessar á V. Reverencia que não julgo a cousa facil. A terra é rica, porém os haveres vão-se mais em luxo e prazeres da carne, do que em esmolas e deixas pias. Quanto aos bens da companhia, são poucos por ora, e seu rendimento apenas arrecadado é logo remettido á Portugal. Comtudo não esmoreço; e como é no serviço da religião, della tiraremos forças para levar á cabo tamanha empreza.

— E o padre Reitor, que aviso nos dá? perguntou o Assistente, mostrando-se contrariado.

— Meu voto é de bem pouca monta; mas ajudando Deos, creio que poderei auxiliar a V. Pateridade no cumprimento da sua tarefa.

— Vejamos o como?

— Vive nesta cidade uma dama hespanhola ainda moça, á quem parece que um grande infortunio desgostou do mundo.

— Diz que parece, padre Reitor? perguntou o Assistente com um sorriso inexprimivel.

— V. Reverencia admirá-se? Tambem eu; porém por maiores esforços que tenha feito ainda não consegui della ouvil-a de confissão. Deve de ser um caso grave para que resista á todas as admoestações, e mesmo ao terror da condemnação eterna!

— E em que nos póde servir essa mulher?

— E' possuidora de immensa riqueza, que de seu pai herdou, e não está longe de, mesmo em vida, fazer doação della á Companhia.

— Bem, veremos a sua penitente, padre Reitor. Emquanto lhe avalia os teres?

— Ella propria não lhes sabe o valor. Deixou-os seu pai n'um cofre enterrado em certo lugar; a filha com o seu desapego das cousas mundanas nem siquer teve ainda a curiosidade de o ver.

— Pensa então que esse thesouro esteja no mesmo lugar? disse o padre Molina com o seu fino sorriso.

— Não ha razão para que duvide: ninguem mais afóra ella sabe do segredo.

— Quem enterrou o ouro?

— O pai só e durante a noite, pouco tempo antes de finir-se.

— E essa dama chama-se?

— Tem nome pouco vulgar, que me parece supposto. Chama-se D. Marina de Pêna.

Um plica imperceptível traçou rapidamente a vasta frente do Assistente: mas desfez-se logo, e fora impossivel distinguil-a da sombra tenue e mobil que projectava em seu rosto os tremulos clarões da alampada, coando entre os cabellos soltos.

— Ainda assim, não lhe tenho o segredo por muito seguro. Devem haver serviçaes na casa.

— Ha uma aia que tomou logo que chegou da Hespanha, e mais um escravo. Esses si alguma cousa soubessem, já se teriam aproveitado, e não ficariam de certo ao seu serviço.

— Comtudo! O ouro é como a luz de que tem a côr e o brilho; ainda no seio da terra surde.

— O que fôr se hade conhecer, disse o reitor um tanto despeitado.

— Certo! Nestes casos as supposições nada valem. Trabalhiemos na esperança do successo; e a seu tempo a verdade apparecerá. Entretanto já temos por onde começar; e o nosso irmão padre Ignacio, naturalmente vai propor-nos algum outro alvitre.

— Si o tivesse não esperaria que m'o pedisse,

padre assistente ; porém curo mais dos bens d'alma, do que dos bens terrestres.

— V' Paternidade procede sabiamente ; disse o padre Molina amaciando a voz ; sómente digo que que si todos assim procedessem a companhia não teria forças para vencer tantos inimigos, que a perseguem, nem meios de se empregar no serviço da religião. Uma cousa não exclue outra, padre Ignacio ; curemos d'alma, arrostemos o martyrio si necessario fôr para plantar á fé entre os selvagens ; mas não esqueçamos que é preciso combater o mundo com as suas proprias armas. Esta roupeta que nos veste, não é nem de melhor fazenda, nem de mais custo, do que o habito de qualquer outra ordem ; mas ella representa a milicia do Christo e o poder immenso da companhia ; porisso abre todas as portas, e vê em todas as consciencias. Dispa-a, e suas palavras, embora ungidias pelo Senbor, cairão em terra safara.

O padre Ignacio abaixou a cabeça e não respondeu.

— Tambem pensa do mesmo modo o padre Figueira ? perguntou o Assistente á outro jesuita.

— Penso que V' Reverendissima tem rasão ; e paza-me que, sobrando a vontade, falte-me a força de servir a companhia em objecto de tamanho alcance ; mas si uma esperança póde ser, de alguma utilidade...

— Uma esperança é já alguma cousa ; quando a cultiva mão tão habil é flôr que sempre vinga e dá seu fructo.

O padre corou modestamente com o elogio do superior : encolheu-se na capa, como um homem que não se póde eximir de certo acanhamento e timidez fallando á pessoas authorisadas.

— Tomou-me a tempos por seu confessor, disse elle, a Sra. D. Luisa de Paiva, viuva já idosa e muito conhecida nesta cidade pela sua avultada fortuna. Falleceu-lhe o marido a seis annos deixando uma filha unica, que está hoje moça. E' senhora de muita virtude ; mas tem ainda restos de sangue impuro...

— Ah ! E' de raça judaica ! exclamou o padre Molina.

— Infelizmente assim é : respondeu o padre Figueira.

— Devem ter passado ao Brasil muitos deses christãos novos, depois de levantada a prohibição ? replicou o Assistente pregando os olhos no tecto.

— De feito não é pequeno o numero dos que tem vindo.

— Para isso compraram tão caro o direito a El-Rei, que não soube o que vendia.

Os jesuitas tinham levantado a orelha, apenas o padre Molina fizera o primeiro movimento de surpresa, e acompanhavam o curto dialogo com

atenção disfarçada. Pareceu-lhes ter entrevisto o fim secreto da missão do Assistente.

Em 1601 os *pobres judeos*, a quem era prohibido pela lei de 30 de junho de 1567 passar ás colonias, offereceram a somma de 200,000 cruzados pela revogação do interdicto; semelhante transacção que bem revellava os lucros avultados, que essa raça industriosa e mercantil tirava do commercio da India e do Brasil sobretudo, offendia os interesses da companhia. Desde então não cessara de insistir ella pela revogação da lei de 30 de julho de 1601.

Nada mais natural portanto do que tratar agora a poderosa associação de afastar os competidores, que lhe disputavam boa parte das riquezas do novo mundo. Para tamanha empresa fôra mister um homem habil que excitasse nas populações o espirito de intolerancia religiosa, bem intenso ainda no seculo XVII, coagindo assim o Rei de Hespanha á voltar á antiga prohibição de passarem judeos ás colonias. E esse homem não seria o visitador?

Simultaneamente lusio a scentelha no espirito dos seis jesuitas. O sorriso subtil que mal rugou os labios mostrava a satisfação intima da intelligencia que alcançara resolver um problema difficil.

Entretanto o Padre Molina, a quem não escapára o effeito produzido pela sua pergunta, reatava o fio à narração interrompida.

-- Mas isso não nos interessa agora. Dizia V. Paternidade?...

— Que D. Luiza de Paiva é descendente de uma familia de judeos; e pois embora a sua fé seja rabustissima, remorde-lhe aquella macula. Estou que seu zelo bem aconselhado, não duvidará remir a culpa fazendo esmola de toda a sua fortuna a uma casa de oração que possa bem emprega-la no esplendor do culto dinivo.

— Si não me engano, ouvi que tinha uma filha?

— Não se engana, V. Reverencia, não: respondeu o Padre Figueira sorrindo; tem uma filha; porem essa menina si já não sente è natural que venha á sentir breve irresistivel vocação para o claustro; e então...

— Comprehando! A mãe poderá dispor livremente de seus haveres.

— E satisfazer as pias intenções de sua alma devota.

— Nem um destes auxilios é para despresar-se, replicou o Padre Molina; mas não são de prompto resultado; e para o fim que é de pouco servem. Cumpre recorrer à meios mais rapidos e...

— Si V. Reverencia permite! atalhou um frade gordo que ainda não tinha proferido uma palavra.

— Pode fallar o Padre Manoel Soares. Estamos a qui para ouvir: disse o Asistente.

— Talvez pareça ousadia querer eu decidir ponto em que nossos irmãos se acharam embaraçados; mas cada um deve occupar-se do que lhe é ordenado; e aquelle não merece mais, que só cumpre o seu dever.

— Então V. Paternidade julga ter descoberto o meio de dar á companhia a somma de que ella precisa?

— Julgo que poderei dar a companhia, não tres milhões, porem cincoenta : respondeu o Padre Soares.

— Como? perguntou o Assistente com vivacidade.

— V Reverencia conhece a historia das minas de prata de Roberio Dias?

— Ah!...

Esta exclamação indefinivel e o riso de ironia que esclareceu o rosto pallido e severo do Assistente, não produziram a menor impressão no padre Soares; calmo e placido, como quem sustenta convicção profunda e inhabalavel, o frade contrahou-se com encolher os hombros.

— Quer V Reverencia prestar-me attenção?

— Sem duvida; V. Paternidade diga, que o escutamos.

XVIII.

QUANTO INGRATO JA' ERA NO SECULO XVII O MISTER DE ESCRIPTOR.

O padre Soares ergueu-se, foi ao canto, abriu uma arca de que tinha a chave, tirou um grosso *infolio*, que deitou sobre a mesa, a qual gemeu com o peso do respeitavel bacamarte.

Os outros jesuitas, que partilhavam a incredulidade fingida ou sincera do Assistente, estremece-ram vendo-se ameaçados com a leitura de algum capitulo da obra, e trocaram um olhar de espanto e medo. Só o padre Ignacio se conservára indifferente a tudo; apenas alguma vez os seus labios finos comprimiam-se, como si quizessem reter uma palavra que iam pronunciar.

Emquanto o padre mestre espanava o pó da capa de pergaminho do velho alfarrabiõ, o Assis-

tente fazendo uma cara de aborrecimento, parecia revestir-se de boa dose de paciência : preparava-se para cumprir dignamente o seu penoso encargo de superior, obrigado á ouvir todos os pareceres, e a não desprezar nem uma informação que podesse favorecer os interesses da companhia.

Sacudilo todo o pó, o padre Soares alisou os raros fios de cabellos da immensa calva, encheu as bochechas, afinou a garganta, e retrahindo o corpo levou a mão á capa do livro com a emoção do author que revê depois de muito tempo o fructo do seu trabalho e o filho de suas locubrações.

O conclave estremeceu de novo : presentiu que a borrasca ia desabar na forma de algum prologo monstruoso, recheado de textos, e citações ; e os ha tão longos que usurpam o espaço necessario ao desenvolvimento da obra ; e tão insulsos que fazem perder o gosto do livro antes de o ler.

Enganaram-se porém.

O autor no abrir a capa do alfarrabio, voltou atraz e deixou-a cahir.

— V. Reverencia talvez não saiba a historia deste livro ?

— Não, padre Mestre, não sei. Pois tem uma historia ? perguntou o Assistente com resignação evangelica.

— Tem-n'a, como tudo neste mundo..

— Bem pensado, padre Soares !

Os jesuitas olhavam-se com desespero mudo e concentrado ; em vez do prologo escripto, que talvez só fora adiado, tinham um proemio oral.

O padre Soares começou :

— Quando chegou á Madrid em 1592 a noticia de ter Roberio Dias morrido sem indicar o logar onde jazem as minas de prata, levantaram-se diversos boatos. No diser de uns, Roberio despeitado por que El-rei não lhe dera o titulo de Marquez, se vingára levando desta vida o seu segredo. Acreditavam outros que elle estava de boa fé, e nada revellara por se ter desencaminhado um roteiro que seu pai fisera do descobrimento. Queriam muitos finalmente que taes minas só tinham existido na voz publica, *in voce populi*.

— E hade concordar que era essa a opinião mais acertada ; disse o padre Molina bocejando.

— Foi a que mais correu, replicou o imperturbavel chronista. O summo Prelado da Companhia entendeu porem que não se devia desprezar, antes compria estudar o assumpto com a necessaria attenção. Procurou-se homem que se encarregasse de tão ardua tarefa ; a escolha recahiu no menos digno. Fui mandado a esta Provincia, e tirando forças dos bons desejos, cumpri a vontade soberana do Geral. Aqui tem V. Reverencia a resulta de deseseis annos de pêsquisas e trabalhos : creio que não foram perdidos.

— Descobriu V Paternidade as minas pelo que vejo ! acudiu o Assistente com ar de mofa.

— Não, Reverendissimo ;mas achei o modo de descobri-las.

Voltando então a capa do alfarrabio, o padre Soares lêu o gordo titulo da obra, escripto com tinta vermelha em bastardinho floriado.

O titulo rezava :

Memoria circunstanciada

Que

*A' respeito das famosas Minas de Prata de Jacobina
escreveu o padre Manoel Saares,
da Companhia de Jesus, Religiozo Professo,
e Chronista da Provincia do*

Brasil :

*Seguida de notas criticas e explicativas para
melhor intelligencia do texto.*

Cidade do Salvador. — Anno MDCVII.

Não se achava muito desenvolvido naquella época o espirito da associação litteraria, nem se tinham inventado ainda institutos e academias de todas as especies ; pois é natural que o Reverendo Padre Manoel Soares não se esquecesse de comemorar no frontespicio do livro, á guisa de alguns autores modernos, os seus diplomas scientificos.

Os olhos já apertados dos jesuitas começaram á toscanejar de uma maneira significativa.

— Tem esta memoria duas partes. Na primeira trata-se de saber que destino teve o roteiro de Roberio Dias. Na segunda procura-se conhecer aproximativamente o logar onde existam as minas. Vou ler...

— Tudo isso, Padre Soares? exclamou o Assistente em cujo rosto pintou-se o pavor que lhe inspirava semelhante leitura.

O chronista sorriu :

— O texto é pequeno e escripto em bastardinho ; o que avultam são as notas, e estas V. Reverencia consultará depois.

— Comtudo, não será melhor amanhã?

— Amanhã?... Ninguem sabe o que pode acontecer.

— Está bem, lêa Padre Soares ; disse o Assistente recostando-se no êspaldar da poltrona.

A imparcialidade do historiador nos põe o dever de protestar contra a injusta prevenção do respeitavel capitulo sobre a prosa do Reverendo Manoel Soares.

O illustre chronista da Provincia do Brasil, como Cervantes. havia pressentido já no seculo XVII a invenção da escola romantica, á qual deve a litteratura moderna tantos primores, e maiores extravagancias litterarias. A sua narrativa tinha a forma dramatica do poema antigo e a simplicidade do conto da media idade. O estylo chão e fluente

desmerecia talvez pela falta do nervo e concisão da frase quinhentista, mas compensava este senão com a naturalidade e singeleza da expressão.

E' pena que esse livro precioso se tenha perdido, pois sem contar a descoberta importante de que tratava, daria a historia que ora escrevo um testemunho irrecusavel de sua veracidade.

O jesuita abriu o alfarrabio com certa solemni-
dade e dispoz-se a começar a leitura no meio do
mais profundo silencio, pois era o silencio da mo-
dorra. De feito o capitulo; com excepção do Padre
Ignacio, absorvido em suas meditações, soffria
naquelle momento a acção soporifera que sobre
elle exercia a chronica das *minas de prata*; mas o
author, com a consciencia do merecimento de sua
oôra, não via senão o recolhimento de quem se prepara-
va á audicção.

Não ha noticia do que leu nessa noite o Re-
verendo Manoel Soares, chronista da Provincia
do Brasil; porque ainda é duvidoso que algum
dos respeitaveis conselheiros que compunham o
seu auditorio o ouvisse. Antes que o author che-
gasse ao fim da primeira parte, a grande alam-
pada, falta de oleo, crepitou e extinguiu-se.

Esse caso imprevisto dissolveu o capitulo com
verdadeira satisfação dos reverendos professos, que
foram acabar no leito o primeiro somno interrom-
pido. O ultimo á retirar-se foi o Provincial que de-

pois de fechar as arcas e armarios com a costumada prudencia entregou a correia de chaves ao Assis_tente, como superior da casa.

Já o silencio se restabelecera nas vastas salas e corredores do convento; todo o claustro parecia entregue ao repouso, quando de novo a luz mortiça de uma lanterna alvejou nas trevas, e veio caminhando na direcção do cartorio.

A chave rangiu na feixadura, e o Padre Gusman de Molina, pois era elle, penetrou no gabinete e fechou-se por dentro. Ahi demorou-se o resto da noite, lendo o grosso *infolio* do Padre Manoel Soares com ardente curiosidade. Algama vez parava para reflectir, mas proseguia logo com maior affan a interrompida leitura.

Afinal deparou com o que procurava. Leu e releu uma e muitas vezes a pagina; acabou arrancando-a sutilmente do ventre do alfarrabio. Dobrou-a e escondeu no bolso interno do habito; e restituindo o manuscripto á arca onde jazia, tornou com o mesmo misterio á cella que lhe haviam destinado.

O dubio pallor que precede a alvorada descorava o oriente, quando o visitador entrou na cella. Ainda uma vez absorveu-se na leitura da folha arrancada ao manuscripto, como si a quizesse decorar; depois abrindo o missal copiou em cifra, de que só elle tinha a chave, o contexto da pagina.

Então a chamma da luz que o esclarecia devorou lentamente a folha do manuscripto, cuja cinza pulverizou a mão prudente do jesuita.

O padre Gusman abriu o postigo da janella; a fresca brisa que impellia o pirajá da ponte do Padreão refrescou-lhe a fronte abrasada pela vigilia e por fundas meditações.

Longe recortavão no escuro do horisonte as collinas de Itaparica; sobre a polida face do mar passayão, como frouxos reflexos das estrellas, as vellas dos barcos pescadores que já se aproximavão de terra.

Nem mais borborinho de festa, nem mais rumores do mundo.

A cidade repousava fatigada das emoções da vespera, em quanto a natureza placida se preparava para a festa serena do nascer do dia.

Interrompeu a meditação do Visitador uma forte pancada vibrada na porta larga do convento por mão robusta e insoffrega. O jesuita debruçando-se á janella viu parado no portico um vulto armado; poucos instantes passados ouviu o dialogo que trocava o irmão porteiro com o desconhecido.

— Quem vai lá por taes deshoras?

— Um servo de Deus, irmão Bernardo.

— Um servo de Deus! resmoneou o porteiro.
Todos o são quando lhes faz conta.

— Pois não me conheceis? Manoel Baptista, escudeiro da Snra. D. Luiza de Paiva?

— Bem me queria parecer que já vos tinha ouvido a voz algures... Com que então sois Manoel Baptista?

— Sim, Mancel Baptista.

— O escudeiro da Snra. D. Luiza de Paiva?

— O proprio sem tirar nem por.

— Da Snra. D. Luiza, viuva do mercador...

— Isso mesmo, irmão Bernardo. Mas com o favor de Deus abri, que já me tendes aqui ha bom credo!

— La se vai, la se vai, irmão. Com que então sois escudeiro da Snra. D. Luiza, daquella que móra alem dos padres Bentos? Estaes certo disso?

O escudeiro mordeu nos beiços uma jura bem pouco cortez e desabafou abalando a portada com um murro furioso.

— Quereis faser a mercê de abrir?

— Esperai com Deus, irmão Baptista. A impaciencia é um pecado: e já agora fareis penitencia delle.

— Irmão Bernardo, irmão Bernardo! retrucou Baptista: tendes muitas palavras para leigo, e pouca deligencia para um porteiro. Queira Deus que a Snra. D. Luiza não faça disto sabedor o Reverendo padre Figueira, que certo o levará ao padre Provincial.

O argumento calou no animo do leigo, que resolveu enfim alumiar a candeia.

— Humm! humm! humm!... Mas em fim dizei d'uma feita à que vindes.

— Venho procurar o Reverendo padre Figueira da parte da dona.

— E que tamanha estreita é esta? Já se acha ella *in extremis*?

A portada abriu-se : o escudeiro como quem era conhecedor da caza barafustou pela escadaria em direcção aos dormitórios.

O padre Molina chegava á porta da cella para inquirir de Baptista o motivo de tão pressuroso chamado, que enviava D. Luiza ao seu confessor ; quando encontrou-se face a face com o padre Ignacio do Louriçal. Trocadas as saudações com a costumada humildade evangelica, o Visitador esperou que o religioso lhe communicasse o assumpto de visita tão matutina.

— Venho pedir a V Reverencia uma graça.

— Diga, padre Ignacio : e seja ella tal que eu possa satisfazer a V. Paternidade sem prejuizo do serviço de Deus.

— Não póde ser em prejuizo do serviço de Deos, pois é para seu maior serviço. Venho pedir a V. Reverencia que me deixe ir apostolar no sertão, entre os selvagens que tanto carecem da palavra

divina, da qual nunca seremos prodigos em demasia, nós os ministros do Senhor.

— De quando é essa meritoria inspiração ?

Seria a nossa chegada á esta casa que tanto afevorou o zelo de V. Paternidade ?

E como o jesuita não respondesse, o Visitador continuou em tom de severidade :

— Padre Ignacio, padre Ignacio, o orgulho é máo conselheiro. *Initium omnis peccati est superbia*, disse o Ecclesiastico. Hontem fui de contrario aviso ao seu, na maneira de entender o nosso santo ministerio ; e o fui por dever, que não por mundana vaidade de primar sobre o proximo. Doeu-lhe a contrariedade ; porisso quer já evitar a nossa presença. Não póde ser bem acceita á Deos a oblação que vem do máo pensamento.

— Humilho-me diante de V. Reverencia como um grande peccador que sou, mas de orgulho não me accusa a consciencia, padre Visitador. O apostolado foi sempre o meu constante desejo ; agora mais que nunca. Entre o gentio, um sacerdote ignorante e simples será sempre agradavel ao Senhor ensinando o evangelho : emquanto que nas cidades as obras são de vulto e os casos defficeis. As forças me fallecem para tamanha empreza.

— Recahiu em culpa e pena, padre Ignacio ; essa fingida humildade é soberba ainda. Amesquinha o apostolado ; mas está se vendo que sua intenção

foi exhaltal-o, desdenhando daquelles que se occupam com outros deveres, tambem arduos, do nosso Santo Instituto. Parece que a obediencia de V. Paternidade repugna com elles.

— A minha obediencia é sem lemites, padre Visitador, mas a minha intelligencia é acanhada. V. Reverencia me ensinou hontem que ha deveres que não sei comprehender ; confesso a minha fraqueza; temo que a minha rudez não me torne tibio e irresoluto. E' receio de peccar por ignorancia, padre Visitador ; não falta de zelo, menos soberba.

— Bem ; não começe punindo o uso dos plenos poderes que o summo Prelado da Companhia nos confiou para Reforma desta Provincia : vá apostolar o padre Ignacio. Quando V. Paternidade se achar só com a sua consciencia, conhecerá que tinhamos razão ; estou que nos verá então de animo constricto. Saiba porém que o maior martyriõ que levamos em offerenda ao Senhor não é o martyrio da carne, que nos tinge de vermelho a tunica e macera este pó de que fomos amassados. Oh ! que não ! Ha mais crú e de maior angustia. E' o martyrio d'alma, cheia de caridade e crivada das dores que affligem a pobre humanidade ; é a coroa de espinhos do apostolo mandado para resgatar o homem do peccado com as lagrimas e soffrimentos do proximo. Esse sim é martyrio ; não de sangue, mas do espirito.

Nesse momento o padre Figueira acompanhado do escudeiro de D. Luiza apparecia na extrema do corredor.

O escudeiro penetrando no convento correra direito á cella do confessor de sua ama, e sem dar-lhe tempo de vestir a capa, annunciára á que vinha :

— Padre Mestre ! Padre Mestre ! Trago recado da dona para que sem perda de tempo á vá soccorrer com seu adjutorio.

— O que houve lá ?

— Saberá o Reverendissimo que ignoro. A dona só me disse para trazer, que o caso era intrincado e ninguem mais lhe podia valer, sinão o padre Mestre.

— Isto foi o que mandaram dizer; diga agora o que sabe ; respondeu o Jesuita envergando o habito.

— O que eu sei ? Mas eu não sei nada, Reverendissimo !

— Manoel Baptista, você não está em estado de graça. Hoje é sexta feira: vou ouvil-o de confissão, antes de partirmos.

— Não é preciso, padre Mestre.

O escudeiro poz-se na ponta dos pés e segredou no ouvido do religioso, em cujo rosto se pintou o assombro do que ouvia

— A filha !.. A menina Elvira ?.. exclamou o frade.

— A' menos que não sejam cousas do tinhoso!..
Vade retrò!

— Bom, bom! Vamo-nos sem detença. Remiu a sua culpa, Manoel Baptista. De caminho rezará em voz alta tres credos; é a penitencia que lhe dou. Para outra vez a terá anoveada.

Encontrando o Visitador, o padre Figueira tomou-o de parte para communicar-lhe o motivo da sua deligencia. Pouco se demorou; logo descendo a larga escadaria de pedra, transpoz o limiar e cortou á passo miudo, mas rapido, na direcção dos Benedictinos.

Seguia-o de perto o Manoel Baptista, o qual em cumprimento de penitencia, declamava no tom da verdadeira compunção o *Creio em Deos Padre*.

O sol já vinha despontando: seus primeiros raios douravam os cimos das verdes colinas grupadas em pedestal á cidade, e iam carminar os labios das brancas nuvens esgarçadas pelo azul do céo.

O pirajá que durante a noite se desfizera sobre a cidade, humedecera o arvoredado, que ainda nesse tempo entrava pelo recente povoado, recortando as ruas e praças e dando á cidade uma feição campestre de amena singeleza. As aves silvestre atitavam na ponta dos telhados cobertos de parasitas; o gado mugindo alegremente retouçava á beira do caminho.

Era uma fresca manhã das que vigoram o corpo

nos paizes tropicaes, e lavam o peito com os acres perfumes das plantas; manhãs que já não se podem hoje gozar sinão longe das cidades, *procul negotiis*.

XIX.

PORQUE O IRMÃO BERNARDO NÃO ACABOU O SOMNO DA MADRUGADA.

Emquanto o padre Figueira, seguido pelo seu penitente acolyto, vai lesto galgando a estreita vereda que serpeja pelo valle na direcção dos Benedictinos, o compilador destas velhas memorias irá em busca de Christovão, que ficou em acção de contar á Elvira as festas do Terreiro do Collegio.

O vulto que á deshoras apparecera no pateo da casa de D. Luiza de Paiva e se adiantara manso e manso, era o caseiro e homem de confiança da rica viuva; melhor diriamos mordomo, si este cargo não fora privativo das casas de primeira nobreza.

Quando Elvira, reconhecendo Christovão em baixo de sua janella, soltou a imprudente exclamação do jubilo que lhe causava a presença de seu

amante, o caseiro não dormia. Privado da festa pelas praticas severas da viuva, que impunha o seu beatismo aos proprios famulos. Manoel Baptista se consolava com alguns restos da adega do fallecido mercador, e preparava-se por meio de uma ceia fria e succulenta para o jejum da sexta feira.

Ouvindo o extranho grito, o caseiro passou a cabeça pelo postigo; viu um vulto galgar a janella de Elvira, e desaparecer no interior. O doce murmurio de vozes abafadas, que lhe trouxe a brisa d'aquelle lado, fez-lhe comprehender o que se passava, e collocou-o em serio embaraço.

Si o desconhecido fora um malfeitor, o negocio era simples. Baptista tinha no canto armas de boa tempera, e sempre prompto um braço robusto e agil. Mas era outro o caso; a menina levaria de certo á mal qualquer acto de violencia contra seu namorado; e o prudente caseiro não se julgava habilitado á obrar, sem ordem expressa da Dona.

Firme nessa resolução, fechou o postigo, fez desaparecer os vestigios da ceia, foi direito á camera da aia, a quem mandou accorder a viuva. Esta presentindo um extraordinario acontecimento. se ergueu e compoz logo.

— Que ha Baptista?

O caseiro contou quanto sabia.

— Julgais que elle ainda ali esteja? perguntou a dama depois de ouvi-lo friamente.

— A não ter sahido emquanto vim prevenir-vos..

— Pois ide e guardai a janella. Dizeis que não é um ladrão; é um ladrão, vos affirmo eu, ladrão da minha honra e socego! Tratai-o como tal!

Baptista voltou; D. Luisa tomando uma adarga na antiga armadura de seu marido, erguida ao lado da sala, dirigiu-se, ella só, para o quarto de sua filha.

Elvira e Christovão sentados no estrado repetiam ainda uma vez as juras e doces protestos de eterno amor, quando a menina viu pelo espelho do trumó o lado opposto da tapeçaria que afastavam, e o vulto de sua mãe que surgia livido e ameaçador, cerrando na mão convulsa o punhal meio occulto pelas dobras da roupagem.

Ella viu, pasma do grande terror, o vulto crescer e caminhar com passo hirto, abafado pelo tapete; Christovão sem aperceber-se da mudança do seu semblante murmurava as ternas fallas que ella já não escutava. Mas quando o punhal, vibrado pela mão nervosa, scintillou aos reflexos da luz, rapida como o pensamento, Elvira soltou um grito selvagem, e envolvendo o corpo de seu amante, furtou-o ao golpe mortal. A ponta do ferro ainda rasgou a cambraia da anagoa, esfrolando a cutis setim da mimosa espadua.

Houve grande silencio; as tres personagens desta scena formavam um bello grupo.

Christovão, que se erguera sorprezo, estava immovel, de cabeça baixa; em face D. Luiza, muda e sombria, com o collo destendido, parecia espreitar a preza; Elvira, de cabellos desgrenhados, o labio tremulo, as roupas espedaçadas e rubras de sangue, era sublime na ferocidade do seu amor. Todá debruçada sobre o cavalleiro, que ella defendia com o corpo, voltando o rosto sobre a espadua para fitar sua mãe, com uma das mãos estreitava o amante ao seio e com a outra tacteava o cabo do punhal na cinta de Christovão.

E assim, mãe e filha affrontavam-se, uma nos seus instinctos de cruel vingauça, a outra no heroismo de sua vehemente paixão. Mas era sborehumano o esforço: não podia durar. D. Luiza deixou cahir o punhal da mão: Elvira desmaiou no braços de Christovão.

O moço pousou sobre o estrado o corpo innanimado de sua amante, e foi ajoelhar aos pés da dama.

— Fugide á minha vista! gritou D. Luiza suffocada pela cholera.

— Grande foi meu crime, Senhora; seja grande o vosso castigo Si me julgais indigno do amor de Elvira e do vosso perdão, pareça eu pela mão que ultrajei, mas quizera beijar como filho.

Christovão proferiu estas palavra apresentando o punhal que erguera dos pés da dama. D. Luiza

hesitou um instante; afinal mostrando a janella com um gesto energico, exclamou de novo:

— Sahide! Não insulteis esta casa com a vossa presença! Sahide!

O moço conheceu que não havia lutar contra tão violenta colera; dirigindo-se a janella, saltou no pateo.

A mãe de Elvira correu immediatamente para espreitar o que passava fora; viu quatro vultos que se precipitaram sobre o cavalleiro apenas elle tocou o chão. Soou logo o estrepido dos pés que batiam como si a luta andasse travada entre adversarios; apoz o tinir de armas que esgrimiam.

Elvira sahiu do desmaio, como por extranha impulsão. Ergueu a cabeça e inclinou o ouvido para receber os ligeiros rumores que vinham de fóra. Quando distinguiu a natureza do som aspero e metalico, que lhe errigava os cabellos, surgiu de um salto, offegante e esvairada.

Sua mãe, vendo-a precipitar-se para a porta entre-aberta, apenas teve tempo de gritar-lhe:

— Elvira! onde vais?

— Morrer com elle!... exclamou a menina sumindo-se pelo corredor.

Instantes depois uma branca sombra atravessou veloz pelas trevas da noite, passou entre as espadas nuas, e foi cahir nos braços de Christovão. O moço reconheceu a sua Elvira querida, e julgou-

se feliz de poder aperta-la ao seio ainda uma vez antes de morrer.

As armas abaixaram-se diante da donzella, que se voltara para os agressores dizendo-lhes :

— Matai-me primeiro á mim !

Baptista que capitaneava os creados não sabia como desatar este nó, quando para desencargo seu, D. Luiza appareceu no pateo.

— Fugi ! Eu vo-lo supplico ! disse rapidamente Elvira ao ouvido de Christovão.

E como elle hesitasse :

— Salvai-vos por mim, e para mim !

— E vós, Elvira ?

— Não temaes. E' barbara, mas é mãe.

Subito, uma voz possante cortou o silencio do ermo, e elevou-se cheia e sonora, modulando ao longe uma chacotá popular da época :

« Santo Antonio de Argoim
Sentou praça de soldado ;
Tem capa de cramesim,
Ganha de soldo um cruzado,
Santo Antonio de Argoim. »

Christovão escutava com alegre sobresalto esse descante a horas mortas, quando depois de breve pausa a voz atacou a segunda copla :

« Cachopa de Matoim,
Dá-me praça em teu cuidado,

Por capa a fralda setim,
De soldo um riso lavado,
Cachopa de Matoim. »

O leitor curioso de conhecer a chronica de Santo Antonio de Argoim, a quem deu El-rei, em premio de seus bons serviços, praça de soldado raso na Fortaleza da Barra e o soldo correspondente, póde lêr as memorias do tempo ; basta-lhe saber para melhor intelligencia desta historia, que Santo Antonio de Argoim era então o santo mais milagroso da Bahia, como tal celebrado nas cantigas do popular ; e bem assim que as cachopinhas da ribeira de Matoim traziam de canto chorado os seus adoradores.

Christovão tinha, antes que terminasse a segunda copla, levado as mãos á boca ; e soltara pela expulsão do ar comprimido, um desses assobios longos e agudissimos, como se ouvem nas assuadas da plebe. Havia porém uma modulação especial no aviso do cavalleiro ; depois do sibilo vivo e prolongado que subio ao ultimo tom da gama, sentiu-se como um tremulo de aspiração , e por fim tres notas soltas e destacadas.

Era visivelmente um signal que Christovão mandava á alguem atravez da distancia que o separava : mal expirou o écho entre os murmurios da noite, um assobio inteiramente semelhante respondeu longe ; dahi um instante mais perto e

rapido, talvez pedindo a direcção do sitio d'onde partira o aviso.

— Tranquillisai-vos, Elvira minha. Estou salvo! disse o moço depois de ter dado a replica ao misterioso dialogo.

Era tempo, porque D. Luiza chegando travara do braço da filha, e procurava arreda-la do lugar da luta. Elvira quiz resistir ainda ; mas um gesto cheio de confiança de seu amante, e um novo signal muito proximo que annunciava o prompto soccorro, a persuadiram. Seguiu lentamente a mãe até o meio do pateo : ahi foi necessario que a aia a tomasse ao collo para faze-la entrar a força.

Retirando-se a viuva voltou para Baptista, e atirou-lhe estas palavras em tom breve e rispido:

— Ahi o tendes!

O caseiro, visivelmente preocupado com o singular dialogo de Christovão, sondava as trevas em torno, julgando vêr surgir á cada momento d'entre a ramagem alguma quadrilha de alguasis ou bando de homens d'arma. Obedecendo porém ao pensamento, mais que ás palavras da fidalga, fez um signal aos acostados, e avançaram em linha contra o cavalleiro já preparado para recebe-los.

O combate continuou. Christovão já ferido defendia-se com a espada na mão direita, e na esquerda um forte bastão que improvisára de um galho seco. Mas o que o salvava ainda era a ligei-

reza do salto, que não permittia aos aggressores cerca-lo, e feri-lo pelas costas.

Contudo a posição do cavalheiro tornava-se critica : recuando se aproximara do largo e fundo vallado que cercava o pateo da casa ; a estreiteza do espaço já não lhe permittia as livres e rapidas evoluções com que resistira á grande superioridade do inimigo.

Nisto assomou da outra banda uma figura de homem seca e pernalta, que avançava com passo tardo e desgarrado.

Nesse andar preguiçoso vencia o sujeito mais distancia que o melhor caminheiro á todo estirão : mas tambem quando elle abria o largo compasso das pernas, e assentava a chanca espalmada n'um socco de couro crú, parecia que se escarranchava no chão, para surdir de novo e de novo mergulhar na passada desmedida. A estatura descia então mais de palmo; os braços abanados e já longos de si rastejavam quasi; e o enorme tamanco deixava no chão um surco profundo.

Era uma ridicula figura !

Trasia, atirado para as costas e preso ao pescoço por um rosario de côco, um grande chanfallio de folha larga e fornida, semelhante aos que ainda hoje usam alguns sertanejos ; e serve ao mesmo tempo de faca, de espada, de cavador e fouce á quem anda habitualmente pelos matos virgens.

Um comprido varapão com pontas de ferro, atravessado por baixo dos braços ao travez do lombo, completava o esquipamento guerreiro do grotesco personagem.

Chegando a beira do vallado aprumou o talhe e mostrou um instante a descommunal elevação da estatura : mas logo, vergando como um arco sobre o fosso, o olhar felino prescrutou as sombras e viu o que se passava do lado opposto.

Christovão tambem o vira e reconhecera, pois o chamou pelo nome:

— João Fogaça!...

— Tente com elles, Christovinho : tres botes ainda, enquanto engambito este vallo de mil demonios !

— Avia, amigo, sinão tarde chegarás ! respondeu o cavalleiro.

— Seria a primeira vez, que tal me acontecesse, rapaz ! Ai, que neste geito, não me deixas nem um dos malandros, para que eu tenha o gosto de tosar-lhe a pelle.

Christovão com effeito acabava de prostar um dos adversarios; mas ainda restavam quatro, contra elle ferido e debilitado com a perda de sangue; quatro assassinos excitados pela resistencia heroica, pela ambição do salario, e o receio do novo e fresco innemigo que se aproximava.

— Espera, corja de biltres ; eu já te dou a

amostra do panno. Vais ver de que massa é feito João Fogaga, o capitão de matto....

E ficando os pés na borda, colheu as curvas elasticas, para salvar de um pulo temerario toda a largura do fosso: mas um obstaculo imprevisto sobreveiu.

Duas mãos robustas pesaram-lhe sobre os hombros, quando elle já desenvolvia o salto :

— Alto lá, camarada ! proferiu voz extranha.

O capitão de matto, sentindo falhar-lhe o primeiro impulso pela brusca intervenção, teve apenas o tempo de saltar para traz, e por-se em deffeza contra a aggressão inesperada. Achou-se então cercado por seis homens que chegavam sobre os seus passos.

Um delles, que parecia ter sobre os outros certa proeminencia de chefe, fora quem retivera o capitão de matto no momento em que este ia saltar o fosso.

— Peae-me já este sendeiro manhoso, vos outros; disse elle para os companheiros.

E adiantou-se para o vallo :

— Que é isso lá ? gritou para a outra banda.

— E' um homem que assassinao covardemente! disse Christovão.

— Olé, Anselmo ! exclamou Baptista. Foi Deus que vos trouxe por essas bandas para dar-nos uma demão cá neste negocio.

— O negocio é vosso, mano; o meu ainda não sei qual seja: respondeu Anselmo.

— Tambem já está a concluir, accodiú o cazeiro; basta que tenhaes fillado, um credo só, esse encazinado de capitão de matto!..

— Hade-se ver isso!..

O Anselmo voltou-se para conhecer a causa do rumor que ia entre os seus e João Fogaça; sentindo as costas guardadas, continuou a conversa:

— Antes de correr o dado, olha-se a parada, amigo Baptista. Ainda não sei como falla esse cavalleiro, que vende a vida mais caro do que desejais. Vede!..estroncou-vos o braço!.. Si elle tem a bolsa tão pesada, quanto o bote que vos atirou, estou apostando que não lhe levareis a melhor.

— São vossas dez moedas! exclamou Christovão animado de subita esperança.

— As fallas são boas; retrucou Anselmo. O que falta saber é si as obras correspondem.

O salteadoor armou o arcabuz:

— Eh lá, amigo Baptista! Arredo, sinão quereis que vos faça um fricassé dos miolos. Tregoa, enquanto me entendo cá com o fidalgo.

— Mas, Anselmo, isto é uma acção má que faseis, e de que vos heis de arrepender cedo ou tarde!

— Tendes mais de dez moedas para picar o pareo?

— Quando as tivesse, não serieis vós que lhe haviéis de pôr o gadanho, bulrão!

— Pois não me obrigueis á fazer uma boa acção, mandando-vos direitinho para as caldeiras do compadre Botelho. Arredo, vos' digo eu!

Baptista, diante da boca do arcabuz voltada para elle, cedeu bem contra a vontade, e recuou com os seus companheiros a uma pequena distancia.

— Mais! Mais!.. Sois madraço, mano, mas não me embaçaes! Bom! Agora, meu fidalgo, contai as dez moedas, atirai cá a bolça, e dou-vos carta de seguro até a vossa porta. Mesmo si quereis, podemos preparar para vosso divertimento um sarapatel desses quatro borregos que ahi estão tanto ha para matar um homem. Quanto ao Maneco, eu lhe apararei as orelhas para d'outra feita ouvir melhor!

Christovão desgraçadamente não tinha bolsa comsigo; a que elle trouxera, vinha cheia das prendas que déra a Elvira. Presentindo porém que o desconhecido não lhe prestaria o promettido auxilio sem palpar as moedas, o cavalheiro assentou de ganhar tempo, fingindo procurar um objecto que elle sabia ausente.

— Muito custam a desatar os cordões da vossa bolsa, meu fidalgo: disse Anselmo já desconfiado da demora. Tão leve a trazeis, que não sentis onde vos pesa

O moço tinha ao menos conseguido descansar algum tempo ; fingiu pois que de novo procurava, e aproximando-se do fosso, respondeu a meia voz :

— Sem duvida cahiu-me a bolsa na luta ; mas com isso nada perdeis. Hoje mesmo vos contarei não dez, sinão vinte moedas. Palavra de cavalleiro !

— Ai ! meu fidalgote de solia ! Cuidei que tinheis outro metal de voz ! O vosso não tire, nem mesmo a prata velha !

— Chega-te mais perto que eu te farei tinir. no costado outro metal de melhor cunho ! retrucou o moço sentindo revoltarem-se os brios.

— Estaes assim com essa pressa de esticar a canella ? Pois faça-se a vossa vontade. Vou tirar-vos este gosto, manos !

E de feito apontava o arcabruz para Christovão.

Emquanto isto se passava á beira do fosso, outro incidente tivera logar ali perto.

Os cinco desconhecidos obedecendo á ordem do chefe tinham corrido sobre João Fogaça para segura-lo ; mas o capitão do matz sempre impassivel interioçou a perna esquerda, e levantando a direita horisontalmente, girou sobre si mesmo com velocidade incrível. Por onde passou o corrupto do enorme tamanco ferrado, si encontrou braço destroncou, si bateu em cabeça rachou.

— Ainda faltam seis para a minha conta! disse o capitão de matto contando os adversarios collocados em respeitosa distancia e bem maltratados do primeiro ataque.

João Fogaça ruminava nos meios de soccorrer Christovão, quando as cousas tomaram melhor aspecto com o offerecimento das dez moedas. Sempre alerta acompanhou os incidentes da scena: si os seus adversarios faziam o menor movimento para ataca-lo, o compasso da perna abria-se como para mostrar o raio de circulo que não podiam transpor; e tanto bastava para que elles recuassem logo.

Mal Christovão declarou ter perdido a bolsa, o capitão de matto presentindo o desfecho tomou a sua posição de ataque; mas dessa vez o corrupio avançando rechaçou os cinco bandidos para os lados, e aproximou-se do fosso no momento em que Anselmo levava o accabuz á face.

De um revez do pé, o capitão de matto atirou com o salteador no fundo do vallado. Já os outros porém estavam com elle, e o impediam pela necessidade da defesa de tentar o salto difficil sinão impossivel do largo fosso.

Christovão estava prestes á succumoir, sob as espadas que o ameaçavam de novo, depois da curta tregoa. Cançado da heroica deffesa, perdida já toda a esperanza, se atirára com raiva e desespero sobre

es agressores. Mais um cahiu sob o fio da sua espada; porém restavam tres, e por cumulo de infelicidade acabava de receber na curva um golpe, que o forçara a ajoelhar. Nessa situação extrema o que o sustinha ainda não era já o instinto da conservação, mas sede de vingança somente. Queria antes de morrer, matar mais um, todos si possesse, dos seus vis assassinos.

Que fazia entretanto Elvira?

Morria e revivia para tornar á morrer de mil mortes, que lhe dava a cruel angustia. Com o ouvido á escuta, absorvida toda na sua afflicção, ajoelhada aos pés do crucifixo, queria orar e não podia. A alma ia-se de Deus ao triste amante.

FIM DA PRIMEIRA PARTE.

INDICE.

1.^a PARTE.

| | |
|--|-----|
| X.—Do como se correu segunda lança. | 7 |
| XI.—O que tem de ser sempre é. | 21 |
| XII.—Da sabia controversia de dous canonistas sobrecasos de consciencia bem escabrosos. | 37 |
| XIII.—Dos combates que houve em honra da prin- ceza moura. | 51 |
| XIV.—Que reza de magarefes e alfelociras | 67 |
| XV.—Do que são rosas e mais amores. | 83 |
| XVI.—Que fazia Elvira enquanto Inezita bailava os machatins | 99 |
| XVII.—Em que os argueiros parecem cavalleiros. | 111 |
| XVIII.—Quanto ingrato já era no seculo XVII o mister de escriptor | 129 |
| XIX.—Porque o irmão Bernardo não acabou o somno da madrugada. | 145 |

•

ADVERTENCIA.

Este volume, como o primeiro, devia ser acompanhado de algumas notas ; ficam ellas reservadas para o seguinte, já que a provança porque o author acaba de passar não lhe permittiu colligil-as a tempo da publicação.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).